



**Sintaxe e Semântica do Verbo *Ser* no Romance *em nome da terra* de
Vergílio Ferreira**

Por

Sandra Maísa Vidinha Carmo

Dissertação de Mestrado em Ensino da Língua e da Literatura Portuguesa

Orientador: Professor Doutor João Malaca Casteleiro

Funchal

2004

A autora deste trabalho contou, enquanto bolseira, com o apoio das seguintes entidades:
C.I.T.M.A. – Centro de Ciência e Tecnologia da Madeira, Fundo Social Europeu e
P.O.P.R.A.M. – Programa Operacional Plurifundos da Região Autónoma da Madeira.



“Ser ou não ser, eis a questão.”
Shakespeare, In *“Hamlet”*,

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos aqueles que me são queridos,
em particular ao Tiago e ao Miro.

Apresentação

O meu encontro literário com Vergílio Ferreira deu-se há cerca de seis ou sete anos, quando resolvi comprar e ler *Cartas a Sandra*, romance que como o nome indica é escrito como se de uma compilação de cartas se tratasse e que foi deixado incompleto e editado postumamente. Esta edição póstuma é da responsabilidade da herdeira (esposa do autor) e do Círculo de Leitores.

Inicialmente, confesso, fui seduzida pelo título, mas depois, a leitura da obra deixou uma vontade sôfrega de querer saber mais sobre a escrita vergiliana.

Nas disciplinas de literatura da minha licenciatura, pouco ou nada se tratou sobre Vergílio Ferreira mas, apesar disso, encetei algumas pesquisas e leituras que me foram despertando, cada vez mais, o interesse e a predilecção pelas obras deste autor.

Mais tarde, já no Curso de Mestrado, ponderei a possibilidade de uma abordagem ao romance *em nome da terra* e sobre o qual tinha conhecimento da existência de alguns trabalhos, na sua maioria, ao nível da análise literária e/ou estilística. Com uma apetência natural para a área da linguística, considerei com carinho a hipótese de elaborar uma Dissertação de Mestrado que se aproximasse mais do campo da interpretação e análise linguísticas, nomeadamente do valor do verbo *Ser* na escrita vergiliana e, em particular, no romance-problema em jeito de carta.

Consciente de que a tarefa não iria ser fácil, que teria, necessariamente, que envolver a leitura e releitura (nalguns casos de modo transversal) de todo um conjunto de produções, quer do autor, quer dos que ao seu estudo se dedicaram, quer ainda de obras de carácter filosófico e existencialista, foi com agrado que comecei a minha pesquisa e, *a posteriori*, a selecção dos materiais que julguei pertinentes para a prossecução do objectivo que me tinha proposto.

Por conseguinte, tenho que agradecer a todas as pessoas que me ajudaram, de uma ou de outra forma, em especial ao Professor Doutor João Malaca Casteleiro, pelo facto de ter aceite o meu pedido de orientação da presente Dissertação, pela sua disponibilidade e paciência, pela cedência de alguns materiais, pelos seus comentários sábios e experientes e, acima de tudo, pela sua sabedoria na matéria e pelo interesse

demonstrado quanto ao tema, o que se traduz, ao que julgo, naquilo que se entende, verdadeiramente, por orientação de uma Dissertação de Mestrado.

Agradeço também aos colegas do curso que me motivaram, em particular à Judite e à Natália, que tiveram a coragem de assumir um compromisso de amizade, pelo facto de me ouvirem, questionarem e, principalmente criticarem e encorajarem aquando das nossas discussões sobre este meu trabalho.

Por último, não poderia deixar de referir e agradecer igualmente a simpatia com que fui recebida pela Dona Augusta e pelo senhor professor José Rodrigues, na Vila Josephine¹, morada de férias de Vergílio Ferreira, em Melo, e onde foram escritos muitos dos seus trabalhos (nas férias grandes, com uma caneta de nanquim virada ao contrário, para conseguir uma caligrafia mais fina e apurada, e num sofá cor-de-rosa-velho, ao pé da janela, com uma tábua nos joelhos a servir de escritório, o cinzeiro do lado esquerdo²). Gostaria ainda de agradecer a sua pronta e sábia ajuda, por terem partilhado comigo detalhes sobre o autor e que não vêm nos livros, sendo o Professor, ele próprio, um livro aberto no que se refere ao seu cunhado e amigo Vergílio, aos seus trabalhos, à sua vontade de valorizar um escritor que lhe foi tão próximo... Agradeço-lhe ainda o privilégio de me ter permitido trabalhar um pouco no *escritório* do autor. Esse momento proporcionou-me mais uma de muitas *alegrias breves* de que tem sido constituída a minha também breve existência, e a consciencialização para o facto de que *o meu caminho ainda fica muito longe* e, fazendo uso de palavras de Vergílio Ferreira: “*A estrada é larga e segura porque foi construída apenas pela experiência dos homens. Não percas mais os teus passos pela areia movediça e estéril...*”. Procurarei, pois, seguir estes e outros sábios conselhos, à medida que desenvolver este trabalho.

A autora

¹ Vide Figuras 2 e 3, Anexo 2.

² Vide Figura 6, Anexo 2.

Índice

Apresentação.....	3
Nota Introdutória.....	6
Introdução	7
Capítulo 1	
1. Vergílio Ferreira, uma vida, uma grande obra.....	12
1.1. Vergílio Ferreira, o Escritor.....	17
1.2. Percurso Literário do Autor de <i>em nome da terra</i> : do Neo-Realismo ao Existencialismo.....	21
Capítulo 2	
2. <i>Em nome da terra</i> : Linhas Gerais do Romance.....	26
2.1. <i>Em nome da terra</i> : mais um romance problema.....	28
2.2. <i>Ser</i> , O Existencialismo e as Filosofias da Existência.....	31
Capítulo 3	
3. A Sintaxe e a Semântica do verbo: estudo particular do verbo <i>Ser</i>	38
3.1. O verbo <i>Ser</i> nas gramáticas.....	43
3.2. O verbo <i>Ser</i> nos dicionários.....	43
3.3. O verbo <i>Ser em nome da terra</i>	73
3.3.1. <i>Ser</i> verbo.....	80
3.3.1.1. Perífrases verbais com <i>Ser</i>	84
3.3.1.1.1. <i>Ser</i> com auxiliares temporais.....	87
3.3.1.1.2. <i>Ser</i> com auxiliares aspectuais.....	88
3.3.1.1.3. <i>Ser</i> com auxiliares modais.....	92
3.4. <i>Ser</i> e Predicações recorrentes.....	95
3.4.1. <i>Ser</i> com Predicações nominais.....	95
3.4.2. <i>Ser</i> com Predicações adjectivais.....	96
3.5. <i>Ser</i> enfático.....	98
3.5.1. A expressão fixa “é que” <i>em nome da terra</i>	100
3.6. <i>Ser</i> nominalizado.....	104
Conclusão.....	107
Bibliografia.....	110
Anexo 1.....	117
Anexo 2.....	229

Nota introdutória

Ao abordarmos neste trabalho o estudo da sintaxe e da semântica do verbo *Ser* no romance *em nome da terra* de Vergílio Ferreira, e por julgamos necessário recorrer ao mesmo sempre que acharmos pertinente devido a critérios metodológicos, seleccionámos do romance apenas os excertos em que ocorreu o mesmo verbo. O número desses excertos ou das citações do *corpus* irá aparecer entre parênteses, como por exemplo: (351) que remete para a citação ou excerto seleccionado correspondente a esse número. Este *corpus* poderá ser consultado no Anexo 1.

No Anexo 2 resolvemos mostrar alguns dados que julgámos importantes e que pensamos contribuir para uma melhor leitura das informações que aqui apresentamos, fruto da nossa investigação, mas que porventura poderiam assumir um carácter muito pessoal se inseridos no corpo do texto da presente Dissertação.

Introdução

“*Ser ou não ser, eis a questão*” foi a frase shakespeariana que escolhemos, propositadamente, para nos dar o mote e a inspiração para a realização da presente Dissertação de Mestrado, que nos remete para a questão central que queremos ver aqui resolvida: A questão do *Ser*, numa primeira e breve análise, de carácter filosófico e existencialista e, numa outra, de carácter sintáctico e semântico.

O autor de *em nome da terra* também escolheu uma frase bastante simbólica para lhe servir de inspiração – “*Hoc est corpus meum*” – retirada do livro sagrado que orienta a vida e a moral do povo cristão. Não foi por acaso que esta foi a frase escolhida por Vergílio Ferreira, remetendo para a conformação do ser humano perante a sua existência terrena e de passagem, com a esperança de ressurreição para uma vida transcendente, divina.

O estudo da produção vergiliana está, nos dias de hoje, bastante esbatido, a um nível literário e estilístico. São vários os estudiosos e especialistas que dedicaram algum do seu tempo e trabalho a Vergílio Ferreira, não só pelo valor das suas obras mas também pelo facto de o escritor ter deixado a sua marca na literatura portuguesa e figurar na galeria dos grandes autores portugueses contemporâneos.

“ O estudo do texto literário contempla o estímulo e o desenvolvimento da reflexão crítica, da sensibilidade estética e da imaginação (...). No entanto, a sua abordagem – sem enfeudamento a qualquer modelo – toma na devida conta o facto de não se estar formando no Ensino (...) futuros professores ou técnicos de análise e de todo recusa o texto com o pretexto para veicular ou aplicar nomenclaturas ou para estiolar a actividade projectiva do leitor”.³

É certo que o estudo de algumas obras de Vergílio Ferreira, como é o caso de *Uma esplanada sobre o mar*, *A palavra mágica* e do romance *Aparição*, está contemplado nos programas de língua e literatura portuguesa do nosso sistema de

³ G.G.E.B.S, *Português, Organização Curricular e Programas – Ensino Secundário*, p.123.

ensino básico e secundário, também é verdade que outras obras do mesmo autor teriam um justo lugar nestes mesmos programas.

Somos conscientes de que aos alunos, cada vez mais ávidos de conhecimento, por vezes não se lhes proporcionam as abordagens mais adequadas e, por conseguinte, nem sempre ocorrem as aprendizagens desejadas, embora saibamos que o próprio texto, pela sua natureza, exige o método mais adequado o que, desde logo, implica a rejeição de modelos únicos de aprendizagem⁴.

Sabemos, também enquanto professores, que se pode e que se deve proporcionar aos alunos um maior contacto com a literatura portuguesa, não só para que aprendam a ler e a interpretar textos, mas também para que façam um uso adequado daquela que é a sua língua materna, tendo como referência literatura de qualidade. E a verdade é que existem, efectivamente, na nossa praça, autores contemporâneos de qualidade, e ainda por cima a escrever obras de qualidade e que, no nosso entender, vão ao encontro dos interesses dos alunos – não apenas pela temática abordada, mas igualmente pela simplicidade dos aspectos diegéticos – e dos objectivos dos programas oficiais do Ministério da Educação – que pretendem que os alunos adquiram todo um vasto leque de competências linguísticas e literárias no final de cada ciclo de Ensino, ao mesmo tempo que desenvolvem o conhecimento e apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas⁵:

“A realização do Programa deverá assim, favorecer as actividades que propiciem a manifestação de competências ao nível do desenvolvimento intelectual, pois nele estão consignadas operações cognitivas de compreensão e representação, de relação e de criatividade...”⁶

O que dá azo à criação de um espaço de convívio cultural transversalizado pelas experiências, crenças, ideias, opiniões, sonhos e expectativas, toda a carga vivencial marcada por um meio diferenciado de que o aluno é portador⁷.

⁴ *Op. Cit*, p.25.

⁵ Lei de Bases do Sistema Educativo, Capítulo 1, artigo 7º, alínea g).

⁶ G.G.E.B.S, *Português, Organização Curricular e Programas – Ensino Secundário*, p. 46.

⁷ *Idem*.

Importa nesta parte tornar explícito que a abordagem que iremos fazer a uma das obras de Vergílio Ferreira será de teor mais linguístico do que literário. Para tal, escolhamos *em nome da terra*, um dos seus últimos romances. Julgamos que nele se podem colher os frutos mais maduros de uma longa vida dedicada à literatura e ao ensino. As várias leituras que fizemos do romance levaram-nos à percepção da sua simplicidade – ao nível da linguagem utilizada – bem como da presença constante e quase necessária do verbo *Ser*, um dos verbos mais utilizados na língua portuguesa pelo falante comum. Este facto despertou-nos uma grande curiosidade, o que nos levou a questionarmo-lo. Após o levantamento das ocorrências do mesmo verbo, em contexto, adoptámo-las como o conjunto de enunciados necessários para o presente trabalho. Será pois a partir deste *corpus* que desvendaremos alguns dos segredos da escrita vergiliana.

Depois de um breve passeio pela vida e obra do escritor, passaremos à fase que importa e que justifica o título do presente trabalho – Sintaxe e Semântica do Verbo *Ser* no Romance *em nome da terra* de Vergílio Ferreira – de forma a lhe imprimirmos um carácter rigoroso, ordenado e sistemático, expondo as regularidades que porventura ocorram. Feito isto, expandir-nos-emos até ao ponto de verificar que tipo de manobras literárias e linguísticas o autor utilizou, como usou o verbo *Ser* na sua escrita, e de que forma o associou a outras palavras, ou até mesmo a outros significados, para além dos que constam nos dicionários e gramáticas. Não esqueçamos, porém, que haverá também uma necessidade de explicar, à luz das teorias filosóficas da existência, a primeira das acepções de *Ser*: existir, para melhor atingir todos os possíveis significados que *Ser* alcança no romance.

É nossa pretensão final analisar, sucintamente, o estilo linguístico vergiliano, e concluir em que medida o verbo *Ser*, nas suas vertentes sintáctico-semânticas, representa um papel principal, ou não, na escrita do autor do romance em estudo.

Temos ainda a referir que o nosso percurso, na pesquisa e sistematização dos dados bio-bibliográficos que apresentamos, nos levou a ter que percorrer livrarias e bibliotecas no Norte e no Sul de Portugal Continental, indo mesmo até Espanha, de Melo e Gouveia, de Évora e Badajoz, Lisboa e Coimbra, devido às limitações próprias da insularidade da Madeira que não puderam satisfazer todas as nossas necessidades.

Capítulo 1

1. Virgílio Ferreira, uma vida, uma grande obra

“Toda a biografia é uma rede de sinais que apontam o vazio do que jamais poderemos saber. Mas é nesse vazio que falta que está a razão do que chegou até nós.”

*In Escrever*⁸, Vergílio Ferreira.

Vergílio Ferreira desde muito cedo revelou gosto pelas artes mas, como destaca Carlos C. Leme «No princípio não era o verbo. Antes de ser escritor, Vergílio Ferreira queria ser... violinista⁹. A ideia, confessa, fascinou-o aos sete, oito anos de idade. (...) a fascinação era grande, como agora reconhece. (...) O primeiro contacto com “o estar em arte”, ainda antes da música, foi com a arte de representar. “Pisei pela primeira vez um palco aos seis anos. (...) Depois, no seminário, lá me acharam com veia de actor e lá me meteram a fazer teatro e fazia dramalhões de três e quatro actos.”¹⁰ Mais tarde, o próprio autor confessa a Maria da Glória Padrão: “Não preferi a minha arte: calhou-me. Ou talvez que seja essa a sorte de todas as preferências: escolhe-se sempre o que nos coube, ou seja o que se é. Mas a verdade é que, se na escolha se escolhesse, escolheria a pintura.”¹¹

Vergílio António Ferreira, o Autor de *em nome da terra*, nasceu em Melo¹², Gouveia, distrito da Guarda, na região da Serra da Estrela, às quinze horas do dia 28 de Janeiro de 1916, numa sexta-feira. Em Melo passou a infância, sendo educado dentro das normas do catolicismo, logo desde os dois anos, visto os seus pais, António Augusto Ferreira e Josefa Ferreira, emigrarem para os Estados Unidos, deixando Vergílio, sua irmã e irmão ao cuidado de uma tia e da avó materna – a dor da separação foi descrita em *Nítido Nulo*.

⁸ Edição de Hélder Godinho, p.20.

⁹ Vide Fig. 4, Anexo 2.

¹⁰ Jornal *Público*, 28 de Janeiro de 1993.

¹¹ Vergílio Ferreira, *Um escritor Apresenta-se*.

¹² Vide Fig. 1, Anexo 2.

Depois de uma peregrinação a Lourdes¹³, Vergílio Ferreira entrou no seminário do Fundão com dez anos, em 1926. Decorreram seis longos anos onde viveu uma experiência não muito agradável, num ambiente austero, de solidão, de rigidez interna e de hipocrisia, o que terá marcado os seus primeiros anos de juventude, até 1932. Neste período começa a dedicar-se à poesia, facto que não é muito bem aceite no seminário. Em *Manhã Submersa* podemos notar, com alguma exactidão, um pouco do ambiente de seminário que é transportado para o romance.

Abandonou o seminário com dezasseis anos de idade e no final do ano lectivo de 1933, completou o Curso Geral dos Liceus para depois fazer o Curso Complementar no Liceu da Guarda. Em 1935/36¹⁴ entrou na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra¹⁵, continuando a fazer pequenas incursões na poesia, nunca publicadas, mas referenciadas em *Conta-Corrente*. No ano de 1939, escreveu o seu primeiro romance, *O Caminho Fica Longe*, que mais tarde publicou. Licenciou-se em Filologia Clássica no ano de 1940, tendo sido convidado para assistente da Faculdade nesse mesmo ano – não chegou a desempenhar tais funções, pois deu início ao seu estágio no Liceu D. João III, em Coimbra, que concluiu em 1942. Nesse mesmo ano publicou o seu primeiro ensaio *Teria Camões lido Platão?* e, nas férias grandes, em Melo, escreveu *Onde Tudo foi Morrendo*.

Ao mesmo tempo que se dedicava à escrita, ensinava também as disciplinas de Português e Latim e foi passando sucessivamente nos Liceus de Faro (1942), Bragança (1944) e Évora (em 1945), cidade que marcou vários dos seus romances, dos quais se salienta *Aparição*. Em 1944 publicou *Onde Tudo Foi Morrendo* e escreveu *Vagão «J»*.

No ano de 1946, o autor casou com Regina Kasprzykowsky e publicou *Vagão «J»*. Em 1947 viajou por Espanha e no ano seguinte publicou *Mudança. A Face Sangrenta*, colectânea de contos, saiu a lume em 1953. Em 1954, Vergílio Ferreira aproveitou para viajar por França, Bélgica e Holanda, publicando também nesse ano *Manhã Submersa*. Entre os anos de 1956 e 1958, o autor publicou *Cântico Final*, a

¹³ Vide Fig. 7, Anexo 2.

¹⁴ Vide Figuras 8 e 9 do Anexo 2.

¹⁵ Na *História da Literatura Portuguesa* de António José Barreiros, vol. II, consta que Vergílio Ferreira se formou na Universidade de Lisboa. Ao que julgamos esta informação não está correcta pois em todas as pesquisas que efectuámos constatámos que o autor se formou em Coimbra.

colectânea de ensaios *Do Mundo Original* e *Carta ao Futuro*. O Romance *Aparição* foi publicado em 1959, ano em que Vergílio Ferreira começou a leccionar, em Lisboa, no Liceu Camões.

Em 1962 *Estrela Polar* foi publicado, bem como o ensaio *Da Fenomenologia a Sartre*, que se tornou o prefácio da tradução de *O Existencialismo é um Humanismo*. *Apelo da Noite* e *André Malraux (Interrogação ao Destino)* surgiram em 1963. Dois anos mais tarde, publicou *Alegria Breve* – o seu romance predilecto – e uma nova colectânea de ensaios: *Espaço do Invisível I*; também publicou uma tradução portuguesa do livro de Francis Jeanson: *Sartre Por Ele Próprio*. Em 1967 viaja por Itália.

Em 1968, saiu uma edição especial de *Aparição*, ilustrada por Júlio Resende, a celebrar os vinte e cinco anos de vida literária do seu autor.

Em 1969 publica-se *Invocação ao Meu Corpo* e *Alegria Breve* apareceu traduzida para o francês. Ainda nesse ano, o autor viajou até Inglaterra e, dois anos depois, para além de viajar até à Grécia, publicou *Nítido Nulo*, que apareceu no ano seguinte editado na sua tradução espanhola. Ainda em 1972, Vergílio Ferreira realizou a conferência integrada nos Cursos para Estrangeiros da Faculdade de Letras de Salamanca «Para un auto-análisis literario».

Em 1973, foi editada a tradução espanhola de *Alegria Breve* e o autor participou novamente nos Cursos para Estrangeiros da Faculdade de Letras de Salamanca, com a conferência «Novela 73».

Rápida, a Sombra saiu estampado em 1974 e nesse ano foi também realizado um filme por Manuel Guimarães, baseado em *Cântico Final*. Em 1975 Lauro António realizou a curta-metragem *Prefácio a Vergílio*.

Em 1976 o Autor publicou um volume de *Contos*. No ano seguinte, editou *Espaço Invisível II* e empreendeu uma viagem à Alemanha, com outros intelectuais portugueses seus contemporâneos, como convidado oficial do Estado português. Foi ainda organizado um colóquio em sua homenagem, pela Editorial Inova, no Porto.

No ano de 1978, foi filmado o conto *Encontro*, sob o cunho de António Macedo. Em 1979, foi editada uma tradução polaca de *Aparição*. O Autor publicou *Signo Sinal* e assistiu à realização de dois eventos cinematográficos: a curta-metragem

Vergílio Ferreira Numa Manhã Submersa, e a longa-metragem *Manhã Submersa* (onde o Autor desempenhou o papel de Reitor).

Em 1980 deslocou-se à Dinamarca, para fazer uma conferência, ocorrendo também nesse ano a publicação de *Conta-Corrente I* e as edições das traduções para o russo de *Aparição* e de *Rápida, a Sombra*.

Um escritor Apresenta-se, colectânea de entrevistas, foi editado, com organização e prefácio de Maria da Glória Padrão em 1981. No mesmo ano, *Conta-Corrente II* saiu a lume e Vergílio Ferreira retira-se do ensino, após quarenta anos dedicados à carreira de professor.

Em 1983 viajou pela Grécia, Egipto e Brasil com comitivas presidenciais, ao mesmo tempo que publicou *Para Sempre* e *Conta-Corrente III*. Nesse mesmo ano Lauro António realizava *Mãe Genoveva*. No ano seguinte foi eleito como sócio pela Academia Brasileira de Letras, e viu ser editada uma tradução espanhola de *Aparição*.

Em 1985 realizou uma série de conferências: em Toronto (Canadá) e Providence (E.U.A.), participando num colóquio sobre Literatura Portuguesa Contemporânea em Santa Barbara, e no Congresso da Associação Internacional de Críticos Literários em Alma Ata (na antiga U.R.S.S.).

Em 1986 foram publicados *Espaço Invisível IV* e *Conta-Corrente IV*; nesse mesmo ano, Gouveia – seu concelho natal – homenageou o autor, dando o seu nome à Biblioteca Municipal.

Em 1987, *Conta-Corrente V* e *Até ao Fim* foram publicados e no ano seguinte saiu editado o ensaio *Arte Tempo*.

Em 1989 foi editada a tradução francesa de *Manhã Submersa*. Em 1990 o Autor publicou *Em nome da Terra* e participou também na apresentação de escritores portugueses em França, subordinada ao tema “Belles Étrangères”.

Em 1991, realizou-se em Bordéus uma Semana Cultural sobre a obra literária de Vergílio Ferreira, por iniciativa de Sylviane Sambor, na qual participaram, entre outros, Robert Brechón, Eduardo Lourenço e Eduardo Prado Coelho.

Pensar é publicado em 1992, sendo também nesse ano que o autor é eleito para a Academia das Ciências de Lisboa.

Entre os anos de 1993 e 1994 foram publicados *Na tua Face, Conta-Corrente – Nova Série I, Conta-Corrente – Nova Série II, Conta-Corrente – Nova Série III e Conta-Corrente – Nova Série IV*.

Em 1995, acompanhou o então Presidente da República, Dr. Mário Soares, na inauguração das novas instalações da Biblioteca Municipal Vergílio Ferreira, em Gouveia, e à qual doou toda a sua biblioteca particular.

O autor veio a falecer no primeiro dia do mês de Março de 1996. Acerca da sua morte, podemos referenciar algumas notas do *Jornal de Notícias* do dia 3 de Março do mesmo ano: «Anteontem, meia hora depois do enterro do irmão, Vergílio Ferreira soçobrava, em Lisboa, a uma crise cardíaca. Foi o adeus derradeiro do homem que tratava “a morte por tu” e que morreu a escrever.»¹⁶; «[No tempo do seminário] o escritor admitia o estranho gosto de “tratar a morte por tu”, mas salientava não a temer, apesar de a sentir “muito próxima”.»¹⁷ Encontra-se sepultado no cemitério de Nabainhos, em Melo, sua terra natal, virado para a serra, numa campa muito simples, tão simples como uma página em branco, onde se podem ler as inscrições 1916-1996 e a sua própria assinatura: Vergílio Ferreira. Aí se encontra *Para Sempre e Até ao Fim* dos tempos, no local de sua eleição, não só para escrever, nas férias grandes, mas também para descansar, porque o caminho que percorreu *De Melo a Cidadão do Mundo* foi longo. E o artista descansa em paz, com os seus ambientes, com as suas personagens enfim, com a serra que o viu nascer e com a serra que o contempla, na sua serenidade eterna¹⁸.

“Só para ter existido valeu a pena existir. A maior recompensa de vida é ela própria. Creio que em tudo o que disse não disse afinal outra coisa. Creio que de tudo o que me fascinou nada me fascinou mais do que a vida, o seu mistério, inesgotável maravilha. Dou o balanço a tudo quanto me acontece, e a vertigem de ter vivido absorve e aniquila o que aí falou e mentiu. Foi bom ter nascido. Foi bom ainda não ter acabado de nascer...”

Vergílio Ferreira, *In Conta Corrente*, Venda Nova: Bertrand Editora

¹⁶ *Op. Cit.* por Luís Bizarro Borges.

¹⁷ *Jornal de Notícias*, 3 de Março de 1996, por Teresa Cardoso.

¹⁸ Vide Fig. 10, Anexo 2.

1.1. Vergílio Ferreira, o Escritor

A estreia de Vergílio Ferreira nas artes literárias deu-se em 1942 com o ensaio *Terá Camões lido Platão?*, trabalho publicado na revista *Biblos*, embora muitos considerem que a sua bibliografia se tenha iniciado em 1943, com *O Caminho fica Longe*. Independentemente do marco que assinalou a sua entrada no mundo da literatura, o que mais interessa salientar é que se seguiu uma longa vida dedicada à escrita e, a sua carreira de escritor, é considerada uma das mais notáveis nas letras portuguesas do século XX.

O reconhecimento do valor literário da obra realizada por este autor marcadamente humanista e existencialista, quer por parte do público leitor, quer pela crítica especializada valeu-lhe a tradução das suas obras para várias línguas, bem como a atribuição de alguns dos maiores prémios literários portugueses e até mesmo estrangeiros.

Recebeu o *Prémio Camilo Castelo Branco* com o romance *Aparição* (publicado em 1959)¹⁹, o *Prémio da Casa da Imprensa* por *Alegria Breve* (romance de 1965), o *Prémio Pen Clube* – concedido pela Associação Internacional de Críticos Literários e Município de Lisboa – por *Para Sempre* (que veio a público em 1984), o *Prémio D. Dinis*, da Casa de Mateus.

Foi igualmente vencedor, por duas vezes, do *Grande Prémio de Romance e Novela* da Associação Portuguesa de Escritores – A.P.E. – que considerou *Até ao Fim* o melhor romance do ano de 1988 e *Na Tua Face*, o melhor de 1993.

Vergílio Ferreira foi ainda proposto para o *Prémio Nobel da Literatura* em 1984. Foi agraciado, em 1990, com o *Prémio Femina*, em França, pelo seu romance *Manhã Submersa* traduzido para o francês (*Matin Perdu*).

¹⁹ Considerado um dos dois momentos altos da sua carreira literária, segundo o próprio autor que o confessa numa das suas entrevistas (a de 1960) dadas a Maria da Glória Padrão em *Vergílio Ferreira: um escritor apresenta-se*. O outro grande momento para o autor foi quando a editora Galimard traduziu e editou *Alegria Breve* em 1969.

Em Bruxelas, em 1991, recebeu o *Prémio Europália*, pelo conjunto de toda a sua produção literária e em 1992 foi galardoado com o *Prémio Camões*, atribuído por um júri luso-brasileiro.

Vergílio Ferreira foi também colaborador nas revistas *Vértice* e *Seara Nova* e ainda no *Diário Popular*.

Recapitulando, de certo modo, o que atrás se disse das obras do Autor, podemos agora apresentá-las, cronologicamente, da seguinte forma:

1942 – *Terá Camões lido Platão?*.

1943 – *O Caminho Fica Longe e Sobre o Humorismo de Eça de Queirós*.

1944 – *Onde Tudo Foi Morrendo*.

1946 – *Vagão «J»*.

1949 – *Mudança*.

1953 – *Manhã Submersa* (adaptado ao cinema por Lauro António, em 1980) e *A Face Sangrenta*.

1957 – *Do Mundo Original*.

1958 – *Carta ao Futuro*.

1959 – *Aparição*.

1960 – *Cântico Final* (adaptado ao cinema por Manuel de Guimarães, em 1975).

1962 – *Estrela Polar*.

1963 – *Apelo da Noite, Da fenomenologia a Sartre e Interrogação ao Destino, Malraux*.

1965 – *Alegria Breve e Espaço do Invisível I*.

1969 – *Invocação ao Meu Corpo*.

1971 – *Nítido Nulo*.

1972 – *Apenas Homens*.

1974 – *Rápida, a Sombra*.

1976 – *Contos e Espaço do invisível II*.

1977 – *Espaço do invisível III*.

1979 – *Signo Sinal*.

1980 – *Conta-Corrente I*.

- 1981 – *Conta-Corrente II*.
- 1981 – *Um Escritor Apresenta-se* (entrevistas, com montagens, prefácio e notas de Maria da Glória Padrão)²⁰
- 1983 – *Para sempre e Conta-Corrente III*.
- 1986 – *Uma esplanada sobre o Mar e Conta-Corrente IV*.
- 1987 – *Até ao Fim, Conta-Corrente V e Espaço do Invisível IV*.
- 1988 – *Arte Tempo*.
- 1990 – *Em Nome da Terra*.
- 1992 – *Pensar*.
- 1993 – *Conta-Corrente / Nova Série* (dois volumes) e *Na tua Face*.
- 1994 – *Conta-Corrente / Nova Série* (dois volumes).
- 1996 – *Cartas a Sandra* (edição póstuma).
- 2001 – *Escrever* (edição póstuma da responsabilidade do Professor Doutor Hélder Godinho).

Na produção literária do autor de *em nome da terra* podemos ainda incluir um romance em jeito de poesia, *Sol do Deserto*, e um núcleo de poemas editados e publicados sob os pseudónimos de Raul Mário e Rui Antunes, bem como alguns outros inéditos: *Liceu*, *O Mundo dos Infinitamente Pequenos*, *O Vale Silencioso*, *Promessa*, *Humanismo e Uma Flor* – estes dois últimos incompletos – que podem ser encontrados no espólio doado pela viúva do autor – Regina da Costa Kasprzykowsky – à Biblioteca Nacional. É de referir que a coordenação da inventariação e do estudo deste espólio que, para além dos manuscritos das obras publicadas, conta também com correspondência variada e notas, ficou a cargo do Professor Doutor Hélder Godinho.

Constatamos pois, que a vida literária de Vergílio Ferreira foi bastante profícua e tem sido amplamente valorizada. Assim o atestam os variadíssimos estudos e trabalhos que sobre ele e as suas obras têm sido feitos. E, como já referimos²¹ público e críticos souberam atribuir-lhe o valor que realmente mereceu.

²⁰ Maria da Glória Padrão considera que esta obra é um “mosaico textual” e o resultado das setenta entrevistas dadas por Vergílio Ferreira à autora.

²¹ Cf. Prémios e nomeações atrás mencionados.

O autor representa, nos dias de hoje, uma referência cultural incontornável: ficcionou a realidade, definiu os seus próprios parâmetros à luz do existencialismo, e colocou sempre o Homem acima de tudo, na sua dignidade, na sua insignificância, na sua plenitude.

O texto a seguir transcrito, produzido por ocasião dos seus setenta anos, em Fevereiro de 1986, resume, pela própria voz de Vergílio Ferreira, o que foi a sua vida, uma busca constante do conhecimento, de si próprio e do mundo, em relação com os seus trabalhos.

“Em todo o caso, nos erros cometidos, no que foi verdade e falhou e se consumiu, no que me excitou e não tinha razão, um valor persiste quando a tudo dou um balanço e é o valor da própria vida. Só para ter existido valeu a pena existir. A maior recompensa da vida é ela própria. Creio que em tudo o que disse não disse afinal outra coisa. Creio que de tudo o que me fascinou nada me fascinou mais do que a vida, o seu mistério inesgotável, a sua inesgotável maravilha. Dou o balanço a tudo quanto me aconteceu e a vertigem de ter vivido absorve e aniquila o que ali falhou e mentiu. Foi bom ter nascido. Foi bom não ter acabado ainda de nascer...”²²

A presente Dissertação de Mestrado pretende ser mais uma justa homenagem a Vergílio Ferreira, para além de querer servir o humilde propósito de poder contribuir para valorizar mais um pouco o trabalho de um professor, de um escritor, de um romancista, de um ensaísta, que se preocupou com as questões simples da existência humana, juntando-se aos estudos até hoje já realizados sob o signo vergiliano.

²² Cf. MELO, *Vergílio Ferreira, de Melo a cidadão do mundo*, p.19.

1.2. Percurso Literário do Autor de *em nome da terra*: Do Neo-Realismo ao Existencialismo

Vergílio Ferreira foi sempre um escritor isolado, longe das tertúlias intelectuais, como ele diria: “fico à margem da história das principais festividades literárias”²³ e que ficou conhecido como um escritor que se tem ocupado muito do “eu”²⁴.

O autor da obra em estudo notabilizou-se, especialmente, no domínio da prosa ficcional. Começou por ser neo-realista, o que é visível nas suas produções da década de quarenta. A partir daqui, Vergílio Ferreira torna-se sensível às preocupações de natureza filosófica, metafísica e existencialista. A sua prosa entronca-se na linha da tradição queirosiana, sendo uma das mais inovadoras dos ficcionistas do século XX. O ensaio é uma das grandes vertentes da sua obra e que acaba por influenciar toda a sua criação, especificamente no que ao romance se refere, criando os romances-problema. A morte, o mistério, o amor, o sentido do universo, o vazio dos valores, a arte, são temas recorrentes na sua produção literária. Para além da prosa ficcional e dos romances, Vergílio Ferreira deixou-nos vários volumes de um diário com o título de *Conta-Corrente*.

Ao enumerarmos cronologicamente as obras de Vergílio Ferreira fizemo-lo com a intenção de que ficasse bem patente a sua grandiosidade, extensão e variedade. Chegamos agora ao ponto de as caracterizar, de uma forma mais precisa, atendendo a critérios rigorosamente literários, segundo o género, a temática e o período em que cada uma das suas produções se insere.

Sendo assim, vemo-nos na obrigação de frisar que o autor de *em nome da terra* se pautou, na sua escrita, quase exclusivamente pelo modo narrativo, fazendo apenas pequenas incursões, a título experimental, no modo poético²⁵.

²³ *Jornal de Notícias*, por Luís Bizarro Borges, 3 de Março de 1993.

²⁴ Segundo palavras do próprio, em *Um Escritor Apresenta-se*.

²⁵ Cf. Ponto 1.1. do presente trabalho.

Foi o modo narrativo que o seduziu por excelência, e foi também este o meio utilizado para a produção dos seus ensaios, romances e diários. Quanto ao género, enumeraremos a sua produção literária da seguinte forma:

Ficção/Romance: *O Caminho Fica Longe, Onde Tudo Foi Morrendo, Vagão «J», Mudança, A Face Sangrenta, Manhã Submersa, Aparição, Cântico Final, Estrela Polar, Apelo da Noite, Alegria Breve, Nítido Nulo, Apenas Homens, Rápida, A Sombra, Contos, Signo Sinal, Para Sempre, Uma Esplanada Sobre o Mar, Até ao Fim, Em Nome da Terra, Na Tua Face e Cartas a Sandra;*

Ensaio: *Terá Camões lido Platão?, Sobre o Humorismo de Eça de Queirós, Do Mundo Original, Carta ao Futuro, Da Fenomenologia a Sartre, Interrogação ao Destino, Malraux, Espaço do Invisível I, Invocação ao Meu Corpo, Espaço do Invisível II, Espaço do Invisível III, Um Escritor Apresenta-se* (entrevistas, com prefácio, montagem e notas de Maria da Glória Padrão), *Espaço do Invisível IV e Arte Tempo;*

Diário: *Conta-Corrente I, Conta-Corrente II, Conta-Corrente III, Conta-Corrente IV, Conta-Corrente V, Pensar, Conta-Corrente – Nova Série I, Conta-Corrente – Nova Série II, Conta-Corrente – Nova Série III, Conta-Corrente – Nova Série IV e Escrever.*

Provavelmente, terá sido em Coimbra, nos seus tempos de estudante, que o escritor tomou os primeiros contactos com o Neo-Realismo (movimento literário que então emergia, na segunda metade dos anos trinta) através da leitura de alguns autores brasileiros e norte-americanos, na sua maioria grandes romancistas – José Américo de Almeida, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Steinbeck, Caldwell, Hemingway – autores que transpuseram para as suas obras o compromisso político-social assumido e característico deste movimento, seguindo os modelos de uma literatura de denúncia social de intenção pedagógica, com o intuito de operar uma transformação histórica, tendo como resultado a consciencialização das classes operárias e camponesas para a sua condição humana.

Ora, num contexto histórico e social de crise económica, o Neo-Realismo português reuniu à sua volta não só Vergílio Ferreira mas também aqueles que mais tarde seriam reconhecidamente grandes escritores, tais como Alves Redol, Fernando Namora, Mário Dionísio, Manuel da Fonseca, entre outros.

Convém salientar ainda que os intelectuais, os artistas e, principalmente os escritores da época, defendiam que a *utilidade de uma obra (...) se regula pela sua afinidade com a época em que surge*²⁶, resultando daí grandes e profundas marcas nas produções literárias de então – Portugal vivia num regime totalitário, convivía com uma guerra civil no país de *nuestros hermanos* e presenciava a eminência de uma Segunda Guerra Mundial.

Particularizando, é em *Vagão «J»*, no romance *O Caminho Fica Longe* e em *Onde Tudo Foi Morrendo*, que podemos encontrar, com mais evidência, as marcas deixadas pela estética Neo-Realista. Com a publicação de *Mudança* – um nome já de si simbólico – Vergílio Ferreira marca definitivamente a passagem do Neo-Realismo para o existencialismo, e “*aposta nos novos tempos do se chamará corrente existencialista*”²⁷, mas é a partir da década de 1960 que o autor começa a mostrar, de forma também evidente, principalmente nos seus ensaios,²⁸ um contacto com o existencialismo, nos quais notamos uma reflexão profunda e filosófica. Marcas dessa reflexão ocorrem igualmente na sua produção novelística ou romanesca.

A viragem estética e literária é também visível no texto de *Aparição*, atingindo o seu apogeu em *Alegria Breve*.

A angustiada interrogação sobre a condição humana de André Malraux, Jean Paul Sartre ou Camus influenciaram sobremaneira a produção vergiliana, elevando-se para primeiro plano a voz de um ser pensante, indagador e angustiado, com um monólogo interior ininterrupto. Ressalta no eixo temático a inquietação metafísica e existencial, que por vezes toca o ridículo e o patético de se ser humano, ao passo que se assiste a uma passagem para segundo plano de outros eixos, tais como as personagens, o

²⁶ FERREIRA, Vergílio, cit. in *Textos Teóricos do Neo-Realismo Português*, p. 112.

²⁷ Cf. Melo, *Vergílio Ferreira, de Melo a cidadão do mundo*, p.14.

²⁸ Cf. Prefácio à tradução de *O Existencialismo é um Humanismo; Da Fenomenologia a Sartre, Interrogação ao Destino, Malraux*.

tempo e o espaço, que quase se misturam e entrelaçam ao belo prazer do eu pensante. É a personagem única e central que assume o discurso significativo do romance²⁹, na busca de um sentido, que colmate a ausência de Deus, e de verdades universais, que o preservem de *ser nada*.

Numa determinada altura do seu percurso literário, o romancista Vergílio e o ensaísta Ferreira trabalham com um mesmo propósito: tornar-nos sensíveis ao *absurdo* da condição humana sem referência nem destino transcendente e, simultaneamente, extenuar, vencer por dentro, esse mesmo sentimento do *absurdo*, descobrir nele, até, uma razão suplementar de exaltação da mesma condição humana³⁰. É com a leitura de *Invocação ao Meu Corpo, Do Mundo Original, Espaço do Invisível, Arte Tempo, e Pensar* que melhor nos apercebemos deste propósito.

Para Sempre ou *Até ao Fim* constituem os romances que melhor representam o clímax de um discurso narrativo, lírico e, ao mesmo tempo musical, construído à volta de variações temáticas, organizadas segundo a busca constante do experimentar-se, viver-se cada vez mais e com maior radicalidade, como eu absoluto e nu diante de um mundo reduzido à sua primigénia aparição cósmica³¹.

²⁹ Cf. LOURENÇO, Eduardo, *O Canto do Signo*, p. 99.

³⁰ *Idem*, p. 123.

³¹ *Ibidem*, p. 101.

Capítulo 2

2. *Em nome da terra: linhas gerais do romance*

*Hoc est corpus meum,*³² – *este é o meu corpo* – expressão latina e retirada da Bíblia, dá o mote ao romance, reaparecendo ao longo do mesmo, realçando o confronto do juiz com a sua condição de ser humano mutilado e de velho – desapossando de uma parte importante do seu corpo, a sua perna, e da sua juventude e vigor – e com as palavras proféticas e divinas que lhe outorgam, ao mesmo tempo, um sentimento de conformação e de impotência.³³

O romance retrata a vivência da personagem principal, João, viúvo e juiz reformado, que se constitui num narrador autodiegético – o *eu* pensante. João decide ir viver para um lar de idosos, consciente de que estes seriam os seus últimos anos de vida, levando na bagagem, para o quarto que ocupava no lar, a sua memória, uma imagem de um Cristo mutilado, um desenho de Dürer, um disco de Mozart (um concerto para oboé) e um fresco de Pompeia. Doou o que restou dos seus pertences à sua filha Márcia.

Os bens materiais que decidiu levar consigo constituem símbolos que percorrem toda a narrativa, estabelecendo-se uma relação analógica com o corpo, a morte, com a beleza e com o esplendor.

Se situarmos o romance no tempo, diremos que se trata do tempo último do narrador autodiegético, sendo um lindo mas doloroso louvor ao amor e ao objecto desse amor: Mónica, sua falecida esposa. Num monólogo interior, que este manobra como um diálogo, embora sem resposta, João dirige-se a um *tu* que fisicamente está ausente, Mónica, e de cujas lembranças se vai alimentando para viver ou *reviver*.

O narrador, alimentado pela memória, recorre permanentemente à analepse, adoptando uma postura de recordação de um passado próximo, nalguns casos, noutros mais distante, associando o seu estado de sofrimento e a beleza de Mónica aos objectos que guarda consigo, no seu quarto de lar, mantendo com eles um confronto que, apesar

³² Mateus, XXVI, 26.

³³ Cf. Com a citação (820) do nosso *corpus*.

de desleal, o ajuda a recriar um tempo e um espaço de plenitude já vividos, num vaivém constante de recordações antigas e recentes.

A beleza de Mónica é comparada à primavera³⁴, personificada no fresco de Pompeia, pela deusa Flora, consubstanciada pela harmonia do seu corpo ainda jovem. O desenho de Dürer, através do olhar do narrador, transporta-o em simultâneo para um tempo do passado, o momento da morte de Mónica, para um tempo do presente, a experiência que vive no lar, e para um tempo futuro, a sua própria morte, que aguarda com paciência, conformismo e de forma consciente. O concerto para oboé de Mozart, – símbolo melódico e harmonioso – é representativo e proclamador do nome de Mónica que, calmamente, vai serenando e amaciando as memórias do juiz reformado.

Seguem-no outros objectos igualmente simbólicos: em representação do sofrimento, temos O Cristo mutilado, que é muitas vezes sugerido pela memória de João, como o seu próprio sofrimento, que advém não só do facto do seu corpo se encontrar mutilado, mas também da solidão e do abandono que a si mesmo se impôs. No momento em que dialoga com o Cristo, o narrador autodiegético transpõe o seu diálogo reflexivo para um *outro tu*, que não é o mesmo *tu* de Mónica.

De facto, *em nome da terra* é um dos últimos *romances-problema* de Vergílio Ferreira. Foi escrito em 1990, fase em que o autor estava no seu auge existencialista, quer a nível ensaístico, quer a nível ficcional e diarístico. Ao longo de toda a diegese, podemos dar conta das constantes interrogações feitas pelo narrador acerca do destino, da vida e da existência, daí a designação deste romance de *romance-problema*.

Notamos ainda o recurso quase constante a verbos que coexistem e/ou co-ocorrem com o verbo *Ser*, quer semântica, quer sintacticamente, como *existir*, *haver*...

Realçamos o uso do verbo *Ser*, por parte do Autor que, em contexto, ocorre variadíssimas vezes, como se pode constatar no *corpus* que nos serve de base e que se encontra no Anexo 1.

³⁴ Ortografia usada no romance e que resolvemos manter.

2.1. *Em nome da terra: mais um romance-problema*

Em nome da terra pauta-se, sobretudo, por uma constante existencial, onde são acentuados o posicionamento do homem no mundo e a problemática do relacionamento do eu com o outro. Neste romance encontramos uma conjugação de características neo-realistas e existencialistas, como se pode ver nos seguintes excertos³⁵:

(24) *Algumas velhas choram, vê tu, aquilo é que é uma mania. Mas são mulheres e a mulher, tu desculpa, é muito escassa de pudor. Deve ser de se terem atrasado muitos milénios, agora têm de acelerar para compensar o atraso.*

(221) *Mas nunca vos perguntais para quê, nunca vos perguntais o que isso quer dizer, nunca vos perguntais com que direito haveis de ser boi até ao fim da vida. Parai, ó estúpidos, suspendei um momento esse vosso trabalho animal e perguntai-vos se é essa a vossa vontade, se num instante da vossa tarefa cavalgar é isso com que sonhais para vosso prazer. Porque é que não fazeis aquilo que quereis?*

(215) *A opressão dos outros era um modo de te dizerem que existias. Que é que te existe por fim num corpo em farrapos? Que é que te resta para pensares que estás em ti? E é só por isso que te lembro meu irmão. Não sei se isso te ofende, mas é assim. (...) E num pouco de divindade que puder ser.*

Concorrendo para que seja, no nosso entender, este romance primordial, que resume tudo o que caracterizou em vida a escrita vergiliana. Nas palavras de Luís Mourão³⁶:

³⁵ Como explicamos na Nota Introdutória, a numeração entre parênteses remete-nos para o respectivo número do excerto do *corpus*, a consultar, se necessário, no Anexo 1.

³⁶ MOURÃO, Luís, “Ficção” in *História da Literatura Portuguesa, As correntes contemporâneas*, p.551.

“Contrabalançando o pathos com uma ironia que advém da aceitação ácida do desgaste das grandes interrogações, e construindo obras que combinam perfeitamente uma rigorosa estrutura implícita com os cortes, repetições e desvios de uma voz abandonada ao que sobeja do mundo e da vida, Vergílio Ferreira mantém-se fiel à poética do romance-problema, trabalhando ficcionalmente as grandes questões do tempo que lhe calhou. Compreende-se assim que Em Nome da Terra retome a questão filosófica de ser/ter um corpo, do corpo como limite e como possibilidade, que o autor havia tratado ensaisticamente em *Invocação ao Meu Corpo* (1969) e que se mantém como uma das problemáticas centrais do fim-de-século”.

Ilustrativos desta opinião são os seguintes excertos:

(30) *Porque o inacreditável é que se ama, querida, e não o que é real... O real é estares morta... (...) Penso o real de então e ele é logo outra coisa – que coisa? Não sei. O real que sobra de todo o real e é o único que realmente é.*

(58) *Vi o homem inteiro estendido numa cama. Estava podre. Devia cheirar mal. Mas era humano na sua lixeira como eu de perna cortada um pouco acima do joelho a equilibrar-me mal no estupor das muletas.*

(113) (...) – *eu tocava-a e não era minha. (...) Mas agora ela estava diante de mim e eu tinha repugnância de a tocar porque era um pedaço de carne morta e eu não estava lá. Havia um mistério inquietante de um bocado do meu corpo não ser o meu corpo e eu ser eu no corpo que ainda tinha e não o ser já no pedaço que já o não era. A perna, o pé, os dedos tinham sido eu quando andava e os movia.*

(123) *Querida Mónica, não é verdade. Quer dizer, não é bem. (...) A companhia que tenho é a memória de ti, para lá do horror e da degradação. (...) A companhia que me dá uma certa ajuda é a memória do que passou e existe agora num estranho irreal. Tudo tem o seu espírito, a gente é que não dá conta.*

(222) *Porque é que não ergueis o vosso berro de revolta?*

(223) *Mas falo mesmo dos tubarões do capital, banqueiros atolados em moedas que são as fezes, o excremento da ganância e da vileza, grossos empresários que quereis empresariar o mundo, o céu com a vossa fumarada, as almas (...).*

(224) *Quantas vezes vos perguntastes porque é que o meio milhão que vos falta importa assim aos muitos que já tendes? Quantas vezes reparastes que existíeis? (...) Porque sois ignorantes e só vistes o que vos permitiram as testeiras com que a vida vos arreou.*

Ainda, e para enfatizar o que dissemos, remetemo-nos também para as citações (805) e (807) do *corpus*, onde o Autor questiona a própria razão do perguntar e a de querer achar a resposta às nossas perguntas. Nota-se claramente, nas páginas 261 ou 274 do romance, a título de exemplo, a reflexão e a preocupação existencialistas presentes, sendo deste modo, e no nosso entender, perfeitamente lícito denominá-lo de *mais um romance-problema*.

Surge também, como curiosidade, na página 274, uma preocupação ou reflexão explícita sobre a língua, onde o autor refere que “*A língua pensa muita coisa por nós (...) porque é que em grego e em latim as orações condicionais são diferentes? (...) Que é feito no latim do que não passou do grego para lá?*”. Tal reflexão deixa-nos antever a ideia de que o autor e professor Vergílio Ferreira, nesta determinada parte do seu romance, espelham uma das suas preocupações humanas e profissionais relacionadas com a língua portuguesa.

2.2. *Ser*, o Existencialismo e as Filosofias da Existência

Em nome da terra poderá ser também considerado um romance-ensaio filosófico, de carácter existencialista. Do ponto de vista ideológico-filosófico, à semelhança do que acontece noutras obras de Vergílio Ferreira, o romance enceta uma série de relações dialógicas com outras obras de autores que também se pautaram por preocupações acerca da condição humana, e sobre os problemas inerentes ao estatuto de se ser humano. Remetemo-nos para obras de Albert Camus, Heidegger, Jean-Paul Sartre ou André Malraux, entre outros que poderíamos ver aqui referenciados, cujas preocupações levantam a problemática da vitória do homem sobre a sua condição mortal mediante a beleza e a arte que o tornam imortal e que retrataram a contingência humana, a degradação do corpo, a morte, o pecado e a miséria, o absurdo de se estar vivo, Deus, o *Ser* e o tempo ou o *Sein und Zeit*.

Todavia, são obras como *A Metamorfose dos Deuses*, *As vozes do Silêncio* e *A Condição Humana* de Malraux, ou *O Ser e o Nada* de Sartre que se encontram por detrás da diegese do romance e das ideias que o fundamentam. Falamos aqui das ideias da vida, da morte, da inevitabilidade do destino e da inutilidade dos deuses.

A fim de não nos desviarmos muito do assunto que nos propusemos tratar neste ponto, nem elaborarmos um tratado de filosofia ou de literatura comparada, torna-se necessário não entrarmos em mais delongas e pormenorizações, passando de seguida a fazer uma sucinta abordagem ao *Ser*, ao Existencialismo e às filosofias da Existência, para melhor compreendermos a abrangência de *Ser em nome da terra*.

Ser significa, *in latu sensu*, aquilo que é ou que pode vir a ser, independentemente da sua natureza. Este conceito pode igualmente referir-se à identidade.

Quer o Existencialismo, como doutrina, quer as Filosofias da Existência, são regidos pelas preocupações que levantam face à existência do homem e das coisas perante o mundo e ao Universo.

As Filosofias da Existência desviam-se do primeiro e caracterizam-se não como doutrinas, mas porque comportam uma dinâmica do pensamento sobre a existência.

Também as religiões, de um modo geral, podem ser também entendidas como tentativas de dar resposta às problemáticas questões acerca do sentido da vida e da morte, da alegria, da dor, enfim, do sentimento humano.

Desde os primórdios aristotélicos que a existência tem provocado as mais variadas inquietações no pensamento humano. Este fenómeno tem evoluído com os tempos só podendo ser entendido à luz das próprias experiências humanas – que se configuram como ponto de partida para uma reflexão sobre a condição humana e são determinadas pelas experiências de vida de todos e de cada um dos indivíduos. Sobre esta dinâmica de pensamento, devemos a contribuição das primeiras reflexões de Kierkegaard, que se apoiavam numa meditação religiosa acerca de uma sua própria experiência, na qual se viu privado de comunicar com a sua noiva. O clima de angústia originado por esta situação foi o motor gerador da sua reflexão sobre o ser humano e sobre o que o transcende. A ideia de existência surge deste modo ligada à veracidade ou factualidade das experiências, com a emotividade, com a afectividade do indivíduo.

Dito de outra forma, surge como que uma união entre o empirismo metafísico e o sentimento de inquietação humana face às experiências da vida. As qualidades essenciais desta filosofia da existência de Kierkegaard mais facilmente se evidenciam pelo que a mesma nega e não pelo que ela afirma. Assim, opõe-se a toda e qualquer tradição filosófica clássica, questionando a própria filosofia enquanto *Ciência das Essências* – a realidade material, enquanto representação de uma ideia, não pode ser válida, pois os pensadores da existência não concebem a ideia ou a essência como algo imutável.

Para Heidegger era aceitável que o mundo material tivesse a sua essência, desde que se atendesse a critérios religiosos. O objecto criado pelo homem teria essência, enquanto o seu criador teria existência.

Sartre defendeu a ideia de que o homem tem existência e só depois é que adquire a essência e, havendo uma essência no homem, essa seria a sua existência.

Ainda sobre Heidegger, este filósofo era apologista de que a existência seria o mesmo que “ser no mundo” e a essência do homem a sua existência. Os pensadores da existência, como podemos concluir, têm dela uma visão dinâmica e não estática, não deixando de negar a essência.

Para Hegel tudo o que existe só existe na sua relação com o todo, com a universalidade que tudo abarca e tudo transcende. Procurou uma objectividade universal, uma identidade entre o pensamento e o ser: a existência ficaria dissolvida na totalidade, constituindo apenas e somente um momento finito de devir. Contrariamente a este postulado, Kierkegaard estabelece uma associação com a subjectividade, afirmando que o pensamento subjectivo é o único e que a verdade reside nesta subjectividade. A ideia da pessoa sábia não agradava particularmente a Kierkegaard, pois o sábio apenas se rendia ao conhecimento das coisas de forma objectiva e, conseqüentemente, a redução desse conhecimento a sistemas objectivos iria contra os conceitos de existência: a forçada busca do conhecimento levaria o homem a esquecer-se ou até mesmo a desistir de existir, o que seria fatal pois considerava que o mais importante seria a “procura da verdade para mim”, enquanto ser humano. O próprio afirmava “dai-me a verdade pela qual possa viver e morrer”. Considerava que a forma de pensar de Hegel destruía a paixão humana, ao se obstinar no devir da ideia enquanto totalidade do conhecimento.

Em resumo, Hegel defendia a necessidade de explicar todas as coisas, ao passo que Kierkegaard considerava necessário viver as coisas. Portanto, o pensamento kierkegaardiano defende que a verdade objectiva hegeliana destrói a própria ideia de existência, porque em cada ser humano existem coisas não exprimíveis, e não podem, por isso, ser exteriorizadas nem medidas, tornando-se impossível objectivar o Todo, o Universo e, por conseguinte, a totalidade das coisas. Jaspers considera que quer o positivismo científico de Kierkegaard, quer o idealismo de Hegel tentam dar uma aproximação do que é Universal, mas que acabam por negar a individualidade e, por isso, a existência. Tanto uma como a outra forma de pensar reduzem as coisas ao que o ser humano pode conceber, não havendo aí lugar nem para a escolha e nem para a liberdade, factores imprescindíveis para a construção de qualquer teoria da existência.

Jaspers acrescenta ainda que a ciência não pode dar-nos a imagem da totalidade pois defende que, ao existirem várias ciências – cada uma com as suas especificidades e princípios particulares – este facto leva-nos a questionar a existência de um sistema de conjunto do mundo, não havendo também daí uma verdade relativamente ao conjunto de todas as coisas.

Gabriel Marcel partilha da opinião de Jaspers e acrescenta que, ao não existir um sistema de conjunto do mundo, o saber absoluto hegeliano também não pode existir.

Estas Filosofias, ao partirem essencialmente da meditação religiosa e do pensamento kierkegaardiano, atraem também pensadores não religiosos e até mesmo anti-religiosos. No pensamento cristão, o conceito de “pecado em si” coloca o homem perante Deus, derivando desde facto um indivíduo, que tem existência, e um Deus, dotado de transcendência. Então, Deus que é transcendência é visto como absoluto, e é a relação que o existente – indivíduo – mantém com esse absoluto que faz dele o que é, ou seja, existente. Assim sendo, para Kierkegaard a importância não reside naquilo em que o indivíduo crê, mas na maneira como ele crê, e no objecto da sua crença, mas na maneira como ele crê e na forma como se relaciona com o objecto dessa crença. Então, se o indivíduo acredita de maneira absoluta, daí resultará o Absoluto.

Jaspers e Heidegger são considerados seguidores de Kierkegaard, embora com algumas divergências: para Kierkegaard, o indivíduo fica isolado em relação a Deus; para Jaspers o indivíduo deixa de ser encarado como um ser isolado para ser entendido como um “ser com os outros”, o que pressupõe uma espécie de duelo; para Heidegger o indivíduo não se encontra realmente isolado, mas é um “ser com os outros”, ou seja, um “ser no mundo”.

Gabriel Marcel está mais próximo de Kierkegaard, ao seguir uma linha de pensamento cristão. Já Sartre se situa mais numa linha de entendimento não religioso e até mesmo, diríamos, irreligioso. Marcel, ao seguir uma linha de pensamento religioso, pretende atingir o domínio do mistério, e procura ultrapassar as seguintes oposições conceptuais: sujeito/objecto, pensamento/ser, alma/corpo.

Para concluir, e de acordo com as antigas filosofias gregas, *Ser* é imutável, estável, opondo-se à ideia de mudança ou de *Devir*. A escola eleática e Parménides

defendiam que na realidade material apenas existe o *Ser*, que seria total e eterno. Para este filósofo, tudo o que implicava mudança seria de carácter ilusório. Este facto justificava-o afirmando que *aquilo que não é não pode ser e aquilo que é não pode deixar de ser*.

Já Demócrito, opondo-se a Parménides, afirmava que a existência das coisas implicaria a sua possível mudança e/ou movimento o que pressupunha, necessariamente, a existência de um oposto ao *Ser*, quer dizer, o *não-Ser* ou o vazio.

Para Platão, o pensamento é diferente de matéria, daí que afirmasse que o *Devir* ou o *Ser* seria imutável, mesmo apesar da sua natureza sensorial.

Aristóteles entendia o *Ser* como essência das coisas, eterno em si mesmo, e englobando manifestações de mudança, pois as próprias ideias dependem da realidade das coisas.

Numa linha de tradição escolástica, o *Ser* pode ser entendido como uma existência absoluta e que permanece sempre igual a si própria. Seria, talvez, por esse motivo que São Tomás de Aquino identificasse o *Ser* com a realidade e entidade suprema, ou seja, Deus.

Hegel constituiu uma teoria deveras interessante para toda a problemática que envolve o *Ser*, e que pode ser resumida da seguinte forma: *a natureza esforça-se para excluir as contradições, negando-as*. Desta forma, *Ser e não-Ser* são elementos do mesmo processo do Cosmos, o qual tem origem no *Ser* mas que contém o *não-Ser* em si mesmo, o que nos remete para a sua *união no Devir*.

Com Descartes aparecem as primeiras controvérsias nas quais se coloca o *Ser* como o *sujeito cognoscente que se opõe ao Ser das coisas*. Mas é Kant que *estabelece o Ser única e exclusivamente ao nível da ordem fenomenológica*, pois o *Ser em si mesmo não pode ser conhecido, sendo por isso inacessível e transcendente*. Deriva daqui a teoria da impossibilidade de provar a existência de Deus pois que a sua existência só poderá ser provada pela experiência. Para Heidegger as filosofias ocidentais confundiam as noções de *Ente* com *Ser*, sendo primordial para este filósofo a diferenciação destes conceitos, totalmente distintos.

Por último, não podemos deixar ainda de referir as opiniões de Wittgenstein e de Nietzsche: o primeiro, enquanto matemático e filósofo, caracterizava *o Ser como União*, quer-se dizer, como *uma categoria lógico-gramatical* e não um representante da realidade; para o segundo, o *Ser* seria, simplesmente, *o mais vazio de todos os conceitos*.

Capítulo 3

3. A Sintaxe e a Semântica do verbo: estudo particular do verbo *Ser*

A *Sintaxe* deve ser entendida como a parte da gramática que se ocupa do *estudo de todos os aspectos do conhecimento intuitivo dos falantes*, que pode ser reconhecível na capacidade que os mesmos têm de emitir juízos de gramaticalidade ou de atribuírem de forma correcta interpretações várias às combinações de palavras, o que se considera em parte um dos factores responsáveis pela criatividade no uso da língua. Os *aspectos* atrás referidos são: a linearidade, as relações gramaticais e os processos das suas marcações, a estrutura dos constituintes dos enunciados, as dependências léxico-sintácticas locais, as condições sobre dependências sintácticas não locais e as condições sobre referência livre e dependente.

A *Semântica*, outra das áreas da gramática, *abarca toda uma variedade de questões que se relacionam com o significado*. Quando aprendemos e usamos uma língua, importa conhecer também *os significados* associados a determinadas cadeias de sons – fonemas – e, ao mesmo tempo torna-se necessário saber combinar estes sons ou unidades noutras mais vastas, também portadoras de *significados*.

As *palavras* são, efectivamente, *unidades sintácticas e semânticas* muito importantes em qualquer língua, daí que o seu estudo só poderá ser feito num determinado contexto. Segundo palavras de Gottlob Frege: *só no contexto de uma frase as palavras têm significado*. O nosso estudo do verbo *Ser* irá levar em linha de conta um contexto literário determinado por nós, um romance de Vergílio Ferreira, e é nossa intenção elaborar um estudo sintáctico e semântico que foque os aspectos que julgamos mais marcantes nessas áreas.

Na descrição de uma língua, no nosso caso particular, na descrição da Língua Portuguesa, a tradição ocidental tem dividido esse trabalho de descrição em três grandes partes: os meios materiais de expressão, a fala e a escrita, a gramática, onde se inclui a morfologia e a sintaxe, e o dicionário.

A SINTAXE trata da combinação das palavras na frase. Aborda a questão da ordem das palavras, dos fenómenos de RECCÇÃO (concordância ou regime) – isto é, a maneira como certas palavras

impõem às outras, variações em caso, número e gênero – e finalmente, desde o século XVIII sobretudo, das principais funções que as palavras podem exercer na frase”. “O DICIONÁRIO, ou léxico, indica o sentido ou os sentidos que as palavras possuem. Nesta qualidade, aparece como a parte semântica por excelência da descrição (o dicionário dá também, mas apenas por razões de comodidade, informações sobre as variações morfológicas particulares de cada palavra).³⁷

Com o desenvolvimento da Linguística no século XX surgiram também algumas críticas que, nalguns casos, vêm pôr em causa a divisão acima referida, e os argumentos são os seguintes: a) essa divisão baseia-se apenas na noção de palavra; b) coloca-se no mesmo plano, as coerções impostas ao locutor pela língua e as opções que lhe são propostas pela mesma; c) o dicionário, visto apenas como meio de transferência da semântica, pode levar a pensar que a descrição, a este nível, fica reduzida ao trabalho de caracterização das unidades significativas usadas, deixando de lado um dos maiores ensinamentos de Saussure que é o do estudo das relações entre os vários elementos que compõem uma língua (relações paradigmáticas e relações sintagmáticas). André Martinet refuta igualmente a divisão clássica referida acima, atribuindo uma importância fulcral à noção de escolha, que está na base da teoria da dupla articulação. Assim, e segundo este autor, descrever uma língua é descrever o conjunto das escolhas ou opções do falante.

Na gramática tradicional, o verbo é uma palavra de forma variável que exprime uma acção – o que se passa, isto é, um acontecimento – um processo, um estado ou uma relação, um acontecimento representado no tempo. Desempenhando a função obrigatória de predicado na estrutura da frase ou oração, os verbos podem ser subdivididos em grupos: os transitivos, que exigem, em princípio, um complemento de objecto (transitivos directos, quando o complemento não é precedido por uma preposição: *comer um bolo*; transitivos indirectos, quando o complemento é introduzido por uma preposição: *assistir a um filme*), e os intransitivos, que excluem a existência de um complemento de objecto (*emergir*).

Em português, à semelhança de outras línguas como o francês, o inglês, o espanhol, entre outras línguas indo-europeias, o verbo é conjugado, isto é, apresenta

³⁷ DUCROT & TODOROV, p.60.

certas variações ou flexões de forma: varia em pessoa, primeira, segunda ou terceira, consoante o (s) sujeito (s) seja (m) aquele (s) que fala (m) (correspondendo aos pronomes eu/nós), aquele (s) a quem se fala (correspondendo aos pronomes tu/vós) ou aquele (s) de quem se fala (ele, ela/eles, elas); em número, singular ou plural, se há um ou vários sujeitos, respectivamente; em tempo, conforme a relação que existe entre o momento em que se dá o facto expresso pelo verbo e o momento da enunciação, existindo para tal três tempos naturais: presente, passado ou pretérito, e futuro; em modo, apontando as diferentes formas que assume o verbo para indicar a atitude do falante – que pode ser de certeza, de dúvida, de suposição de mando, etc. - em relação ao facto que enuncia - indicativo, conjuntivo, imperativo e formas nominais do verbo; em aspecto, exprimindo a forma como o falante percebe e se apercebe do processo de que fala, da sua duração, desenvolvimento ou finalização (por exemplo, a oposição entre pretérito perfeito, que define uma acção acabada, e pretérito imperfeito, que define uma acção inacabada).

Segundo CUNHA & CINTRA, o aspecto *designa uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a acção expressa pelo verbo*³⁸, podendo, portanto, o sujeito considerar a acção concluída ou não concluída, distinguindo-se a partir daqui, na língua portuguesa, as formas verbais perfeitas ou mais-que-perfeitas e por outro lado as imperfeitas. O conceito de aspecto anteriormente enunciado pode ainda ser alargado seguindo valores semânticos pertinentes ao verbo ou de acordo com o contexto. Os processos para exprimir o aspecto verbal podem ser os seguintes: através de alguns tempos verbais (*encontrei, tornou-se, pintava...*), através do uso de formas perifrásticas (*deixaram de, tem andado*), pela utilização de prefixos e sufixos (*anoiteceu, embranqueceu...*), através do uso de determinadas expressões ou palavras tais como os advérbios (*já, já não, ainda...*) e pelo próprio significado inerente ao verbo (*cheguei, caiu, inicia-se, partiu*)³⁹.

O verbo também pode sofrer uma variação em voz, de acordo com o papel que é atribuído ao sujeito na própria enunciação, distinguindo-se para o efeito a voz activa, a

³⁸ CUNHA & CINTRA, p.265.

³⁹ Cf. *Gramática do Português Moderno*, p.156.

voz passiva⁴⁰ e a voz reflexiva, conforme o facto expresso pelo verbo seja praticado pelo sujeito, seja sofrido por este ou tenha sido praticado e sofrido simultaneamente pelo sujeito, respectivamente.

Por outro lado, o sentido e a construção de verbos levou a contrapor aos verbos de sentido pleno os auxiliares de tempo (*ser, ter*, em certas situações) ou de voz (*ser*), e os semi-auxiliares (*ir, dever, acabar de, poder*, etc.), que exprimem variações de aspecto e de modo. Além disso, à maioria dos verbos que oferecem uma conjugação completa opõem-se grupos de verbos que são usados apenas em alguns tempos, modos ou pessoas. Tal é o caso de verbos impessoais (*chover, trovejar* - não se pode dizer: *eu trovejo*), unipessoais (*ladrar, miar*) e defectivos (*banir, falir, colorir*, etc.).

Segundo a Gramática de Mário Vilela⁴¹, ***o verbo é a categoria gramatical que configura os processos da realidade objectiva no seu enquadramento temporal.*** Noutras gramáticas⁴², consideram-se verbos as palavras que exprimem a acção, as qualidades ou os estados, situando-os no tempo, ou palavras que apresentam variações ou flexões em número, pessoa, modo, tempo, aspecto e voz que se utilizam para realizar frases simples (construções gramaticais realizadas num conjunto de palavras organizadas à volta de um único verbo) ou complexas (representando a articulação de duas ou mais frases numa única)⁴³.

Num dicionário⁴⁴ podemos encontrar a seguinte definição: “***Palavra susceptível de apresentar marcas morfológicas de pessoa, número, modo, tempo, voz, aspecto e que constitui, sozinha ou combinada com outros constituintes, o predicado da frase.***” Tudo o que foi referido relativamente ao verbo, permite-nos então concluir que, a nível sintáctico, existe alguma unanimidade quanto à caracterização do verbo.

No caso particular do verbo *Ser*, apenas no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* se considerou a possibilidade do mesmo poder estar na situação de

⁴⁰ Para a voz passiva, CUNHA & CINTRA ainda fazem as seguintes observações: 1ª Além do verbo *ser*, há outros auxiliares que, combinados com um participio, podem formar a VOZ PASSIVA. Neste caso estão alguns verbos que exprimem estado tais como *estar, andar, viver*, etc., mudança de estado como o verbo *ficar* e movimento como os verbos *ir* e *vir*. 2ª Nas formas da VOZ PASSIVA o PARTICÍPIO concorda em género e em número com o sujeito: ex. ele/ela foi ferido(a).; eles/elas foram feridos(as).

⁴¹ VILELA, *Gramática da Língua Portuguesa*, pp.60-61.

⁴² PINTO e LOPES, *Gramática do Português Moderno*, p.149.

⁴³ Cf. FLORIDO e SILVA, p.123 e seguintes e p.160.

⁴⁴ *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, p.3726.

verbo pleno ou principal, como *verbo copulativo* ou de ligação entre o sujeito e o complemento predicativo e como *verbo modalizador*, ao mesmo tempo que se consideram também as várias situações em que o podemos encontrar em contexto, ou seja, em situação de uso, quer numa linguagem corrente, familiar, e em expressões ou formas fixas, que se cristalizaram na língua portuguesa e o seu uso se tornou comum e generalizado, das quais o verbo *Ser* faz parte integrante. No estudo que aqui apresentamos, verificamos ainda que algumas outras expressões fixas não foram contempladas no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Para tal iremos fazer o seu apontamento mais adiante.

À semelhança do que sucede com palavras pertencentes a outras classes gramaticais, o verbo pode também adquirir variações a nível semântico, estabelecendo com essas palavras relações de significado ou de valor. Este fenómeno será também alvo do nosso estudo.

3.1. O verbo *Ser* nas gramáticas

Em todas as gramáticas consultadas⁴⁵ e, principalmente naquelas que julgamos poderem servir de referência a quem tenha como propósito um estudo mais aprofundado da língua portuguesa⁴⁶, notámos a inexistência de um tratamento sintáctico-semântico particular sobre o verbo *Ser*. Somente pudemos encontrar informações acerca da sua conjugação ou da sua natureza sintáctica, que não satisfizeram completamente as nossas dúvidas nem a nossa curiosidade, na busca de uma sintaxe e de uma semântica do verbo *Ser*. Este é um lapso gramatical que, no nosso entender, deve ser colmatado através de novas abordagens a um verbo tão usado, quer no discurso oral, quer no discurso escrito e, acrescentaríamos ainda, em todos os registos de língua, quer pelo falante comum, quer pelo mais letrado.

Pelas razões que atrás referimos, resolvemos recorrer ao dicionário, nomeadamente ao *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, por já contemplar os aspectos que queremos ver tratados, quer a nível sintáctico, quer a nível semântico e, por isso mesmo servir-nos-á de base à presente Dissertação.

⁴⁵ Consultar Bibliografia.

⁴⁶ CUNHA & CINTRA ou MATEUS e outros.

3.2. O verbo *Ser* nos dicionários

Dicionários há muitos...bilingues, sinonímicos, antonímicos, de definições, enciclopédicos... O dicionário constituiu-se, nos dias de hoje, uma importante ferramenta de trabalho para o professor. Segundo as necessidades e o objecto a estudar assim se recorre a uma obra deste género. Não se pode entender um dicionário apenas como um compêndio de vocabulário (de uma língua ou de uma determinada área), nele devemos também observar outras e valiosas características para o ensino, para a aprendizagem, para o uso correcto da língua, numa determinada situação. Remetemo-nos para uma leitura da *Introdução do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da autoria do seu coordenador, sem deixar de experimentar um folhear de páginas com um olhar mais atento, a fim de verificar o que consta afinal nesse dicionário e o que o torna tão útil e inovador. Podemos apontar algumas falhas e gralhas tipográficas, mas muito poucas se comparadas com outros trabalhos do género e à disposição do público – repetições aqui ou ali, desnecessárias no nosso entender, gralhas tipográficas e/ou ortográficas, vocábulos que não foram contemplados, entre outras – que podem e irão com alguma certeza (afirmamos nós) ser colmatadas numa futura edição.

Os professores de língua portuguesa (e não só) contam, ainda assim, com uma das mais completas e fiáveis publicações dicionarísticas e que, no nosso entender, obedece a critérios rigorosos de clareza, correcção e cientificidade, não deixando de ser também um meio normalizador da nossa tão estimada língua lusitana. Surge como o fruto do trabalho de uma vasta e qualificada equipa de pesquisadores e especialistas em diversas áreas, para que nós, professores, alunos e público em geral, possamos beneficiar de uma obra que abarca não só o vocabulário de Portugal continental e ilhas adjacentes, mas também o que está em uso no Brasil, nos PALOP (países africanos de língua oficial portuguesa) e mesmo até noutros países do mundo onde a língua de Camões é uma das línguas oficiais.

i) Tomando então como primeira fonte o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, realizado pela Academia das Ciências de Lisboa e pela Fundação Calouste Gulbenkian, vol. II, da editora Verbo, e sob a coordenação do Professor Doutor João Malaca Casteleiro, o verbo *Ser* aparece-nos da seguinte forma:

ser¹ [sér]. v. (Do lat. sedēre 'estar sentado').

I. Como verbo pleno ou principal significa:

I.0. Ter existência real. ≅ EXISTIR.

Ser ou não ser: eis a questão. Se não fosse o meu tio, não estava nesse lugar. Esteve quase a desistir, não fossem os compromissos assumidos.

(30) (...) *O real que sobra de todo o real e é o único que realmente é.*

Ter razão de ser, encontrar justificação ou motivo para uma atitude ou estado de coisas.

(150) *O que não têm é razão de ser, como uma piada sem piada.*

I.1. Ter ocorrência, ter lugar. ≅ ACONTECER, OCORRER, SUCEDER.

Não se sabe como foi o afundamento do navio. Se conseguirmos o lugar, (isso) não será em vão.

(3) *Pelo menos comigo foi assim.*

I.2. Situar-se, alguma coisa, em determinado lugar. ≅ ESTAR, FICAR, LOCALIZAR-SE.

A Torre de Belém é em Lisboa. A casa dele é na rua Palmeirim.

(63) ... *o quarto era do outro lado.*

I.3. Desenrolar-se, de modo fixo, um evento, em determinado lugar. ≅ DECORRER, PASSAR-SE.

A festa de São João é no Porto. Essa exposição é em Paris.

(68) *Não era comigo o problema (...).*

I.4. Ter lugar, um acontecimento, em dado momento no tempo. ≅ OCORRER, REALIZAR-SE.

O ultimato foi em 1890. As festas dos santos populares são em Junho. O casamento é ao meio-dia.

I.5. Chegar, a hora, um momento no tempo, uma estação, uma quadra, uma época...

São dez horas. É meio-dia. Era Primavera. Ainda não é Agosto. É Natal. É o século XX. É tempo de dormir. São horas de trabalhar.

(149) (...) *O sinal de que vão sendo horas só o próprio o sabe.*

I.6. Vir, alguém ou alguma coisa, de determinado lugar. (Seguido de prep. de). ≅ PROVIR.

Alguns jogadores são do Brasil. Esta música é de Cabo Verde.

(673) (...) *Mas tinha ali uma casa ou a mulher era de lá (...).*

I.7. Pertencer a alguém ou a⁴⁷ alguma coisa. (Seguido de prep. de ou poss.).

As crianças são da vizinha. Os dicionários são da biblioteca. Essas cadeiras são da sala de jantar. O campeonato é nosso.

(43) (...) *E havia ainda um cheiro que eu sentia antes de ser também dele.*

I.8. Situar-se, alguém, entre; estar, alguém, colocado entre. (Seguido de prep. de nome plural ou colectivo).

Esses jogadores são dos bons. O capitão é dos nossos. Ela é da claque.

(837) (...) *é dos nossos três filhos o que eu (...).*

⁴⁷ No Dicionário não constava (a).

I.9.Estar, alguma coisa, relacionada com; dizer, alguma coisa, respeito a. (Seguido da prep. com).

O caso agora é com a polícia. Os incêndios são com os bombeiros.

(68) (...) ... a coisa é só connosco (...).

I.10.Ter, alguém, uma qualidade em alto grau. (Seguido de prep. de).

Ela é de uma abnegação a toda a prova.

(13) *Eras de uma outra natureza de seres viventes.*

I.11.Mostrar-se, uma qualidade, digna, própria de alguém. ≅ CONVIR A.

Esse comportamento é de menino ajuizado.

I.12.Ter, alguém, capacidade, inclinação. (Seguido da prep. para ou de).

Esse rapaz, não é para/de grandes voos.

(14) (...) ... mas havia o mais que não era para mim.

I.13.Mostrar-se, alguém, favorável a, partidário de. (Seguido de prep. por). ≅ TORCER POR.

Muitos candidatos são pela língua portuguesa. Essa claqué é pelo Benfica.

(226) – *O tipo é pela boa vida.*

I.14.Custar, alguma coisa, determinado valor, preço... ≅ VALER.

Quanto é o livro? Uma resma de papel é mil escudos.

II. Como verbo copulativo ou de ligação entre o sujeito e o complemento predicativo indica⁴⁸:

II.1. Identificação, eventualmente com o sujeito implícito.

Lisboa é a capital de Portugal. A capital de Portugal é Lisboa. Chegar a ministro é a ambição de muitos políticos. São os nossos amigos. Quem é você?

(39) – *Começamos então por aqui. Esta é a sala.*

II.2. Classificação, inclusão.

Ela é professora. O castanheiro é uma árvore de grande porte. A democracia é respeito pelos outros. Roubar é um delito.

(858) (...) *Eram marqueses, condes, doutores (...).*

II.3. Atribuição, qualificação permanente.

A Terra é redonda. Essa criança é alegre. O muro é alto. Esta mesa é de mármore. É bom respirar a aragem da manhã. maneira+ de ser. modo+ de ser.

(1) (...) *o que é grande acontece.*

II.4. Resultado de uma acção, quando, seguido de particípio passado, funciona como auxiliar⁴⁹ de construção passiva.

A praça foi ocupada pelos manifestantes. Mostrou-se apreensivo por não ser observado pelo médico. O avião foi abatido.

(23) (...) *e tu foste também contaminada.*

⁴⁸ Os verbos copulativos são também denominados de predicativos ou de cópula, a que a tradição gramatical luso-brasileira chamava de significação indefinida, constituindo verbos que apenas seleccionam semanticamente um argumento interno – uma oração pequena, cujo núcleo pode ser adjectival, nominal, preposicional ou adverbial. Cf. MATEUS (et. al.), p.302.

⁴⁹ As orações em que ocorrem verbos auxiliares apresentam sequências verbais formadas pelo menos por dois verbos: o auxiliar e o auxiliado. Já que o português é uma língua núcleo-inicial, o verbo auxiliar precede o auxiliado com que se combina. Cf. MATEUS (et. al.), p. 303.

III. Como verbo modalizador⁵⁰ indica:

III.1. Exortação, ordem, usada no presente do indicativo (3ª pes. sg.) e seguido de infinitivo.

Se tivermos de sair, é sair e acabou-se. Vêm aí as férias, é saber aproveitá-las.

(461) (...) *o mais que se pode é sacudi-las (...).*

III.2. Obrigatoriedade, quando está seguido de infinitivo regido pela prep. de ou para. ≅ DEVER.

Essa decisão não é de surpreender. Se tivesse juizinho, era para estar calado. Vamos, as maçãs são para comer.

(8) ... *tu disseste são horas de ir jantar.*

III.3. Reforço do valor dubitativo de frases interrogativas, nas formas será e seria, seguidas de completiva.

Será que a tia acertou no totoloto? Seria que eles tinham razão?

III.4. Fam. Confirmação positiva, nas formas é, foi, era... como resposta a determinadas perguntas afirmativas e em substituição do verbo destas. ≅ SIM.

— *Vocês falam do desastre desta manhã? — É! (- Sim, falamos!). — A loja fechou para o almoço? — Foi. (- Sim, fechou.).*

(446) (...) *Não é para aí o Oriente. É, é.*

III.5. Fam. Confirmação positiva, usada em determinadas frases interrogativas, nas formas não é, não foi, não era... em concordância de tempo com o verbo principal ou o auxiliar e em sua substituição, permitindo antever resposta afirmativa.

⁵⁰ Que marca uma atitude do falante face ao seu próprio enunciado, tendo uma relação com as modalidades da locução.

— *A assembleia reúne na próxima semana, não é? (Não reúne?). — Os novos livros já tinham chegado, não foi? (Não tinham?).*

(142) ... *nós falámos disto, querida Mónica, não foi? (não falámos?)*

III.6. Fam. Ênfase contrastiva incidindo sobre o constituinte à sua direita, quando está só ou em correlação descontínua com que, o que, quem..., ou sobre o constituinte à sua esquerda, quando em combinação contínua com as mesmas formas que, o que, quem...

Gostam é de açorda alentejana. Do que gostam é de açorda alentejana. De açorda alentejana é que gostam.

O que/quem chegará primeiro é o pai. É o pai (o) que/quem chegará primeiro. O pai é (o) que/quem chegará primeiro.

O escritor vai ao Brasil é em Agosto. É em Agosto que o escritor vai ao Brasil. Em Agosto é que o escritor vai ao Brasil.

Queremos é que a viagem se faça. O que queremos é que a viagem se faça. Que a viagem se faça é o que queremos.

(18) *Olho-te agora na memória legenda e a beleza impossível existe, que para isso é que é impossível.*

(303) ... *querias era impor à vida a tua razão ...*

Expressões e formas fixam⁵¹ com o verbo Ser

1-é que, forma fixa que permite enfatizar contrastivamente o constituinte à sua esquerda. *O filho é que sabia de negócios. De negócios é que o filho sabia.*

(622) (...) *Eu também não sabia porque é que não queria que me perguntasse porquê.*

(...)

⁵¹ Que se fixaram ou que se cristalizaram na língua portuguesa devido ao seu uso, derivando daí o termo. As combinatórias fixas distinguem-se destas por não se encontrarem ainda cristalizadas numa língua, embora se note a sua preferência de uso em determinados contextos.

2-era uma vez, construção que serve para introduzir algo fantástico, imaginário, inverosímil. ≅ EXISTIR, HAVER. *Era uma vez uma moura encantada...*

3-essa é (muito) boa, diz-se de algo que provoca espanto, incredulidade. *Com aquela água toda consegue atravessar o rio de carro! Essa é (muito) boa!*

4-foi quando, usada no início de frase, estabelece relação temporal com a frase⁵² anterior, inserindo um facto inopinado, repentino. *Era meio-dia, o pelotão parou para se reorganizar. Foi quando um obus caiu a poucos metros de distância.*

(78) *Foi quando bateram à porta ...*

5-não ser da conta de alguém, não dizer respeito a. *Mete-te na tua vida; esse assunto não é da tua conta.*

6-não ser de, não ter inclinação para. *Ela não é de discussões.*

7-não ser para menos, serve para justificar o que foi dito anteriormente. *Guardou dele uma saudade imensa. Também não era para menos.*

8-por quem é, fórmula de deferência usada para atenuar um conselho, uma exortação, um pedido. *Menino, por quem é, aprimore-se.*

9-que é/foi/será (feito) de, que acontece, aconteceu, acontecerá a; qual é, foi, será o fim de. *Que é feito do teu irmão? Nunca mais o vi. Com a globalização em marcha, que será dos pequenos países?*

(208) *Mesmo o do teu pai terrestre. E a propósito, que foi feito dele?*

10-ser a favor de, concordar com. *Alguns são a favor da co-incineração.*

(326) (...) *Firmino era a favor do capitalismo porque gera riqueza, (...).*

⁵² Frase não constava no dicionário que nos serviu de fonte.

11-ser capaz de, sequência modalizadora que significa ter probabilidades de. ≅ PODER. *O céu estava escuro; era capaz de chover. A secretária é capaz de faltar.* (797) (...) – **É capaz de haver** – disse ela. (...).

12-ser como, equivaler a. *Os devaneios de juventude são como pétalas que o vento arrasta.*

(42) *Não havia tempo de a ver bem, mas eu olhei-a com muita intensidade e foi como se a visse bem.*

13-ser contra, opor-se a. *Muitos são contra a co-incineração.*

(179) (...) *O prazer imenso de se ser diferente e contra.*

14-ser dado a, ter propensão para. *O rapaz é dado a namoricos.*

15-ser de boa boca, gostar de comer de tudo. *O rapaz era de boa boca.*

16-ser de justiça, tornar-se justo, justificar-se. *O general conseguiu uma grande vitória; é de justiça que lhe dêem uma condecoração.*

17-ser de opinião, entender, julgar. *Os sábios são de opinião que as sanções devem ser levantadas.*

(790) (...) *Mas ela não é dessa opinião.*

18-ser de parecer, o m. que ser de opinião.

19-ser do contra, estar em oposição a. *Viraram a casaca; agora são do contra.*

20-ser do revirinho, o m. que ser do contra.

21-é que são elas, indica dificuldade de realização do que foi expresso antes. *Ter ideias é fácil; concretizá-las é que são elas!*

22-ser fogo. 1. Ter um preço muito elevado. *A gasolina agora é fogo!* 2. Bras. Pop., Ser difícil. *Essa criança é fogo!*

23-ser pau para toda a obra, prestar-se a tudo, fazer todo o tipo de serviço. *Na mercearia, o marçano era pau para toda a obra.*

24-ser todo olhos, estar muito atento ao que se vê. *O espectáculo ia começar; a pequenada era toda olhos.*

25-ser todo ouvidos, prestar toda a atenção ao que se ouve. *O sarau estava no auge; a assistência era toda ouvidos.*

O verbo *Ser* adopta ainda uma característica comum a muitos outros verbos que é o que chamamos de nominalização. Segundo a mesma fonte *Ser*, desta feita já não como verbo, adquire outras significações e aparece-nos sob uma outra categoria gramatical, a do nome. Assim:

ser² [sér]. s. m. (Do lat. sedēre 'estar sentado').

1-Ação de existir. ≅ EXISTÊNCIA. (13) ... *como me sinto agora humilde e infeliz na bruteza do meu ser.*

2-Filos. Tudo aquilo que é ou pode vir a ser; aquilo cujo acto é existir. ≅ ENTE.
O ser e o não ser. O ser e o nada. (124) Porque um filho, pois, é um ser sagrado. (...)

3-Tudo aquilo que se considera ter existência. + imaginário. **o Ser Inefável**, (com maiúsc.), Rel. Deus. (344) (...) *Depois o Teodoro até se apagar no não-ser. (...)*

4-Tudo o que existe e é animado. ≅ CRIATURA, ORGANISMO.

Os seres e as coisas. ser vivo, animal ou planta. (13) (...) Eras de uma outra natureza de seres viventes, (...).

5-Qualquer indivíduo da espécie humana. ≅ CRIATURA, PESSOA.

Tem os seus defeitos, mas é um ser humano excepcional. (125) (...) Tudo isso ocupa um espaço enorme do nosso ser.

6-O íntimo de alguém. ≅ ALMA, CONSCIÊNCIA, ESSÊNCIA.

Procurou no mais fundo do seu ser e não encontrou motivos para não perdoar. (103) (...) ... devia haver atrás de ti e da vida uma razão oculta no teu ser para a tua decisão.

ii) Tomando como segunda fonte o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, elaborado a partir do *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa* de António de Moraes Silva, Edição compacta do texto fundamental da versão original do *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, segundo a 10ª Edição Revista, muito aumentada e actualizada, por Augusto Moreno, Cardoso júnior e José Pedro Machado, constituindo o maior repertório de vocábulos da língua Portuguesa falada e escrita, Grande Biblioteca Multilíngue, Volumes VI e VII, Editorial Confluência/Livros Horizonte e Jornal de Notícias, Edição actualizada em 2002, elaborámos outra descrição para *Ser*, que a seguir apresentamos, baseada na transcrição dos artigos deste mesmo dicionário, onde a palavra surge inicialmente como verbo transitivo e, seguidamente, nominalizada.

Ser, v. t. Afirma no sujeito a existência de um atributo, para atribuir a alguém ou a alguma coisa uma qualidade, um modo de existir; ter a(s) qualidade(s) designada(s)⁵³ pelo(s) adjectivo(s) que determina(m) o verbo. || Designa a existência sem carácter

⁵³ *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, p. 335. No dicionário constava (a). Alterámos para (s) por julgarmos ser um lapso.

absoluto; estar, existir. || Achar-se ou encontrar-se, em um dado momento, em um dado lugar; estar. || Suceder, ocorrer. || Estar conforme: “Ser de justiça, ser de razão”. || Indica naturalidade: “Celtas somos nós sem dúvida”. || Indica o momento, o dia, a estação, o ano, a época: “Eram princípios do ano de 1846”. || Ter um cargo, um título, uma categoria, uma qualidade; desempenhar uma função. || É verbo auxiliar conjugando-se com os participípios de outros verbos e, neste caso, representa geralmente a voz passiva. || Serve às vezes para dar energia à frase a que se junta: “Era que os frades de S. Francisco e de S. Domingos faziam procurar...” || Emprega-se popularmente na 3ª pessoa do indicativo e em frases exclamativas, para designar que não se pratica determinada acção: “Devo fazer isso? É⁵⁴ o que fazes!” || Observ. Gram. O verbo ser também aparece por vezes empregado impessoalmente, em frases como: “Quando foi da Segunda Guerra Mundial”.

Ser, s. m. Aquilo que é, que existe, ente. || O ente humano. || Essência, natureza, qualidade do que é. || Existência, nascimento, vida. || Qualidades físicas ou morais de uma pessoa.

iii) Iremos agora observar atentamente o que nos diz sobre ser, o *Grande Dicionário Enciclopédico*, Tomo 14, sob a direcção técnica de Maria Fernanda Martins Soares e de Vítor Wladimiro Ferreira, do Clube Internacional do Livro (C.I.L.), da Editora S.A.P.E., Madrid, 2000.

Ser (l. sedere, sentar-se). v. intr.. 1. Ter um modo de existir, determinado pelo adjectivo ou expressão equivalente que se segue imediatamente ao verbo. || 2. Ter um cargo, um título, uma categoria, uma qualidade. || 3. Desempenhar uma função. || 4. Existir, haver. || 5. Estar, achar-se. || 6. Acontecer, suceder. || 7. Consistir em. || 8. Pertencer, respeitar. || 9. Causar, motivar. || 10. Custar, valer. || 11. Ter certa qualidade. || 12. Ser formado de. || 13. Haver razão. || 14. s. m. Tudo o que, em qualquer ordem ou grau, se opõe ao nada. || 15. Existência, vida. || 16. O que existe, ente. || 17. Essência, natureza. || 18.

⁵⁴ No dicionário não constava o acento gráfico.

Importância, realidade. || 19. pl. Tudo o que existe e foi criado. || **vivo**. Animal ou planta. || ORGANISMO. || **ser de**. Pertencer a. || **em ser**. loc. adv. Sem se ter ainda gasto. || **E**. ser, **I**. to be, **F**. être, **Al**. sein, werden, **It**. Èssere.

Após fazer-mos o levantamento dos artigos em alguns dicionários, notámos haver alguma discrepância quanto à caracterização de *Ser* enquanto *verbo*. Em **ii)** repare-se que *Ser* é considerado *verbo transitivo*, enquanto que em **iii)** é considerado *verbo intransitivo*.

Adoptaremos, a partir de agora, como referência dicionarística para este trabalho, o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, quer pelas razões que atrás referimos, quer por julgarmos podermos contar com um instrumento mais fiável para caracterizar e descrever com exactidão a palavra *Ser*. Outro dicionário haveria também e que considerámos de grande fiabilidade: o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Optámos pelo primeiro por ser uma obra mais compacta, de mais fácil manuseamento e, porque no segundo o tratamento dado à palavra *Ser* não difere em muito do que é dado no primeiro.

Os quadros que se seguem⁵⁵ irão estar então em conformidade com o paradigma dos artigos de *Ser* que constam em **i)**. Neles registamos as ocorrências no romance *em nome da terra* das várias formas do verbo. As citações para as quais remetemos entre parênteses poderão ser consultadas no respectivo anexo 1.

⁵⁵ Quadros 1 e 2.

Quadro I⁵⁶

Ocorrências de *Ser* na obra *em nome da terra*

I.0.existir	(30), (68), (77), (83), (113), (150), (151), (158), (163), (163), (197), (215), (233), (256), (264), (275), (298), (300), (344), (350), (372), (372), (385), (459), (459), (491), (509), (511), (513), (570), (592), (594), (617), (622), (640), (642), (679), (679), (725), (763), (834), (840), (878), (889), (891), (892), (894), (895).
I.1.acontecer, ocorrer, suceder	(3), (7), (15), (26), (47), (75), (78), (126), (131), (134), (166), (166), (173), (173), (185), (194), (210), (210), (210), (248), (264), (271), (276), (281), (292), (294), (294), (294), (316), (348), (393), (433), (475), (528), (549), (553), (563), (583), (597), (619), (630), (633), (645), (687), (709), (720), (728), (740), (762), (765), (766), (795), (832), (855).
I.2.estar, ficar, localizar-se	(11), (38), (49), (63), (131), (181), (188), (268), (268), (274), (280), (318), (408), (414), (427), (446), (466), (492), (520), (562), (579), (636), (636), (637), (649), (651), (658), (707), (723), (742), (753), (760), (773), (792), (894).
I.3.decorrer, passar-se	(64).
I.4.ocorrer, realizar-se	Não se registaram ocorrências.
I.5.chegar (temporal)	(81), (84), (116), (149), (366), (522), (523), (586).

⁵⁶ Quadro elaborado segundo a estrutura do respectivo artigo constante no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa.

I.6.vir de, provir	(24), (673), (675).
I.7.pertencer (seguido da preposição de ou possessivo)	(10), (11), (13), (28), (32), (43), (44), (65), (67), (67), (113), (117), (139), (156), (160), (188), (188), (207), (207), (210), (210), (211), (214), (227), (227), (227), (241), (246), (249), (257), (271), (276), (276), (281), (286), (300), (304), (304), (305), (319), (319), (321), (321), (326), (377), (386), (391), (393), (419), (461), (499), (503), (506), (526), (548), (560), (571), (578), (578), (592), (599), (604), (617), (620), (625), (628), (631), (631), (631), (635), (639), (639), (639), (639), (647), (648), (650), (650), (650), (650), (654), (680), (680), (694), (743), (746), (757), (762), (763), (764), (794), (794), (811), (834), (839), (841), (862), (872), (874), (879), (893).
I.8.situar-se entre, estar entre	(837).
I.9.estar relacionado com, dizer respeito a	(66), (68), (200), (326), (502), (591), (604), (669), (672), (738), (738), (744), (747).
I.10.ter uma qualidade em alto grau (seguido de preposição de)	(214), (351), (419), (574), (610).
I.11.convir a, mostrar-se, uma qualidade, digna de alguém	Não se registaram ocorrências.
I.12.ter capacidade, inclinação (seguido de preposição de ou para)	(14), (87), (99), (419), (719), (856).
I.13.mostrar-se favorável a ou partidário de (seguido de preposição por)	(226), (326), (326), (865).

I.14.custar, ter valor ou preço	Não se registaram ocorrências.
II.1.identificação, eventualmente com sujeito implícito	(5), (9), (10), (13), (14), (28), (30), (39), (41), (45), (46), (48), (54), (55), (61), (62), (75), (75), (77), (80), (82), (82), (85), (85), (91), (92), (95), (98), (99), (100), (102), (104), (106), (107), (108), (108), (108), (108), (109), (110), (111), (112), (112), (113), (113), (113), (113), (114), (117), (117), (120), (121), (122), (123), (123), (126), (128), (129), (131), (131), (135), (136), (138), (143), (144), (144), (146), (146), (150), (153), (154), (155), (157), (157), (157), (158), (159), (160), (162), (162), (165), (165), (166), (169), (169), (169), (169), (169), (179), (180), (186), (191), (195), (195), (199), (200), (211), (211), (212), (216), (217), (218), (220), (221), (223), (225), (227), (227), (229), (231), (233), (233), (233), (235), (238), (238), (238), (240), (241), (243), (247), (247), (248), (248), (248), (251), (254), (254), (258), (261), (261), (265), (268), (269), (271), (273), (281), (282), (283), (285), (287), (288), (288), (289), (289), (289), (291), (293), (294), (295), (296), (300), (309), (309), (310), (311), (311), (314), (315), (319), (322), (325), (328), (330), (337), (338), (338), (338), (342), (346), (352), (354), (355), (356), (359), (360), (360), (360), (361), (364), (365), (365), (366), (367), (367), (367), (367), (369), (370), (371), (372), (379), (379), (379), (381), (382), (382), (383), (384), (385), (386), (389), (389), (390), (390), (390), (390), (393), (393), (394), (394), (396), (397), (398), (400), (406), (408), (411), (411), (413), (414), (416), (416), (420), (421), (421), (422), (428), (429), (429), (432),

(434), (435), (437), (437), (437), (438), (440), (440), (442), (444), (444), (444), (445), (450), (455), (456), (456), (458), (461), (461), (464), (465), (465), (467), (467), (470), (470), (470), (473), (475), (478), (480), (481), (481), (482), (482), (483), (484), (485), (486), (486), (486), (486), (486), (486), (486), (490), (490), (490), (496), (497), (498), (498), (499), (499), (499), (500), (500), (502), (503), (504), (504), (504), (507), (510), (511), (511), (512), (515), (515), (515), (515), (515), (515), (516), (516), (516), (521), (522), (523), (524), (526), (527), (527), (529), (529), (529), (529), (530), (531), (536), (537), (537), (538), (542), (542), (543), (549), (549), (551), (553), (555), (557), (560), (560), (561), (562), (562), (562), (563), (563), (564), (564), (565), (566), (568), (568), (573), (574), (576), (577), (578), (578), (579), (584), (584), (587), (587), (589), (589), (591), (591), (592), (593), (595), (595), (596), (601), (602), (602), (603), (604), (604), (604), (608), (608), (608), (610), (612), (613), (616), (619), (619), (623), (623), (624), (629), (636), (636), (636), (636), (638), (642), (642), (647), (648), (650), (650), (653), (653), (654), (654), (654), (655), (655), (656), (657), (659), (663), (663), (664), (664), (665), (669), (670), (670), (670), (671), (672), (673), (675), (675), (679), (681), (682), (682), (683), (683), (684), (688), (688), (689), (694), (696), (699), (701), (702), (702), (704), (704), (704), (705), (706), (709), (711), (715), (715), (717), (722), (722), (722), (724), (725), (734), (736), (738), (745), (746), (748), (750), (757), (758), (758), (760), (761), (761), (762), (763), (765), (767),
--

	(29), (30), (30), (30), (31), (31), (32), (32), (32), (34), (34), (35), (36), (36), (37), (40), (40), (40), (43), (43), (46), (50), (50), (51), (51), (53), (56), (57), (58), (59), (60), (65), (65), (67), (67), (67), (68), (69), (70), (70), (73), (74), (74), (76), (77), (77), (79), (79), (80), (80), (80), (80), (81), (82), (86), (86), (86), (88), (89), (89), (89), (90), (90), (100), (100), (101), (102), (103), (103), (104), (106), (106), (107), (107), (107), (107), (108), (108), (109), (113), (115), (117), (117), (118), (120), (120), (120), (123), (123), (124), (124), (126), (126), (126), (126), (127), (127), (129), (130), (131), (131), (131), (132), (135), (136), (138), (139), (140), (141), (141), (144), (144), (144), (146), (146), (146), (146), (147), (148), (149), (149), (149), (150), (150), (151), (151), (152), (153), (153), (153), (154), (155), (155), (158), (158), (160), (161), (162), (164), (164), (167), (167), (167), (167), (167), (167), (167), (168), (169), (169), (169), (169), (169), (169), (169), (170), (175), (175), (176), (177), (178), (178), (179), (179), (179), (180), (180), (180), (180), (182), (183), (186), (187), (187), (188), (190), (191), (191), (191), (191), (191), (191), (191), (192), (193), (194), (195), (196), (197), (199), (200), (201), (201), (202), (202), (202), (202), (202), (203), (204), (204), (205), (207), (208), (209), (211), (211), (211), (211), (212), (213), (214), (214), (215), (216), (224), (225), (227), (227), (227), (227), (227), (227), (228), (229), (230), (231), (232), (233), (233), (233), (233), (233), (233), (233), (233), (234), (235), (236), (237), (238), (238), (238), (238), (238), (238), (241), (242), (242), (242), (242), (244), (245),
--	--

	(247), (247), (248), (249), (249), (250), (252), (252), (253), (253), (254), (255), (255), (256), (256), (257), (258), (259), (260), (262), (264), (264), (265), (265), (266), (268), (270), (271), (272), (274), (275), (275), (275), (275), (275), (276), (277), (278), (280), (280), (281), (281), (281), (284), (284), (284), (284), (285), (286), (286), (286), (286), (286), (287), (288), (290), (291), (292), (294), (295), (295), (296), (298), (300), (301), (302), (303), (306), (307), (308), (308), (308), (311), (311), (311), (312), (313), (313), (314), (314), (314), (315), (315), (315), (317), (320), (322), (322), (323), (325), (327), (327), (327), (327), (327), (327), (328), (329), (329), (329), (329), (329), (330), (332), (333), (334), (338), (338), (339), (339), (340), (340), (341), (341), (341), (341), (342), (343), (344), (344), (345), (347), (348), (349), (349), (349), (349), (351), (351), (353), (356), (357), (359), (359), (360), (362), (362), (363), (363), (363), (366), (366), (368), (370), (370), (370), (372), (373), (373), (375), (376), (379), (379), (379), (381), (382), (383), (383), (383), (383), (383), (383), (383), (383), (383), (384), (385), (385), (385), (385), (387), (388), (388), (389), (390), (390), (390), (390), (393), (393), (393), (393), (394), (395), (395), (398), (399), (400), (401), (403), (404), (405), (407), (408), (409), (409), (410), (419), (419), (426), (427), (429), (430), (431), (432), (433), (434), (436), (438), (439), (440), (440), (441), (441), (442), (443), (444), (446), (447), (448), (449), (451), (452), (452), (452), (453), (454), (455), (456), (457), (459), (460), (460), (460), (460), (463), (464), (464), (464), (464),
--	--

	(467), (468), (469), (470), (470), (470), (470), (471), (472), (472), (473), (473), (473), (474), (475), (475), (475), (475), (475), (476), (477), (477), (477), (477), (479), (480), (480), (482), (483), (485), (485), (487), (488), (489), (490), (490), (491), (491), (493), (493), (493), (494), (495), (496), (496), (496), (496), (496), (499), (500), (500), (503), (505), (508), (508), (509), (509), (515), (515), (516), (516), (516), (517), (518), (519), (520), (520), (521), (521), (525), (526), (526), (526), (527), (528), (529), (529), (530), (530), (532), (532), (532), (532), (532), (532), (532), (532), (532), (533), (534), (534), (535), (535), (535), (535), (535), (536), (537), (537), (540), (540), (540), (540), (541), (541), (543), (543), (544), (544), (545), (546), (546), (546), (547), (549), (549), (551), (551), (551), (552), (554), (554), (555), (555), (556), (558), (559), (560), (560), (560), (562), (562), (562), (563), (563), (563), (563), (564), (567), (567), (567), (567), (568), (569), (570), (572), (573), (574), (574), (574), (574), (577), (578), (579), (579), (579), (579), (579), (579), (581), (584), (585), (588), (589), (590), (591), (591), (592), (593), (595), (595), (595), (595), (599), (600), (602), (603), (604), (604), (607), (607), (608), (608), (608), (609), (610), (610), (610), (610), (610), (610), (611), (612), (614), (615), (616), (616), (616), (618), (618), (618), (618), (619), (619), (619), (621), (621), (622), (622), (623), (24), (624), (625), (626), (627), (628), (628), (629), (630), (631), (632), (632), (634), (636), (636), (636), (638), (638), (638), (639), (640), (640), (641), (643), (644), (646), (647), (649), (650), (650), (650),
--	--

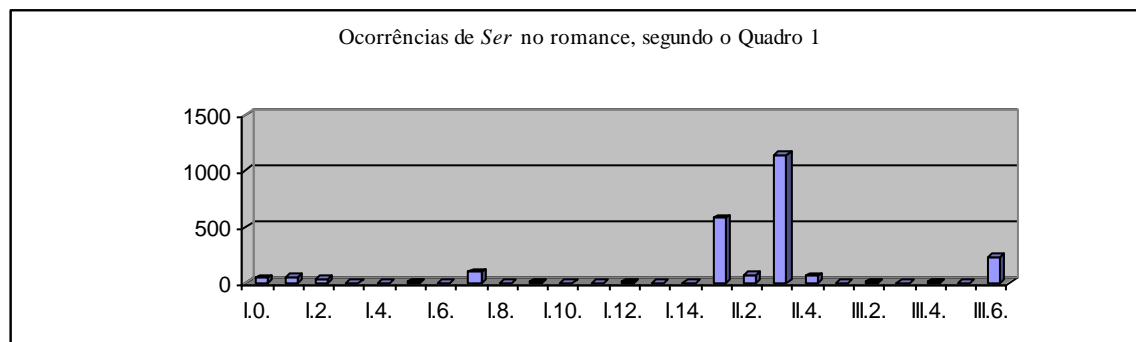
(651), (652), (652), (653), (653), (653), (653), (653), (654), (655), (655), (657), (659), (659), (660), (661), (663), (663), (664), (664), (665), (665), (665), (666), (667), (667), (669), (669), (670), (670), (670), (670), (670), (670), (670), (670), (671), (671), (671), (671), (672), (673), (673), (673), (674), (675), (676), (677), (678), (679), (679), (679), (679), (679), (679), (680), (680), (684), (684), (685), (686), (688), (689), (689), (690) (690), (690), (691), (691), (691), (692), (693), (694), (694), (694), (695), (695), (696), (697), (698), (698), (700), (701), (701), (701), (702), (703), (706), (706), (707), (707), (707), (708), (709), (711), (712), (712), (713), (713), (713), (713), (714), (714), (715), (715), (716), (716), (716), (716), (717), (718), (719), (721), (725), (725), (725), (725), (726), (727), (727), (727), (727), (727), (729), (730), (730), (731), (732), (733), (733), (734), (735), (736), (737), (739), (743), (744), (746), (746), (746), (746), (746), (746), (746), (746), (750), (751), (751), (751), (752), (752), (753), (753), (753), (754), (755), (756), (756), (756), (756), (758), (758), (758), (759), (759), (760), (760), (61), (763), (763), (763), (763), (765), (766), (767), (770), (772), (773), (774), (774), (774), (774), (775), (775), (775), (775), (776), (776), (776), (776), (778), (780), (781), (781), (782), (782), (784), (785), (785), (785), (786), (787), (787), (787), (787), (787), (787), (788), (789), (790), (791), (791), (793), (793), (793), (793), (794), (794), (795), (796), (796), (797), (797), (797), (797), (799), (799), (799), (799), (801), (803), (804), (805), (805), (806), (807), (807), (807), (807), (809), (810), (810),
--

	(811), (811), (812), (812), (812), (813), (814), (818), (819), (820), (820), (820), (820), (820), (820), (822), (823), (824), (826), (827), (828), (828), (830), (830), (831), (831), (831), (831), (832), (832), (832), (835), (835), (835), (835), (837), (837), (837), (837), (837), (838), (838), (841), (841), (841), (844), (844), (844), (844), (845), (846), (847), (847), (848), (849), (850), (850), (850), (851), (852), (854), (854), (856), (856), (856), (857), (857), (858), (858), (858), (858), (860), (860), (861), (862), (862), (865), (865), (865), (865), (865), (866), (868), (868), (869), (871), (872), (873), (874), (874), (874), (875), (876), (877), (878), (881), (881), (881), (884), (885), (885), (886), (886), (886), (887), (887), (887), (887), (890), (891), (891), (892), (892), (892), (892), (892), (892), (892), (893), (894), (896), (897).
II.4.resultado de uma acção, quando seguido de part. pass. funciona como auxiliar de construção da voz passiva	(23), (23), (42), (126), (131), (131), (215), (239), (243), (284), (294), (299), (338), (338), (338), (356), (420), (421), (428), (428), (434), (441), (456), (457), (461), (464), (496), (537), (552), (552), (570), (616), (621), (621), (629), (649), (651), (652), (669), (670), (670), (670), (670), (675), (695), (701), (702), (708), (708), (708), (709), (741), (742), (749), (758), (772), (773), (773), (793), (826), (841), (853), (853), (858).

III.1.exortação, ordem, usado no presente do indicativo (3ª pes. sg.) e seguido de infinitivo	(461), (461).
III.2.obrigatoriedade, quando está seguido de infinitivo (regido pela prep. de ou para), dever	(8), (8), (94), (133), (378), (402), (575), (842), (870), (898).
III.3.reforço do valor dubitativo de frases interrogativas, nas formas será e seria, seguidas de completiva	(563).
III.4.Fam. confirmação positiva, nas formas é, foi, era... como resposta a determinadas perguntas afirmativas e em substituição do verbo destas	(446), (446), (446), (446), (498), (498), (623), (832).
III.5.Fam. confirmação positiva, usado em determinadas formas interrogativas, nas formas não é, não foi, não era... (em concordância de tempo com o verbo principal ou o auxiliar e em sua substituição, permitindo antever a resposta afirmativa.	(142), (291), (436), (856).

<p>III.6.ênfase contrastiva incidindo sobre o constituinte à sua direita, quando está só ou em correlação descontínua com que, o que, quem..., ou sobre o constituinte à sua esquerda, quando em combinação contínua com as mesmas formas</p>	<p>(16), (18), (19), (24), (27), (30), (67), (67), (68), (79), (85), (95), (96), (96), (100), (105), (108), (116), (117), (119), (120), (123), (131), (131), (145), (166), (167), (167), (172), (173), (174), (175), (175), (175), (180), (184), (184), (187), (188), (198), (200), (201), (201), (204), (205), (207), (215), (215), (221), (222), (224), (227), (227), (227), (227), (227), (227), (229), (229), (233), (239), (241), (249), (255), (279), (296), (303), (308), (312), (312), (318), (320), (321), (324), (331), (332), (332), (335), (338), (346), (352), (352), (370), (372), (373), (374), (375), (400), (408), (412), (413), (413), (415), (419), (424), (425), (428), (428), (429), (431), (436), (441), (457), (458), (459), (459), (462), (475), (477), (483), (485), (485), (490), (490), (501), (514), (537), (546), (550), (551), (554), (560), (560), (560), (560), (563), (567), (567), (569), (570), (570), (573), (573), (573), (573), (573), (575), (575), (576), (578), (580), (582), (583), (591), (597), (598), (606), (609), (612), (622), (623), (624), (625), (632), (632), (632), (633), (635), (635), (636), (653), (654), (656), (657), (657), (661), (663), (665), (670), (671), (671), (671), (679), (684), (684), (688), (691), (698), (703), (706), (709), (710), (716), (718), (739), (744), (762), (763), (764), (765), (767), (768), (769), (773), (774), (783), (785), (787), (792), (797), (800), (805), (805), (805), (805), (807), (807), (812), (819), (824), (824), (827), (828), (829), (832), (833), (834), (835), (836), (840), (841), (843), (843), (843), 8856, (864), (865), (867), (870), (876), (882), (886), (888), (890), (892).</p>
---	--

Depois de contar o número de ocorrências de *Ser* no romance podemos elaborar o seguinte gráfico⁵⁷:



Pela leitura e análise do gráfico de ocorrências de *Ser* no romance *em nome da terra* podemos retirar já algumas conclusões. A primeira delas e que ressalta à vista é, sem margem de dúvida, que o autor utilizou o verbo em estudo, maioritariamente como verbo copulativo ou de ligação entre o sujeito e o complemento predicativo, com a intenção de atribuição, qualificação permanente, maneira ou modo de ser; mostrou também a sua preferência no uso deste verbo para identificar. O verbo *Ser* como verbo pleno, foi usado preferencialmente para indicar posse, embora a semântica adoptada em I.0., I.1. e I.2. também tenha sido contemplada pelo autor. Apesar de verificarmos a ocorrência de verbos com idêntico valor semântico de *Ser* como verbo de sentido pleno – tais como *existir*, *haver*, etc, que resolvemos não registar aqui neste estudo – o autor preferiu o uso de *Ser*, nalgumas circunstâncias, o que julgamos constituir uma manobra estilística para reforçar quer o valor do verbo, quer para fazer passar a sua mensagem existencialista. Como verbo modalizador, *Ser* para dar ênfase ou realce a frases ou expressões marca também uma posição de destaque no universo discursivo do romance.

⁵⁷ A leitura do gráfico não dispensa a observação da respectiva tabela no anexo 2.

Quadro II

Expressões fixas usadas no romance *em nome da terra*⁵⁸

é que* ,	*A esta expressão dedicaremos, mais à frente neste trabalho, um ponto, já que é utilizada pelo autor com bastante frequência e com três funções possíveis: para enfatizar – 59 vezes; para interrogar – 145 vezes; e para introduzir ou apresentar frases – 3 vezes.
era uma vez,	Não se registaram ocorrências.
essa é (muito) boa,	Não se registaram ocorrências.
foi quando/é quando/deve ser quando	(1), (4), (78), (100), (194), (248), (294), (366), (406), (441), (528), (619), (630), (645), (720), (765), (766), (787).
não ser da conta de alguém,	Não se registaram ocorrências.
não ser de,	Não se registaram ocorrências.
não ser para menos,	Não se registaram ocorrências.
por quem é,	Não se registaram ocorrências.
que é/foi/será (feito) de,	(208), (749), (841).

⁵⁸ Adaptado e seguindo a estrutura do respectivo artigo, do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa.

ser a favor de,	(326).
ser capaz de,	(491), (541), (543), (607), (607), (709), (797).
ser como,	(42), (58), (131), (139), (190), (191), (191), (229), (237), (252), (262), (313), (334), (357), (383), (404), (440), (452), (460), (467), (472), 480), (485), (503), (529), (535), (551), (574), (578), (602), (691), (696), (719), (730), (746), (751), (752), (759), (775), (799), (804), (807), (810), (818), (820), (832), (841), (850), (881), (896).
ser contra,	(179), (290), (312), (327), (327), (327), (674).
ser dado a,	Não se registaram ocorrências.
ser de boa boca,	Não se registaram ocorrências.
ser de justiça,	Não se registaram ocorrências.
ser de opinião,	(790)
ser de parecer,	Não se registaram ocorrências.
ser do contra,	Não se registaram ocorrências.
ser do revirinho,	Não se registaram ocorrências.
é que são elas,	Não se registaram ocorrências.

ser fogo.	Não se registaram ocorrências.
ser pau para toda a obra,	Não se registaram ocorrências.
ser todo olhos,	Não se registaram ocorrências.
ser todo ouvidos,	Não se registaram ocorrências.

Seria ainda de incluir um outro ponto nesta tabela. Este seria designado por *Outras Expressões Fixas*. A necessidade do que referimos justifica-se, principalmente, dada a existência de outras expressões que encontramos e que seguem os critérios de fixidez necessários para lhes podermos chamar de Expressões Fixas. Um desses critérios – o de uma dada palavra ou expressão se cristalizar e fixar na língua – foi o que nos levou a notá-las e, conseqüentemente, ao seu registo.

Assim, aparecem-nos as seguintes *Expressões Fixas*, seguidas pelo número da citação do *corpus* onde ocorreram: *é o caso* (240); *ser assim* (10), (17), (29), (68), (81), (215), (230), (452), (452), (828), (837), (886); *ser certo e sabido* (31); *como é próprio de* (32), (87), (99), (706), (892); *ser preciso* (35), (56), (147), (211), (238), (281), (349), (349), (366), (383), (395), (395), (457), (530), (665), (670), (787), (794), (799), (832), (851); *ser de se dizer* (158); *ser um ver se te avias* (281)

3.3. O verbo *Ser* no romance *em nome da terra*

Chegados a este ponto do nosso trabalho importa salientar as várias funções que o verbo *Ser* ocupa no romance em nome da terra. Ao lermos e relermos o romance apercebemo-nos, com muita frequência, que o mesmo verbo adopta diferentes valores, de acordo com o contexto em que o seu autor o usou. Iremos seguidamente, e de forma muito sumária, enunciar algumas situações linguístico-literárias nas quais *Ser* tem as seguintes funções:

Identificação

Com a função de identificação, o uso do verbo *Ser* procura reconhecer alguém ou alguma coisa a partir de propriedades ou características que lhes são específicas, permitindo a sua individualização, num conjunto determinado de seres, realidades ou objectos.

Desta feita, encontramos no romance as seguintes situações a título de exemplo, onde o verbo desempenha esta função:

(169) *E a mulher explicou é o nome dele*

– *Ele é Benvindo, mas nunca me acomodei ao nome.*

Foi o meu falecido que lho pôs, já era o nome do avô (...).

Porque eu devia saber, não é só o sobrenome que se espalha numa família, é também o nome. As famílias não querem misturas, é também o nome.

– *Eu sou Adélia e na minha família (...) há cinco Adélias. Eu o que lhe queria pôr era Sebastião, olhe, foi o nome do meu primeiro namorado. (...)*

– *Sebastião era um nome grosso – disse eu.*

– *O meu namorado era um rapaz muito fino.*

Neste excerto em particular a identificação é traduzida pelos nomes, próprios ou não, que se seguem ao verbo.

Ou em:

(228) *O que vos trago é a notícia extraordinária e esperada há milénios de que não sois formigas nem mulas nem gado bovino.*

(824) (...) É uma ave. *Passou.*

No excerto (228) a identificação é feita pela negação, pela não pertença aos grupos de animais aí mencionados. No excerto (824) identifica-se claramente um ser com o seu grupo, o das aves.

Classificação

Com a função de classificação, com o uso do verbo *Ser* pretende-se reunir em classes ou em grupos, com características semelhantes, segundo um sistema ou método e atribuir uma designação a cada grupo constituído. Assim, no romance podemos encontrar os seguintes exemplos:

(72) *E como chove. O carro da Márcia é um mini.*

Em (72) inclui-se o carro no grupo de carros que são os minis – carros pequenos – mas também se classifica quanto à respectiva marca.

(247) (...) *Meu pai era militar e não tinha.*

Em (247) o verbo classifica um sujeito incluindo-o num grupo de pessoas que pertencem às forças armadas.

(282) (...) Era enfermeira em oncologia e o marido era médico oftalmologista (...).

(858) (...) Eram marqueses, condes, doutores e assim.

Nestes excertos a classificação é feita de forma mais clara e evidente, recorrendo-se às classes sociais ou profissionais.

Qualificação

A acção ou a função de qualificar expressa através do uso do verbo *Ser* entende-se como a determinação ou modificação por meio de adjectivos, complementos determinativos, orações relativas, pelo significado dos adjectivos, etc, atribuindo-se uma qualidade ao sujeito ao qual o verbo se refere. É o que acontece a seguir:

(15) *Espera, **não foi bem assim**. Então a tua presença **foi quase insuportável** e eu tive medo porque **sou muito fraco** da minha natureza sensível.*

(26) *Os filhos também queriam que eu te arrumasse num lar, não deixei. Nunca to disse, **mas foi assim**. Sobretudo a Márcia que **foi sempre a mais despachada** para forçar o destino.*

(34) *Havia a noite e o teu corpo branco e tudo **era longe** para não perturbar e não levar nada do que me pertencia. **Era belo** o teu corpo, **terrível**.*

Localização no espaço

O uso do verbo *Ser* também acontece para se situar uma acção, um acontecimento, uma realidade, no espaço, no local onde sucedem.

Alguns exemplos do que dissemos são apresentados a seguir:

(62) – *Deste lado **é o consultório médico**, ou melhor dizendo uma secção.*

(155) ***Era uma cidade à beira-mar**, tinha uma praia extensa. (...)*

(188) (...) *A casa de banho **era ao fundo do corredor** (...).*

(268) (...) ***Era um ginásio não longe da nossa casa futura**. (...)*

(316) ***Foi nas escadas de Minerva**.*

(529) (...) ***É a sala da secção C**, que é a minha.*

(637) (...) *Até que um dia, **foi na barriga da perna** (...).*

(675) (...) *Mas não é uma loja, **é um rés-do-chão em cimento** (...).*

Localização no tempo

O verbo *Ser* pode igualmente usar-se para se situar uma acção, um acontecimento, uma realidade, no tempo, enquadrando, desta forma as acções determinadas pelo verbo, num eixo temporal real ou psicológico – passado, presente, futuro, manhã, tarde, noite, horas, dias, estações do ano... por vezes socorrendo-se a expressões que remetem para a temporalidade das acções (advérbios de tempo, perífrases verbais de carácter temporal, aspectual, etc).

(1) **É quando** o que é grande acontece.

(7) Na realidade **foi tudo muito mais devagar**.

(8) ... tu disseste **são horas** de ir jantar.

(12) **Era um momento excessivo** (...). **Era um desses instantes** (...).

(38) **Era um dia** de chuva ...

(78) **Foi quando** bateram à porta ...

(84) **... é a altura** de ir ter contigo ao ginásio.

(89) (...) **Deixa-me ser só futuro**, o presente que espere, porque é um estupor.

(117) (...) *Porque a infância **é sempre** uma ameaça para o homem.*

(188) A memória **é assim, instantes imóveis**. *Imagens fixas, **são da eternidade** que é sua (...).*

(189) (...) ... **era domingo**.

(211) (...) ... e vem nos livros **de quando se começou a ser homem**.

(250) (...) ... **já era então padre?**

(268) (...) **Era a hora** de o fado ajustar contas com eles (...). *Hora de começarem a sério a ser mortais (...).*

(488) **E era já noite cerrada** quando saí (...).

(539) (...) ... deve ser sábado ou domingo. (...) E é verão ou assim (...). ... será já outono talvez.

(560) – Rebentou hoje, eram seis da manhã.

(587) (...) É o tempo da ordem do universo.

(823) (...) Deve ser o décimo terceiro mês (...).

(886) (...) Está uma noite quente, deve ser o fim do verão.

(898) E vão sendo horas enfim de descermos o rio.

Uso especial do verbo *Ser*

No romance em estudo verificamos o uso especial do verbo *Ser* em diversas ocasiões.

- Em substituição de *estar*:

(892) (...) Não tenho mais nada e sou contente.

* Não tenho mais nada e estou contente.⁵⁹

- Para *ênfatisar* ou realçar determinadas partes das orações:

i) *O predicado verbal*, como em (335), ou *o predicado nominal* (complemento directo), como em (636), a título de exemplo⁶⁰:

(335) ... agora quero é ver-te ainda um pouco...

... agora quero ver-te ainda um pouco...

(636) Um dia tive foi uma nódoa negra...

Um dia tive uma nódoa negra...

⁵⁹ Em * procedemos à substituição do verbo *Ser* por *Estar* e a oração não perdeu qualidade significativa.

⁶⁰ Em # e em ## procedemos à simples operação de retirar o verbo *Ser*. Verifica-se que a oração perde no seu carácter enfático, não resultando porém desta operação uma situação de agramaticalidade.

ii) Com a expressão *é que*:

(892) (...) *Estar contigo no absoluto de nós – onde é que poderemos ser todos no indizível e incomparável? (...)*

□ (...) *Estar contigo no absoluto de nós – onde poderemos ser todos no indizível e incomparável? (...)*⁶¹

○ Em expressão de *cortesia*:

(99) *Ou vou já ter contigo e dizer-te você foi formidável e tu virares-te para mim e perguntares-te quem é o tipo?*

§ *Ou vou já ter contigo e dizer-te tu foste formidável e tu virares-te para mim e perguntares-te quem é o tipo?*

Elipse do verbo

Deparámo-nos no romance em nome da terra com vaiadíssimas circunstâncias onde ocorre a elipse do verbo *Ser*, ou seja, não há necessidade das frases se construírem com o verbo e, por conseguinte, ele não aparece nas orações. Este instrumento gramatical – o verbo *Ser* – é dispensado pelo autor, talvez para não sobrecarregar excessivamente a fluência do seu discurso literário, dotando-o de uma visão repentina, e até mesmo sentimental.

Por vezes notamos que basta apenas um grupo formado por substantivo + adjectivo para se descreverem cenários, situações, sentimentos, não havendo necessidade de recurso ao verbo. O discurso constrói-se e flúi, como se tratando de um filme, ou da reflexão e pensamentos do autor esparramados nas linhas que escreve, tal e qual surgem mentalmente.

⁶¹ Em □ retirámos a expressão *é que* e verificamos, efectivamente, que a oração perde realce na tonalidade interrogativa.

Como nos diz Rodrigues Lapa⁶²:

“A dispensa do verbo não é processo novo; é antes um modo primitivo de registar as impressões das coisas. Explica-se por três motivos principais: a) uma expressão dúbia ou incompleta do pensamento; b) uma certa tendência para a brevidade e para o menor esforço; c) e a influência poderosa dum choque sentimental.”

E como acontece no romance nos exemplos seguintes:

Na p. 19:

“*Era um corpo velho deitado. Pálido magro, uma barbicha reles no ar.*”

“*Todo este corredor até ao fundo são quartos. Ao meio do corredor é a secção dos mais velhos. E ao fundo, a secção A, dos externos (...).*”

Na p. 21:

“*Um canapé de napa talvez, secretária cadeiras estantes envidraçadas. E do lado de dentro um brilho de reflexos metálicos de niquelado clínico, o quarto era do outro lado. Contra a vidraça, mais forte a chuvada de inverno.*”

Na p. 27:

“*Os pés, as mãos, a caca – que coisa. E o chichi e o instrumental de o produzir. E os ruídos nem sempre com propósito mas perfeitamente legítimos (...).*”

Muitos outros haveria a referir pois ao longo de todo o romance, Vergílio Ferreira recorre a esta figura de sintaxe para tornar o texto mais leve e fluente, deixando a presença do verbo subentendida e inteligível nas orações que precedem ou que sucedem as orações elípticas.

⁶² LAPA, M. Rodrigues, *Estilística da Língua Portuguesa*, p.193.

3.3.1. *Ser* verbo

Neste ponto do nosso trabalho, e no romance em estudo, seguimos uma metodologia de recolha exaustiva de dados, até ao ponto de contabilizarmos o número de ocorrências de *Ser*, flexionado e em contexto. Para tal, apoiámo-nos numa obra de referência⁶³ e compilámos a seguinte informação, que nos permitirá retirar alguns juízos de valor acerca dos critérios de uso e preferências do autor.

Indicativo

Presente

Sou – 37

És – 30

É – 1099

Somos – 16

Sois – 6

São – 117

Pretérito imperfeito

Era – 12

Eras 26

Era – 400

Éramos – 5

Éreis – 1

Eram – 49

⁶³ LOPES, João Antunes, *Dicionário de verbos conjugados*, p.296. (na edição consultada constatámos algumas gralhas tipográficas que deveriam ser alvo de correcção em errata. Assim, onde se lê *eram*, na 2ª pessoa do singular do Pret. Perf. do Indicativo, deveria ler-se *eras*; onde se lê *sermos*, na 3ª pessoa do singular do Infinitivo Impessoal, deveria ler-se *ser*.)

Pretérito perfeito simples

Fui – 10

Foste – 12

Foi – 172

Fomos – 1

Fostes – 1

Foram – 5

Futuro imperfeito

Serei – 0

Serás – 0

Será – 7

Seremos – 0

Sereis – 0

Serão – 1

Pretérito mais-que-perfeito

Fora – 0

Foras – 0

Fora – 4

Fôramos – 0

Fôreis – 0

Foram – 2

Imperativo

Sê – 2

Sede – 3

Conjuntivo

Presente

Seja – 0

Sejas – 1

Seja – 14 [incluindo locuções conjuncionais com “seja”]

Sejamos – 0

Sejais – 1

Sejam – 0

Pretérito imperfeito

Fosse – 1

Fosses – 1

Fosse – 16

Fôssemos – 0

Fôsseis – 0

Fossem – 4

Futuro

For – 0

Fores – 0

For – 7

Formos – 0

Fordes – 1

Forem – 1

Condicional

Seria – 0

Serias – 1

Seria 11

Seríamos – 0

Seréis – 0

Seriam – 2

Infinitivo pessoal

Ser – 7

Seres – 12

Ser – 2

Sermos – 6

Serdes – 1

Serem – 9

Infinitivo simples

Ser – 250

Particípio

Sido – 13 (onde se incluem: *ter sido, deve ter sido, teria sido, tem sido, tinha sido*)

Gerúndio

Sendo – 10 (onde se incluem: *vão sendo, vamos sendo, vai sendo, ir sendo, está sendo, e sendo um*)

Ao observarmos os dados recolhidos, em duas mil, trezentas e noventa e oito vezes (2398) que *Ser* é usado pelo autor, deduzimos de imediato a clara preferência de *Ser* na 3ª pessoa do singular. Esta preferência é ainda mais evidente no caso da 3ª pessoa – singular e plural – dos tempos do modo indicativo. Para esta preferência também contribuiu o uso de *Ser* nas suas formas enfáticas, incluindo o uso da expressão fixa “é que” (nas suas três formas: *introdutória, interrogativa e enfática*)⁶⁴.

⁶⁴ Abordaremos estas formas em 3.6. e em 3.6.1.

3.3.1.1. Perífrases verbais com *Ser*

A perífrase verbal, conhecida também sob a denominação de conjugação perifrástica, ocorre sempre e quando temos um verbo principal, no infinitivo ou no gerúndio, e um verbo auxiliar, no tempo que se quer conjugar. Ocorrem ainda situações nas quais se pode aliar uma preposição, precedendo, nestes casos, ao verbo principal.

No *corpus* analisado, a conjugação perifrástica com o verbo *Ser* surge-nos associada aos seguintes verbos auxiliares: *querer, haver, poder, dever, ir, deixar, voltar, vir, começar, chegar, ter, gostar, dar, estar, desistir, fazer, ser, desistir, dizer, distrair, precisar, escolher, acabar, apeteecer, saber, apagar, obrigar e aposentar*.

Ainda, e no âmbito da conjugação perifrástica, deparamo-nos com os verbo principal, e para tal, como é óbvio, consideramos apenas o verbo *Ser*, precedido das seguintes preposições mais frequentes: *de, a* e *para*. Estas preposições estabelecem ou podem vir a estabelecer com o verbo que precedem vários tipos de valores ou de relações. No caso particular da preposição *a*, esta relação pode ser de tempo, de lugar onde, de modo, de proximidade e de matéria. A preposição *de* admite também vários tipos de relações com o verbo: de matéria, de parentesco, de posse ou de pertença, de conteúdo ou ainda uma relação temporal. Já *para*, pode implicar uma relação de movimento ou de direcção, de lugar para onde, de companhia e de fim ou finalidade.

Mais adiante iremos dar exemplos do que acabámos de afirmar, recorrendo a citações seleccionadas de entre o nosso *corpus*.

Ao se aliar a outros verbos que o auxiliam, a significação do verbo *Ser* expande-se, adquirindo tonalidades temporais, aspectuais e ainda modais. Acreditamos que o autor do romance em nome da terra soube utilizar a perífrase verbal de forma exímia, levando, propositadamente, o verbo *Ser* a alcançar significados para além daqueles que normalmente se lhe atribui.

Ao reanalisarmos o nosso *corpus*, deparamo-nos com as seguintes ocorrências de perífrases verbais com *Ser*:

Acabar por ser: (738).

Apetecer ser: (233).

Aposentar de ser: (43).

Chegar a ser: (201) e (362).

Começar a ser: (150), (211), (245), (268), (416), 432 e (628).

Dar para ser: (379).

Deixar de ser: (463), (618) e (834).

Deixar ser: (89) e (383).

Desistir de ser: (509).

Dever ser: (9), (24), (54), (79), (183), (223), (300), (348), (364), (367), (379), (461), (528), (539), (562), (618), (646), (647), (649), (651), (670), (671), (672), (675), (689), (696), (726), (777), (782), (793), (817), (822), (823), (830), (871), (886) e (887).

Distrair de ser: (22).

Escolher ser: (653).

Estar a ser: (65), (621) e (622).

Fazer ser: (679) e (680).

Gostar de ser: (351).

Haver de ser: (221), (294), (379), (537), (575), (661), (701) e (805).

Ir ser: (89), (102), (149), (264), (276), (358), (383), (433), (441), (471), (496), (559), (570), (597), (621), (785) e (898).

Obrigar a não ser: (303).

Poder ser /não poder ser: (134), (152), (195), (213), (215), (301), (470), (584), (592), (755), (760), (841), (865) e (892).

Precisar de ser: (739).

Querer ser: (200), (320), (579) e (845).

Saber ser: (812).

Ser + ser: (464), e (763).

Ter de ser: (201), (257), (652) e (655).

Ter que ser⁶⁵: (372) e (426).

Vir a ser: (92) e (671).

Voltar a ser: (725) e (865).

⁶⁵ Vergílio Ferreira utiliza em (372) e (426) a conjunção *que* para formar a perífrase verbal *ter que ser*. Estamos em crer que o fez fará reforçar o valor utilizado em *ter de ser*.

3.3.1.1.1. *Ser* com auxiliares temporais

Por vezes não é tarefa fácil distinguir a classe temporal da classe aspectual, ou até mesmo da modal, mas deixaremos aqui um pequeno apontamento de que as perífrase verbais *haver de ser* ou *ir ser* podem exprimir a ideia de um tempo futuro.

Nos seguintes casos, a ideia de tempo futuro está implícita no valor da perífrase verbal:

(16) *Como é que vais ser juiz no resto da história, se és um débil de nervos?*

(294) (...) *Foi no último dia do julgamento do Salus, eu absolvi-o e há-de ser sujeito a outro julgamento. (...)*

(433) – *E então agora como vai ser, o senhor sem o monóculo?*

(379) (...) *E diz coisas ininteligíveis numa tremura de voz que dá para ser riso ou choro, um cacarejo assim. Mas deve ser uma coisa e outra, que há-de ser o sítio do seu ser.*

(575) (...) *Quem é que selecciona por nós o que há-de ser para nós?*

(701) (...) ... *como se não desvaloriza um banquete com o que ele há-de ser no caixote e na casa de banho. (...)*

3.3.1.1.2. *Ser* com auxiliares aspectuais

Como já se encontra referido anteriormente, a perífrase verbal, o próprio tempo verbal, do valor semântico intrínseco ao verbo, o uso de determinados advérbios ou deícticos temporais constituem formas ou processos linguísticos que exprimem o aspecto verbal.

A concepção de aspecto que aqui apresentamos deve ser encarada como uma categoria gramatical que respeita ao modo como o sujeito falante concebe o desenvolvimento interno ou o desenrolar daquilo que o verbo significa, ajudado por um auxiliar. Os enunciados podem ainda ser caracterizados de acordo com três valores aspectuais: **acabado/inacabado**; **durativo**; e **pontual**. O verbo *Ser* implica, já em si um, um primeiro valor aspectual que poderá ser a significação de um estado. Ora, os estados podem ser durativos: “Ela **é** feliz”.

No presente estudo iremos considerar apenas uma das formas de exprimir o aspecto de *Ser*: o do uso de auxiliares aspectuais.

A classe aspectual subdivide-se noutras, de acordo com o desenrolar do estado que o verbo significa. A saber: aspecto **perfectivo** (quando o que o verbo significa já se consumou, já terminou); aspecto **imperfectivo** (quando o que o verbo significa ainda não terminou); aspecto **momentâneo** (quando o que o verbo significa está a decorrer no momento); aspecto **durativo-cursivo** (quando o que o verbo significa está em curso, está em desenvolvimento); aspecto **incoativo** (quando o que o verbo significa se encontra no seu início e que pode ter um desenvolvimento gradual); aspecto **inceptivo** (quando o que o verbo significa se refere ao início do estado); aspecto **permansivo** (quando o que o verbo significa assinala a continuação ou permanência); aspecto **cessativo** (quando o que o verbo significa denota cessação); aspecto **conclusivo** (quando o que o verbo significa assinala a conclusão propriamente dita); aspecto **imediato** (quando o que o verbo significa teve lugar num passado recente ou próximo, ou terá lugar num futuro próximo ou imediato) e aspecto **iterativo, frequentativo** ou

habitual (quando o que o verbo significa se apresenta sob a forma frequente ou repetida ou ainda como um hábito).

Os auxiliares que aqui consideramos imprimem um valor aspectual na conjugação perifrástica com *Ser* são: *acabar, começar, deixar de, estar, ir, vir, chegar e voltar*.

Dito isto, observem-se as seguintes citações, onde iremos referenciar já o aspecto verbal contido nas perífrases com *Ser*:

(201) (...) *Estou farto. Tu que queres? Nada. Quase nada. Apenas uma coisa que nem sei se chega a ser coisa. Tudo o que tinha de ser já foi tão aproveitado, que é que te quero dizer? – Inceptivo.*

(362) (...) *Actos para se ser mais tarde um herói um assassino um reformador político que se não chegou a ser, actos sem préstimo que se deitaram ao lixo municipal. – Inceptivo.*

(150) *Então as coisas começam a ser estranhas como de um país desconhecido e ao afectos e o mais começam a retrair-se a si mesmos como se não existissem. – Inceptivo.*

(211) (...) *É dos hábitos de se ser humano e vem nos livros de quando se começou a ser homem. – Inceptivo.*

(245) *Na realidade só o pergunta quem começa a ser infeliz ou julga que isso tem alguma significação. – Inceptivo.*

(268) *Hora de começarem a sério a ser mortais, eles ficavam fulos com essa ofensa pessoal do destino. - Inceptivo.*

(416) (...) *Quando começou a ser médico, ele dizia – e se o doente morre? Se o melhor remédio não era este? (...) – Inceptivo.*

(432) *A noite começa a ser de mais para a minha luz acesa (...). Mas agora custa menos, a noite. Difícil é o anoitecer. – Inceptivo.*

(628) – *Ouve – disse-me ele sem me dizer, e a noite começava a ser plausível sobre a tarde, a doença e o seu cheiro que não é dos remédios, fezes, suor, mas do tempo e abandono (...) – Inceptivo.*

- (463) (...) *Conheci um tipo que deixou de ser crente mas continuou a rezar ave-marias ao deitar. – Cessativo.*
- (618) (...) *e agora se calha encontrarem-se falam por cima do silêncio e dizem muitas coisas e deixaram enfim de ser irmãos (...). – Cessativo.*
- (834) (...) *E sentia, como é que hei-de dizer? sentia o que estava antes ou depois de todo o ritual e que não tinha nome e deixava de ser se lho desse. – Cessativo.*
- (65) (...) – *mas estou a ser ingrato e grosseirão. Serviu-me bem toda a vida, com dedicação, não me posso queixar. (...) – Durativo-cursivo.*
- (621) *Então senti que estava a ser subornado e dei um berro que afirmasse a minha força e autonomia. – Durativo-cursivo*
- (622) *Nunca se é nada para sempre do que se está sendo. – Durativo-cursivo*
- (89) *Mas agora estamos no ginásio, talvez voltemos a visitá-lo, agora vamos ser gente em grandeza e força e futuro. – Incoativo.*
- (102) *D. Felicidade espera à porta, vestida de Parca. São três as Parcas, como sabes, não sei qual delas vai ser. – Incoativo.*
- (149) (...) *O sinal de que vão sendo horas só o próprio o sabe. É um aviso oblíquo... – Incoativo.*
- (264) (...) *Porque um sentimento tem que ver com a pessoa que somos, não serve em todas as ocasiões do que vamos sendo. – Incoativo.*
- (276) (...) *Todos têm a sua porque o homem vai sendo eterno (...). – Incoativo.*
- (358) (...) *Eu ia ser doutor, seleccionado para a glória como os doutores da Igreja. – Incoativo.*
- (383) (...) *You ser sublime e atrasado mental. (...) – Incoativo.*
- (441) (...) *A rapariga que quando vai ser fuzilada (...) – Imediato.*
- (471) (...) *O fulgor, a eternidade portátil e caseira, não tenho mais nada para ir sendo humano com um furo acima da minhoca. – Incoativo.*
- (496) (...)...*you ser simples agora. (...) – Imediato.*
- (559) – *Eu lhe anuncio, minha cara senhora, eu anuncio ao mundo que o país um dia vai ser um grande asilo de parasitas. – Imediato.*

(570) (...) Há um modo incompreensível de a gente ir sendo e há o incompreensível de as coisas pertencerem ou não a esse modo. (...) – **Durativo-cursivo**.

(597) – Tens de estar onde te tratem, se te acontece alguma coisa, como é que vai ser? (...) – **Imediato**.

(621) (...) Um canto de triunfo talvez, de quem prevaleceu contra ela, como o de um mártir, digamos, que vai ser sacrificado e antecipa com o canto a vitória sobre os algozes. (...) – **Imediato**.

(785) (...) Estou para ver como vai ser. – **Imediato**.

(898) E vão sendo horas enfim de descermos o rio. – **Incoativo**.

(92) (...) Tinha também, além da força, a mania de vir a ser cantor de ópera. – **Imediato**.

(671) (...) O único juiz possível devia ser ele, para julgar não só os que foram patifes mas também os que o viriam a ser se tivessem tido ocasião. – **Inceptivo**.

(725) (...) Um corpo é uma estrutura de leis que lhe regulam a naturalidade de ser e o tornam óbvio assim, mesmo no seu mistério. E às vezes há outra lei contra alguma delas e volta a ser tudo natural (...). – **Iterativo**.

(865) (...) o Barros patarata, e outros e outros que não nomeio para não voltarem a ser reais. (...) – **Iterativo**.

(738) (...) Mas acabou também por ser comigo e vi que a razão estava do lado da ordem (...). – **Conclusivo**.

3.3.1.1.3. Ser com auxiliares modais

Ser com auxiliares modais traduzem-se numa perífrase verbal que tem a intenção de assinalar ou marcar uma determinada atitude do locutor. Consideramos para este efeito os auxiliares *poder, dever, ter de, ter que, apetecer, aposentar de, dar para, deixar, desistir de, distrair de, escolher, fazer, gostar de, haver de, obrigar a, precisar de, querer, saber e ser*.

As ocorrências perífrases verbais com *Ser* que registamos, com tonalidades modais, são as que consideramos a seguir:

(22) *E as tuas quezílias de seres mortal quando te distraías de ser divina (...).* – Com valor modal de **distracção**.

(43) *Era tudo gente aposentada de ser gente, vivia numa zona intermédia de uma cor de morte mas por empréstimo. (...)* – Implicando uma atitude de **conformismo e desistência**.

(89) (...) *Deixa-me ser só futuro, o presente que espere, porque é um estupor.* – Com valor modal de **permissão**.

(233) (...) ... *só vos digo que sejais vós e que se vos apetece ser lordes sede lordes e se vos apetece ser mulas sede mulas. (...)* – Com valor modal de **expressão de vontade**.

(221) (...) ... *nunca vos perguntais com que direito haveis de ser boi até ao fim da vida. (...)* – Com o mesmo valor de *tereis de ser*, que implica uma **obrigação**.

(379) (...) *E diz coisas ininteligíveis numa tremura de voz que dá para ser riso ou choro (...).* – Com valor de **possibilidade**: *tanto pode ser riso ou choro*.

(383) (...) *Mas eu preciso agora tanto de seres divina. (...) ... deixa-me ser infantil. (...)* – No primeiro caso implica um valor de **necessidade**, no segundo, um valor modal de **permissão**.

(509) (...) *Curto rápido na mobilidade de rapaz que desististe de ser. (...)* – Com valor modal de **desistência e conformismo**.

(537) (...) – E para onde é que haviam de ser? – Com o mesmo valor de *deviam ser*, implicando uma **adequação** ao contexto.

(661) (...) E depois, porque é que ele não havia de ser culpado? – Com o mesmo valor de *podia ser*, implicando uma **possibilidade**.

(739) (...) Você não verá que essas calças precisam de ser passadas? (...) – Com valor modal de **necessidade**.

(805) (...) Porque é que ela há-de ser assim, e não de outra maneira, porque é que existe a pergunta? – Com valor de *ter de*, implicando um valor de **obrigatoriedade**.

Em (9), (24), (54), (79), (183), (223), (300), (348), (364), (367), (379), (461), (528), (539), (562), (618), (646), (647), (649), (651), (670), (671), (672), (675), (689), (696), (726), (777), (782), (793), (817), (822), (823), (830), (871), (886) e (887), o valor modal de dever ser implica um valor de **probabilidade** ou **dever**.

(679) (...) todas as coisas são o que são, mas aquilo que lhes fazemos ser e só isso é que é (...). E (680) A beleza transparente que te iluminava por dentro. Era tua, mas só eu a via porque só eu a fazia ser tua (...). – Com valor modal de **criação na mente, imaginação, entendimento**.

(351) (...) Gostava bem de ser calmo ao dizer-te. – Com valor modal de **desejo**.

(303) (...) ... querias era impor à vida a tua razão, obrigá-la a não ser estúpida. – Com valor modal de **obrigatoriedade**.

Em (134), (152), (195), (213), (215), (301), (470), (584), (592), (755), (760), (841), (865) e (892), a perífrase verbal poder ser/não poder ser apresenta-se com o valor de **possibilidade** e **impossibilidade** ou **probabilidade** e **improbabilidade**.

Em (200), (320), (579) e (845), a forma perifrástica querer ser implica um valor modal de **intenção**, e **expressão de vontade** ou **desejo**.

(812) (...) ... e a minha negativa que ele sabia ser útil sem saber porquê. (...) – Com valor modal de **conhecimento**.

(464) (...) Pensar o porquê das coisas é ser quase tarado. (763) (...) Ser é ser reconhecido (...). – Com valor modal de **afirmação de uma certeza** ou de uma **conclusão**.

Em (201), (257), (652), (655), (372) e (426), **ter de** e **ter que** apresentam valor modal de **dever, obrigação**.

3.4. *Ser* e Predicações recorrentes

É do conhecimento comum que qualquer oração, simples ou complexa, se constitui, em termos genéricos, por dois elementos primordiais: sujeito e predicado. Se o primeiro é o termo da oração que nos indica o tópico da comunicação, representado pela pessoa ou pela coisa sobre a qual se afirma ou se nega uma qualidade ou acção, o segundo, o predicado, constitui-se no comentário da comunicação, ou seja, é tudo o que se diz na oração e que respeita ao sujeito. O verbo *Ser*, usado como verbo de ligação entre o sujeito e o complemento predicativo, ou seja, enquanto verbo de cópula, revela primordial interesse neste estudo, visto se verificar em maior número de ocorrências.

3.4.1. *Ser* com Predicações nominais

O verbo *Ser*, como verbo de ligação entre sujeito e o complemento predicativo, ou como verbo que relaciona estes dois termos, é usado para exprimir o que o sujeito é, está a ser ou passa a ser. Essa expressão sobre o valor do sujeito poderá ser feita através da colocação pós verbal de um nome, e que denota a declaração principal do predicado.

Registaremos a seguir alguns exemplos no romance:

(16) *Como é que vais ser juiz, no resto da história, se és um débil de nervos?*

(24) *Algumas velhas choram, vê tu, aquilo é que é uma mania. (...)*

(32) *Então reparámos, e era uma extensão de areia branca. (...)*

(33) *(...) ... e um desejo súbito de sermos deuses.*

(35) *(...) O tacto, querida, é o sentido mais nobre. (...)*

(162) *(...) ... eram a projecção de uma opressão através das eras, a estratégia de uma astúcia prevenida contra um inimigo comum pressuposto e que era o homem de aço, de guerra e dominador.*

(165) *Tenho ali numa cassete o concerto de Mozart, hei-de-to tocar **para seres a música** dele.*

(210) (...) *Porque ele **foi** realmente **o teu pai**, tu disseste-te filho do homem, **era a tua origem e vocação** (...).*

(667) (...) *Então não se está mesmo a ver que **é um disparate**, mas eu teimei. (...)*

3.4.2. Ser com Predicações adjectivais⁶⁶

À semelhança do que acontece na predicação nominal, os predicados adjectivais comentam o que o sujeito é, está a ser ou passa a ser, mas desta feita usam-se adjectivos em posição pós verbal com a mesma função.

Mais alguns exemplos no romance:

(161) *A dona **era viúva** e tinha um filho paralisado. (...)*

(211) ***É certo** que **eras novo** (...).*

(295) (...) ... ***era espontâneo indiscutível** (...).*

(320) – ***Quero ser útil** na vida. (...)*

(363) (...) ***Era mais justo** mostrá-lo aos outros e eles participarem da tua maravilha.*

(408) (...) *Mesmo o que **é chato ou feio ou podre**, se a gente souber a palavra certa deve ficar belo à mesma.*

(540) (...) *Agora ajudo-te a sair do carro, **é difícil**. (...) E eu penso como **é prodigioso** mover um simples dedo, como a facilidade **é difícilíssima**.*

(602) (...) *Ela **era dura resistente** como certos atletas (...).*

(730) (...) ... ***era simbólica** como os troncos ou correntes que vedam a estrada numa quinta (...).*

⁶⁶Cf. com Evanildo Bechara, que em *Lições de Português pela análise sintática* inclui o predicado adjectival no predicado nominal. Julgamos necessária a diferenciação da terminologia, pois que a predicação pode tanto ocorrer de uma como da outra forma, ou com nomes, ou com adjectivos, embora com a mesma intenção.

(860) (...) *Querida Mónica. O homem é tão extraordinário (...).*

3.5. Ser enfático

Para além das ocorrências com “é que” – que mais adiante explicitaremos – *Ser em nome da terra* ocorre também com a clara intenção de enfatizar determinadas expressões, tais como as que a seguir apresentamos e onde damos especial relevo às palavras realçadas:

- (105) – *Vocês não aguentam é com o vosso peso e então deitam-no à rua (...).*
- (174) *Lembro é quando chegámos a casa e o rapaz veio a correr (...).*
- (198) *Cumpro o meu dever comunitário mas só quase ouço, hoje falei foi com o Cristo (...).*
- (303) ... *querias era impor à vida a tua razão ...*
- (308) *É mas é um disparate...*
- (331) ... *mas a mim apetecia-me era estar só contigo.*
- (335)... *agora quero é ver-te ainda um pouco...*
- (346)...*mas agora quero é amar-te a ti.*
- (459) ...*tenho é uma vontade bruta de reflectir.*
- (514) *Quero agora é ter-te na tua densidade exemplar.*
- (583) *Lembro-me de repente é de quando...*
- (606) *E agora gostava era de te falar do Teo...*
- (623) ...*agora deves é preparar-te para depois...*
- (636) *Um dia tive foi uma nódoa negra...*
- (671) ... *E eu quero é amar-te ... quero é amar-te.*
- (706) ... *ouve-se é o chocalhar dos esqueletos que não têm aviso nenhum.*
- (768) *Mas queria era falar-te do senhor Penedo...*
- (769) *Gostava era de uma música celestial com saltérios teorbais alaúdes.*
- (829) (...) ... *sei é que vou iniciar o que eu chamo o «ciclo do canguru», (...).*
- (864) ... *quero é estar contigo.*
- (876) ... *trago-os é no carro grande...*

(886) *Quero é aproveitar o tempo...*

Em todos os casos aqui apresentados retirados do romance, poder-se-ia perfeitamente retirar o verbo *Ser*, mas sem retirar o sentido das frases. Concluimos pois, que é este verbo, aqui empregue pelo Autor, que serve o intuito claro de dar ênfase às expressões a ele associadas.

Vejamos agora, se retirarmos em (346) o *Ser* enfático, a frase não perde nada no seu sentido geral:... *mas agora quero amar-te a ti*. Apenas notamos uma perda de realce no verbo amar que se seguiria imediatamente após o *Ser* enfático.

3.5.1. A expressão fixa “é que” em nome da terra

No romance em estudo e em análise, a expressão “é que” concorre para enfatizar as orações onde a mesma se inclui. Notámos, com evidente clareza, que o Autor a ela recorreu frequentemente e, este facto contribui, em grande parte, para que possamos falar de um estilo em Vergílio Ferreira no romance *em nome da terra*.

As três variedades de “é que” que são demarcadas em *Sintaxe e semântica das construções enfáticas com é que (1ª parte)*⁶⁷, ocorrem em duzentas e treze ocasiões nomeadamente: a) “é que” *enfático*, propriamente dito; b) “é que” *interrogativo*; c) “é que” *apresentador de frases*.

Considerámos, na nossa contagem de ocorrências desta expressão, os critérios estabelecidos no estudo referido anteriormente, atendendo a que se trata de uma construção fixa e no seio da qual não se poderá incluir qualquer outro morfema, sem que para tal se altere a semântica do contexto em que a mesma se insere.

Considera-se também, formalmente, esta expressão como uma locução invariável estereotipada, que enfatiza, a nível semântico, o sintagma que se encontra à sua esquerda, de forma contrastiva. “É que” concorre, quer sintáctica, quer semanticamente, com alguns advérbios modais, tais como *apenas, bem, mal, já, logo*, entre outros, funcionando como *modificador da frase*, ou seja, implicando uma atitude do falante face ao conteúdo semântico dessa frase. Logo, concordamos que esta expressão poderá ser considerada um *advérbio modal*.

Ainda, num contexto sintáctico de perguntas de respostas, “é que” enfático e “é que” interrogativo podem estar relativamente correlacionados. Estas duas categorias de “é que” são, de facto as que ocorreram mais frequentemente.

Seguidamente, iremos apontar alguns exemplos explicativos do que acabámos de referir:

⁶⁷ CASTELEIRO, João Malaca, *Actas do 1º Encontro Nacional para a Investigação e Ensino do Português – 1976*, p.549 e seguintes.

a) “é que” enfático

(24) *Algumas velhas choram, vê tu, aquilo é que é uma mania.*

O valor enfático da expressão “é que” é notado, de uma forma mais nítida, se o fizermos desaparecer da frase. Assim:

* *Algumas velhas choram, vê tu, aquilo é uma mania.*

A frase marcada com o asterisco continua semanticamente correcta mas, ao se lhe retirar “é que” que enfatizava o facto de as velhas chorarem, perdeu em ênfase que se queria dar a esse facto que se considera ser uma mania.

b) “é que” interrogativo

Nestes casos, “é que” surge associada a pronomes e advérbios interrogativos: *onde, quando, porque, porquê, que, como*, etc. Ao se tratar este romance particular de *mais um romance-problema*, é natural que seja esta, das três formas de “é que”, a que mais ocorra. Vejamos os exemplos:

(27) (...) Que é que *ganhas tu ou a mãe em estar em casa?*

(227) *Mas vós não sois bestas senão quando vos distrairdes. (...) O que eu vos digo é mais simples, ó ignaros. O que eu vos venho pregar é que vos pergunteis para quê. (...)...é uma coisa elementar como a água e o pão. (...)...é se já vos perguntastes porque é que estais vivos, que é que fazeis da vida, porque é que amochais à vontade de outrem, porque é que alombais com um destino que não é o vosso. Tudo no universo tem um destino que é seu, vós nem sequer sabeis qual é o vosso (...). O sol serve para aquecer (...) a pedra para fazerdes muros ou jogares à pedrada – vós para que é que sois? (...) nem qualquer outra forma de serdes em rebanho nem que seja a de uma*

filarmónica. O que vos trago é apenas uma pergunta – porquê ou para quê. O que vos trago é apenas o anúncio (...)

(352) (...) *Desaparecer no não-ser, na perfeição. E olhar por fim o teu corpo morto, reconhecermo-nos na materialidade expulsa do paraíso. (...) Está inteira mas não está – onde é que se perdeu? que é que? É o teu corpo, querida.*

As perguntas, que no romance aparecem recorrentemente, têm a intenção de pôr o leitor a pensar e a procurar-lhes as respectivas respostas. A força destas perguntas, já de si reaccionárias contra a frágil condição humana, advém efectivamente de nelas estar contida a expressão “é que”. Esta expressão quase que nos obriga a procurar desenfreadamente as respostas que o autor nos propõe, enquanto leitores, ao mesmo tempo que nos remete para a procura da verdade das coisas, numa perspectiva filosófica. De facto, o que sucede é que Vergílio Ferreira coloca no discurso a sua própria angústia, as suas preocupações, encorajando e convidando-nos a pensar com ele.

c) “é que” apresentador de frases

A frase que a seguir apresentamos vem na sequência de uma queixa que o juiz reformado faz a D. Felicidade acerca do sono ruidoso de Salus, seu colega de quarto:

(374) – É que não consigo dormir, D. Felicidade (...).

Se consideramos a natureza desta categoria de “é que”, verificamos que mantém determinadas propriedades semânticas e formais que a seguir transcrevemos⁶⁸: enfatiza, de certo modo, o conteúdo da frase à sua direita; pode ser parafraseado por *acontece que, o facto é que*, sem se alterar o significado da frase; pode ser apagado sem alterar a gramaticalidade da frase; surge à cabeça da frase e não à esquerda do sintagma verbal,

⁶⁸ CASTELEIRO, Op. Cit., p.557.

como acontece nas outras categorias de “é que”; não atrai para antes do verbo os pronomes pessoais clíticos, ao contrário da expressão “é que” enfática. Estas propriedades afastam esta categoria particular das outras duas anteriores e a não desempenhar um papel muito importante no romance. Chamamos antes a atenção para o valor que as outras categorias de “é que” – enfático e interrogativo – desempenham no romance, para o seu poder enfático e para a sua importância no desenrolar do discurso narrativo, facto que poderá ser considerado uma característica do estilo do Autor, como já referimos antes.

3.6. Ser nominalizado

No universo textual que adoptámos como corpus para este trabalho de descrição e análise, a palavra Ser aparece também sob a forma de nome em trinta e três ocasiões, como veremos nas citações que a seguir apresentamos:

- (13) *Eras de uma outra natureza de seres viventes. (...) ...como me sinto agora humilde e infeliz na bruteza do meu ser.*
- (103) *... uma razão oculta no teu ser para a tua decisão.*
- (112) *... tão desapossado do meu ser...*
- (124) *Porque um filho, pois, é um ser sagrado.*
- (125) *Tudo isto ocupa um espaço enorme do nosso ser.*
- (266) *... desordem estúpida do meu ser animal.*
- (286) *... do meu ser alado contra a estupidez da terra.*
- (295) *... o seu ser ia só até ao ser de uma pedra.*
- (322) *Porque não se escolhe o nosso ser...*
- (344) *Depois o Teodoro até se apagar no não-ser.*
- (352) *(...) Desaparecer no não-ser, na perfeição.*
- (372) *(...) Só eu hei-de saber o teu mistério, só eu saberei o teu ser.*
- (379) *... que há-de ser o sítio do seu ser.*
- (380) *Minha perna, meu ser.*
- (385) *E o impossível de todo o seu ser de passagem.*
- (392) *(...) A tua degradação, descida lenta até ao rés-do-chão do teu ser.*
- (512) *... um destino, que estupidez querer explicar o ser.*
- (514) *Refreio o ímpeto, quero entrar com a consciência difícil do que procuro, o impossível do teu ser.*
- (547) *E havia sol no teu ser mortal.*
- (570) *O homem é um ser tão improvável.*

- (587) *É o tempo da vida, tempo cósmico, passa por todo o ser vivo.*
- (616) *Tinha a dupla defesa de médico e de padre contra o que era pessoal em mim, a minha singularidade, o meu número de ser humano.*
- (647) *Deve ser a lei da união dos seres...*
- (698) *Devem talvez olhar-me com terror como a um soberano, um ser hostil que não remói a boca no vazio.*
- (765) *... eu olhava-a com terror, e uma grande paz e beatude em todo o meu ser.*
- (820) *E ele é eterno, sim, mas na essência do seu ser mortal.*
- (854) *... lavada purificada iluminada na pureza do teu ser (...).*
- (873) *Encontrar-te depois na eternidade do teu ser.*
- (874) *A eternidade do teu ser.*
- (887) *Amo o impossível da eternidade do teu ser.*
- (891) *O incorruptível, não do teu corpo, mas do teu ser.*

Se atendermos ao Quadro III, facilmente damos conta do uso de *Ser* enquanto nome, e será igualmente tarefa fácil analisá-lo enquanto tal. Assim, de acordo com as citações anteriores, e fazendo a análise do significado da palavra, chegaremos aos seguintes resultados, fazendo a respectiva correspondência semântica:

Quadro III

Nominalização de *Ser*

Ocorrências no romance em nome da terra

Existência: (13), (112), (266), (322), (380), (512), (547), (820).

Ente: (124), (647).

Ser imaginário, Deus: (344).

Criatura, organismo, ser vivo: (13), (392), (570), (587).

Criatura, pessoa, ser humano: (125), (616), (698).

Alma, consciência, essência: (103), (286), (295), (352), (372), (379), (385), (514), (765), (854), (873), (874), (887), (891).

A verificação do grau de veracidade da pequena análise que fizemos constata-se se nos ocorrer substituir a palavra em realce por uma das suas significações, com as devidas e necessárias alterações de concordância e de flexão.

Vamos pois experimentar o que acabámos de afirmar, com as seguintes citações:

(13) *Eras de uma outra natureza de criaturas viventes. (...) ... como me sinto agora humilde e infeliz na bruteza da minha existência.*

(295) ... a sua consciência ia só até à consciência de uma pedra.

(887) *Amo o impossível da eternidade da tua alma/essência.*

Ao procedermos a estas substituições, o valor semântico essencial não se perdeu, pelo contrário, ficou mais claro e evidente para o leitor.

Estamos cientes que Vergílio Ferreira usou *Ser* nominalizado, certamente com algum propósito estilístico, concedendo ao leitor a avaliação do seu significado, no contexto em que o colocou.

Há ainda a referir que esta experiência que fizemos, também poderia ser feita com o verbo *Ser*, mas não nos compete aqui alargar o nosso estudo, mais do que o que convém, num trabalho como o que nos é pedido.

Conclusão

“Escrever é ter a companhia do outro de nós que escreve. Portanto não te comovas muito, mesmo que ele se queixe. Porque abaixo dessa lamentação está o vazio infinito da infinita desistência ou desinteresse onde a palavra já não chega. Quando o que escreve aí desce, a morte tem a sua possibilidade. Porque deixa de ter significação.”

Vergílio Ferreira, *In Escrever*, Venda Nova, Bertrand Editora.

O verbo *Ser*, tem efectiva significação no contexto existencialista e do *romance-problema* em que se insere *em nome da terra*. Nada quisemos mais do que evidenciar a importância de um verbo, num contexto literário particular, e estudá-lo, num contexto linguístico.

O interesse que nos moveu foi o estabelecer de uma comparação possível entre o paradigma do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* e o paradigma que podemos encontrar no romance de Vergílio Ferreira. Ao compararmos estes dois paradigmas, quer ao nível sintáctico, quer ao nível semântico, descobrimos que nem todas as formas de *Ser* estão contempladas no dicionário que nos serviu de referência, tornando-se possíveis novas abordagens, especialmente no que diz respeito às expressões idiomáticas que identificámos. É precisamente neste ponto que julgamos ter trazido algumas novidades para o estudo sintáctico e semântico do verbo *Ser*, trazendo igualmente uma pequena contribuição que colmate a inexistência de estudos do género sobre este verbo, ou dar uma pequena achega para a necessidade dos nossos gramáticos dedicarem um pouco mais do seu tempo e estudo a um dos verbos mais usados da nossa língua pátria.

Chegados que estamos ao ponto de concluir esta Dissertação do Curso de Mestrado em Ensino da Língua e da Literatura Portuguesa, resta-nos acrescentar que não foi fácil desbravar o caminho que percorremos, fizemo-lo, convém ficar aqui referido, sem recorrer a contagens automáticas, nem a contagens de índices ou programas informáticos. Os registos que fizemos são o resultado de muitas vezes mexer e remexer no nosso *corpus*, à procura dos dados que nos interessavam. Optámos por

esta técnica – escolha que não nos foi nada fácil, repetimos – porque o verbo *Ser* e suas flexões, se confundem, muitas vezes, com outras palavras que não nos interessavam ver aqui tratadas tais como *fora* (verbo), *fora* (preposição de lugar), ou *fosse/foi* (verbo *ser*), *era/era* (nome e verbo) e *fosse/foi* (verbo *ir*). No final ficamos conscientes de que o caminho que escolhemos foi o mais difícil mas, ao mesmo tempo, não nos arrependemos dessa nossa opção, porque sabemos que nem sempre os caminhos mais fáceis e acessíveis são aqueles que nos levam ao destino desejado.

Estamos neste momento aptos a concluir e afirmar com algumas certezas que Vergílio Ferreira “usou e abusou”, no romance *em nome da terra*, do verbo *Ser* como forma de melhor transmitir a sua mensagem existencialista.

A escolha da escrita de um romance em jeito de carta não terá sido vã. Julgamos que o Autor o fez porque esta forma de discurso lhe permitiu recorrer a determinadas manobras estilísticas – elipses verbais que tornam o discurso mais fluído, questões sem resposta que deixam o leitor preso ao romance, a narração sob um ponto de vista autodiegético com o recurso à memória, a ênfase do verbo *Ser* e o manobrar do tempo da narração – manobras essas que tornam *em nome da terra um romance* tão peculiar.

Para além de ter influenciado todo o discurso narrativo de Vergílio Ferreira, em particular, no romance que estudámos, o existencialismo, através do verbo *Ser*, marcou a sua forte presença no estilo do autor.

Assumimos, com a humildade e a consciência de sermos humanos que nos são devidas, as falhas inerentes a um trabalho como este, mas de modo algum as mesmas foram propositadas. Assumimos igualmente que as mesmas poderão ser alvo de críticas, que aceitaremos de bom grado, deixando a promessa de que nos servirão, no futuro, para melhorar e aprofundar os nossos estudos.

Gostaríamos de ter aqui abordado outros assuntos que julgamos também de interesse, mas que, por razões várias, tais como o receio de nos dispersarmos e, ao mesmo tempo, de não atingirmos os objectivos propostos ou de não cumprir o prazo estipulado, resolvemos omitir.

Estamos ainda em crer que o presente trabalho, que elaborámos de forma árdua mas motivante, servirá para honrar um dos grandes nomes da literatura portuguesa

contemporânea. Gostaríamos também de provar que são possíveis abordagens linguísticas às obras do autor de *em nome da terra*, para além daquelas que conhecemos e que tivemos à nossa disposição.

Resta-nos, por último, voltar a agradecer a todos os que tornaram possível um trabalho deste género e, como não poderia deixar de ser, rematamos esta Dissertação de Mestrado com uma frase de Vergílio Ferreira, que esteve sempre presente no nosso pensamento.

“Uma língua é um lugar donde se vê o Mundo e em que se traçam os limites do nosso pensar e sentir.”

Vergílio Ferreira, *In Discurso ao receber o Prémio Europália*, 1991.

Bibliografia

- ABBAGNANO, Nicola, *História da Filosofia*, vol. XIV, 3ª Edição, Editorial Presença, Lisboa, 1984.
- BARBOSA, Celeste, *Contos de Vergílio Ferreira, Uma Esplanada sobre o Mar e A Palavra Mágica*, Colecção UMA LEITURA de, 9º ano, Porto Editora, Porto, 1999.
- BARREIROS, António José, *História da Literatura Portuguesa*, vol. II – séculos XIX-XX, 13ª Edição (revista e actualizada), Editora Pax, s. l., 1992.
- BECHARA, Evanildo, *Lições de Português pela Análise Sintática*, 14ª Edição revista, Padrão – Livraria Editora, Ltda., Rio de Janeiro, 1988.
- BOLÉO, Manuel de Paiva, *O Perfeito e o Pretérito em português, em confronto com as outras línguas românicas (Estudo de carácter sintático-estilístico)*, Separata de Cursos e conferências da Biblioteca da Universidade de Coimbra, vol. VI, Biblioteca da Universidade Coimbra Editora, Coimbra, 1976.
- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa, *Tempo, Aspecto e Modalidade*, Estudos de Linguística Portuguesa, Colecção Linguística, Porto Editora, Porto, 1997.
- CASTILHO, Ataliba T. De, *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, Departamento de Letras, nº 12, 1967.
- CASTRO, Sílvio (Direcção), *História da Literatura Brasileira*, volume 3, Publicações Alfa, Lisboa, 1999.
- CHOMSKY, Noam, *Aspectos de la teoria de la sintaxis*, Primera Edición, Gedisa Editorial, Barcelona, 1999.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley, *Breve Gramática do Português Contemporâneo*, 5ª Edição, Edições Sá da Costa, Lisboa, 1992.
- DUCROT, Oswald e TODOROV, Tzvetan, *Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem*, 3ª Edição, Editora Perspectiva, São Paulo, 1998.
- FARIA, Isabel Hub et al. (Organização), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Colecção Universitária, Série LINGUÍSTICA dirigida por Maria Raquel Delgado-Martins, Editorial Caminho, Lisboa, 1996.

- FERREIRA, João de Freitas, *A Pedagogia do Léxico*, Edições Claret, Porto, 1985.
- FERREIRA, Virgílio, *em nome da terra*, 6ª edição, Bertrand Editora, Lisboa, 1994.
- FERREIRA, Vergílio, *Cartas a Sandra*, Herdeira e Círculo de Leitores, s. l., 1997.
- FERREIRA, Vergílio, *Interrogação ao Destino, Malraux* (posfácio, notas e anexo de Augusto Joaquim), Bertrand Editora, Venda Nova, 1998.
- FERREIRA, Vergílio, *Escrever* (Edição de Helder Godinho), 3ª Edição, Bertrand Editora, Venda Nova, 2001.
- FIGUEIREDO, Olívia Maria & BIZARRO, Rosa Porfíria, *Da Palavra ao Texto, Gramática da Língua Portuguesa*, Coordenação científica de Mário Vilela, Edições ASA, Porto, 2002.
- FLORIDO, Maria Beatriz e SILVA, Maria Emília Duarte da, (supervisão científica de Joaquim da Fonseca), *Gramática Básica da Língua Portuguesa, 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário*, Porto Editora, Porto, 2002.
- FONSECA, Fernanda Irene, *Vergílio Ferreira: A Celebração da Palavra*, Coleção Cultura e Literatura Portuguesa do Século XX, Almedina, Coimbra, 1992.
- FONSECA, Joaquim, *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*, Porto Editora, Porto, 1993.
- FREGÉ, Gottlob, *Estudios sobre semántica*, Ediciones Orbis, S.A., Barcelona, 1984.
- GONÇALVES, Maria da Graça Verschneider e SANTOS, Teresa Paula, *Introdução ao estudo de "Aparição"*, 2ª Edição, Livraria Almedina, Coimbra, 1998.
- GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador, IGLESIAS BANGO, Manuel & LANERO RODRÍGUEZ, Carmen, *Análisis Sintáctico 1*, Taller de Language Anaya, Madrid, 2002.
- JIMÉNEZ MARTÍN, Mª Concepción e VELILLA BARQUERO, Ricardo, *Cuadernos de ejercicios gramaticales, 4 – Léxico-Semántico*, Edunsa, Barcelona, 1994.
- LAPA, M. Rodrigues, *Estilística da Língua Portuguesa*, 10ª Edição revista e Atualizada, Coimbra Editora, Limitada, Coimbra, 1979.
- LOPES, João Antunes, *Dicionário de Verbos Conjugados*, 4ª Edição – revista e aumentada, Livraria Almedina, Coimbra, 1995.
- LOURENÇO, Eduardo, *O Canto do Signo*, Ed. Presença, Lisboa, 1994.

- MALRAUX, André, *A Condição Humana* (tradução e prefácio de Jorge de Sena), colecção Dois Mundos, Edição «Livros do Brasil», Lisboa, 2000.
- MATEUS, Maria Helena Mira et al., *Gramática da Língua Portuguesa*, Colecção Universitária, série LINGUÍSTICA, 5ª edição revista e aumentada, Editorial Caminho, 2003.
- MATOS, Maria Vitalina Leal de, *Introdução aos Estudos Literários*, Editorial Verbo, Lisboa – São Paulo, 2001.
- MELO, Alípio de, *Vergílio Ferreira. De Melo a cidadão do mundo*, Edição da Câmara Municipal de Gouveia e da Comissão de Coordenação da Região Centro, Colecção Rota dos Escritores do Séc. XX, 2003.
- MOURÃO, Luís, *Vergílio Ferreira: excesso, escassez, resto*, Angelus Novus Editora, Braga, 2001.
- PINA, Julieta Moreno, *Para uma leitura de APARIÇÃO de Vergílio Ferreira, romance-ensaio ou romance-problema*, Editorial Presença, Lisboa, 1995.
- PINTO, José Manuel de Castro e LOPES, Maria do Céu Vieira, *Gramática do Português Moderno* (Remodelada), Ensino básico e Secundário, 2ª edição, Plátano Editora, Lisboa, 2002.
- REIS, Carlos (organização, introdução e notas), *Textos Teóricos do Neo-Realismo Português*, ed. Comunicação, Lisboa, 1981.
- SEIXO, Maria Alzira, *Outros Erros*, Ensaio de Literatura, Edições ASA, Porto, 2001.
- VILELA, Mário, *Gramática da Língua Portuguesa*, 2ª Edição, Livraria Almedina, Coimbra, 1999.
- WAHL, *As Filosofias da Existência*, Colecção SABER, Publicações Europa-América, Lisboa, 1982.

Actas do 1º Encontro Nacional para a investigação e Ensino do Português – 1976:

- CASTELEIRO, João Malaca, *Sintaxe e Semântica das Construções Enfáticas com “é que” (1ª Parte) (1)*

Actas do Fórum Linguística e Didáctica das Línguas (26-28 Abril 1995), Departamento de Letras/Comissão Organizadora, Vila Real, 1998:

- BRITO, Ana Maria, *O Papel do V na Estruturação da Frase/Enunciado*
- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa, *O Verbo e a estruturação da Frase/Enunciado*
- SOARES, José Filipe Nunes Pereira, (Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico da Guarda), *O ensino – Aprendizagem do Verbo*
- VILELA, Mário, *O lexema predicativo como elemento dinâmico da Frase e do Texto*

Actas do IV Colóquio Internacional de Linguística Hispânica (Leipzig, 22-25 de Novembro de 1993), Verbo e Estruturas Frásicas, Faculdade de Letras do Porto, Porto, 1994:

- HUNDT, Christine, (Leipzig), *Construções de verbo + substantivo: estrutura, semântica e posição dentro da fraseologia*
 - IRSULA, Jesus, (Universidad de La Habana), *Entre el verbo y el sustantivo quién rige a quién? El verbo en las colocaciones sustantivo-verbales*
 - KOIKE, Kazumi, (Universidad Takushoku, Tokio), *Construcciones del verbo soporte andar + sintagma preposicional*
- DE COS RUIZ, F. Javier / RIVAS ZANCARRÓN, (Universidad de Cádiz), Manuel, *Construcciones con andar: modelo de análisis en una teoría del signo lingüístico*

Dicionário Houaiss da língua portuguesa, Tomos I e VI, Círculo de Leitores, Lisboa, 2002.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (Coordenação de João Malaca Casteleiro), da Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001.

Grande Dicionário Enciclopédico (Direcção técnica de Maria Fernanda Martins Soares e Vítor Wladimiro Ferreira), Tomo 14, Clube Internacional do Livro (C.I.L.), Editora S.A.P.E., Madrid, 2000.

Grande Dicionário da Língua Portuguesa, Elaborado a partir do Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa de António de Morais Silva, Edição compacta do texto fundamental da versão original do Grande Dicionário da Língua Portuguesa, segundo a 10ª Edição Revista, muito aumentada e actualizada, por Augusto Moreno, Cardoso júnior e José Pedro Machado, constituindo o maior repertório de vocábulos da língua Portuguesa falada e escrita, Grande Biblioteca Multilíngue, Volumes VI e VII, Editorial Confluência/Livros Horizonte e Jornal de Notícias, Edição actualizada em 2002.

Outras fontes:

G.G.E.B.S., *Português, Organização Curricular e Programas – Ensino Secundário*, Imprensa nacional – Casa da Moeda, E. P., 1991.

Lei nº 46/86, de 14 de Outubro, com alterações introduzidas pela Lei nº 115/97, de 19 de Setembro: *Lei de Bases do Sistema Educativo*.

DICIOPÉDIA 2002 (DVD-ROM) Edição de Luxo, Porto Editora Multimedia.

Jornal Público, 28 de Janeiro de 1993, por Carlos C. Leme.

Jornal de Notícias, 3 de Março de 1996, por Luís Bizarro Borges.

Jornal de Notícias, 3 de Março de 1996, por Teresa Cardoso.

Desdobrável *Vergílio Ferreira*, C. M. de Gouveia – G. T. L. de Melo e Folgosinho, Junta de Freguesia de Melo, G. A. F. – Grupo Aprender em Festa (Programa Integrar), Professor José Rodrigues, Melo, Novembro de 1997.

Revista *...à Beira*, número 1, Universidade da Beira Interior, Departamento de Letras, Outubro de 2002.

Roteiro: *Caminhando... pela rota de Vergílio Ferreira*, Colecção Rota dos Escritores do Séc. XX, Serviços Culturais da C. M. de Gouveia, Edição da Comissão de Coordenação da Região Centro, 2003.

Fontes na Internet

www.urbi.ubi.pt

www.ipn.pt/literatura

www.infopédia.pt

ANEXOS

Anexo 1

Corpus de
“*em nome da terra*”
de Vergílio Ferreira,
6^a edição, Bertrand, 1994.

Corpus seleccionado de “*em nome da terra*” de Vergílio Ferreira, 6ª edição,
Bertrand, 1994.

* Os itálicos sem negrito são da responsabilidade do autor.

** Os itálicos a negrito realçam as ocorrências de *ser* no romance e são da nossa responsabilidade.

p.9

- (1) *É quando* o que *é grande* acontece.
- (2) *O que é grande* acontece no eterno e *o amor é assim...*
- (3) Pelo menos *comigo foi assim*.
- (4) Ou mais provavelmente esse tempo nunca pôde existir, *que é quando* realmente existe o que vale a pena existir.
- (5) Ponho-me a lembrar o que passou e o que me lembra *é só a tua presença forte* ao pé de mim.
- (6) Deves ter achado que *era de mais* e então acabou.
- (7) Na realidade *foi tudo muito mais devagar*. Mas *tudo quanto foi acontecendo foi o modo circunstancial...*

p.10

- (8) ... tu disseste *são horas* de ir jantar. Disseste *são horas* e eu então estaquei ... Mas eu pensei que estava e subitamente uma evidência tomou-me todo, *como é normal* numa desgraça.
- (9) Não sei amar-te aí, *é o caso*. Porque só se pode amar na perfeição, depois o amor perde o nome *e é outra coisa*. Devias ter morrido quando te conheci, *para ser impossível morreres*. *Devias ser tudo* então para não haver mais nada depois.
- (10) Os deuses, como sabes, amam os que morrem jovens porque o absoluto *é a sua medida*. *É assim*. Que erro, querida, *sermos humanos e fraccionários*. Nesta casa em que apodreço devagar e em que os filhos me meteram. Que estupidez, *não foram eles*. A vida, qualquer porcaria em vez deles, não estou

muito interessado em saber. Nesta casa estou só com o meu corpo, lembro-me muito bem de *quando éramos os dois num só* e íamos criar o mundo todo...

p.11

- (11) *...como era da nossa obrigação... era uma noite de verão...* Caminhávamos à beira-rio e *éramos imensos*. Gostava de saber agora bem *o que éramos*.
- (12) *Era um momento* excessivo em que talvez Deus aparecesse. *Era um desses instantes* em que tudo oscila *e é demais e só é plausível* matarmo-nos. Não havia em nós humanidade bastante, *era plausível*. Estávamos tremendamente ao pé um do outro como nunca, *e isso era terrível*.
- (13) Havia a tua beleza um pouco insolente agressiva, *era talvez prudente* aniquilá-la para que nenhum deus a desejasse. *Era talvez sensato* destruí-la para que ninguém mais a visse e a vida reentrasse na sua ordem natural. (...) *Eras de uma outra natureza* de seres viventes, de uma outra ontologia, *é o que me parece* agora. Como diabo podia eu ascender a ti com o meu desastre de *ser humano?* (...) Queria dizer-te como me sinto agora humilde e infeliz na bruteza *do meu ser*.
- (14) *Não é contigo* que estou a falar, não ouças. Hás-de vir ainda à conversa, descansa. E hás-de ter a tua verdade terrestre, agora tens só a minha *que o não é*. Porque eu podia ter tudo de ti, querida, mas havia o mais *que não era para mim*.

p.12

- (15) Espera, *não foi bem assim*. Então a tua presença *foi quase insuportável* e eu tive medo porque *sou muito fraco* da minha natureza sensível.
- (16) *Como é que vais ser juiz* no resto da história, *se és um débil de nervos?*
- (17) *Sou muito fraco de nervos*, um histérico, *é assim*.
- (18) Olho-te agora na memória legenda e a beleza impossível existe, *que para isso é que é impossível*.
- (19) (...) – *que é que* ouvíamos?

- (20) Suponhamos a voz de Deus *que é a mais provável* quando não há nenhuma, nem a dele.
- (21) Às vezes dissipavas-te no ar e eu desatava aos berros Mó-ó-ni-ca! Depois voltavas muito calma *e eras outra vez mortal*.
- (22) E as tuas quezílias de *seres mortal* quando te distraías de *ser divina* ou eu me distraía de que *o eras*.

p.13

- (23) (...) e *tu foste* também *contaminada*. Não digas que não. *Foste*.
- (24) Algumas velhas choram, vê tu, aquilo *é que é uma mania*. Mas *são mulheres e a mulher*, tu desculpa, *é muito escassa de pudor*. Deve ser de se terem atrasado muitos milénios, agora têm de acelerar para compensar o atraso.
- (25) Não me faz muita falta a companhia, tenho a tua imagem linda *de quando o eras*, não faz.
- (26) Os filhos também queriam que eu te arrumasse num lar, não deixei. Nunca to disse, *mas foi assim*. Sobretudo a Márcia *que foi sempre a mais despachada* para forçar o destino.
- (27) Não vês que *é um disparate?* (...) – Não estava muito melhor onde a tratassem? *Que é que* ganhas tu ou a mãe em estar em casa?
- (28) Porque a vida de quem amamos *não é só* a que lá está mas a que nós lá pusemos para depois irmos gastando. (...) Porque não se trata afinal *do que foste, era bom que entendesses*. O que *foste* tinha um proprietário que *eras tu* e mesmo eu que também tinha direito.
- (29) O que vem à memória creio que está antes, muito antes. E aí *não eras de ti nem de ninguém, é assim*.

p.14

- (30) Porque o inacreditável *é que* se ama, querida, e não *o que é real... O real é estares morta...* (...) Penso o real de então *e ele é logo outra coisa* – que coisa? Não sei. O real que sobra de todo o real *e é o único que realmente é*.

- (31) De alto a baixo tocava-te. A face, os seios, o curvado do teu corpo, *e eras perfeitamente plausível*. (...) Quando eu te procurava assim, *era certo e sabido* que não estavas.
- (32) Então reparámos, *e era uma extensão de areia branca*. (...) Mas *mesmo onde era mais noite* havia restos de dia, talvez restos da luz do dia, pensei, *e era bom* para nos vermos e não vermos, *como é próprio da beleza*.
- (33) Havia a frescura da água, o seu brilho trémulo e um desejo súbito *de sermos deuses*.

p.15

- (34) Havia a noite e o teu corpo branco *e tudo era longe* para não perturbar e não levar nada do que me pertencia. *Era belo o teu corpo, terrível*.
- (35) E porque *é preciso* pensar a noite para te pensar mais a ti? Pensar a morte do mundo para haver mais vida? Mas como sempre, penso o teu corpo sobretudo nas mãos. *O tacto*, querida, *é o sentido mais nobre*. Porque tem o real que está lá, mais as ideias que se quiserem, e que não estão.
- (36) (...) – que palavra? Queria inventar-te uma agora para estar certa lá, não a sei. Sinto-a em mim mas não a digo para não existir de mais, *é assim*. Uma palavra *é mortífera*, querida.

p.16

- (37) *É duro morrer*, querida.

p.17

- (38) *Era um dia de chuva...*
- (39) - Começamos então por aqui. *Esta é a sala*.
- (40) *Era alta* a mulher, digamos um pouco mais alta do que tu. De cima a baixo direita, vestida de escuro. De destino, pensei, vestida de destino, *e era razoável* pensá-lo. (...) *que era talvez de mais*, mas de todo o modo comprometida com o agoiro, fatalidade, coisas assim.

(41) – *Esta é a sala.*

(42) Não havia tempo de a ver bem, mas eu olhei-a com muita intensidade *e foi como se* a visse bem.

p.18

(43) *Era tudo gente aposentada de ser gente*, vivia numa zona intermédia de uma cor de morte mas por empréstimo. E havia ainda um cheiro mole que eu sentia *antes de ser também dele* e já não sentir. Conto-te tudo isto por miúdos mas não sei *se é coisa* ainda de entenderes.

(44) Por debaixo da minha atenção havia a minha memória impensada *de não ser dali...*

(45) E mesmo agora que posso e já estou por cima disso, o que me lembra quando lembro *é o que primeiro vi.*

(46) (...) podres esqueléticos, mas não te comovas muito, *as caveiras com pressa de serem visíveis*, não se mexem, estão quietos na sua invalidez (...) os olhos mortais nas peles encarquilhadas caídos para o chão, *que é o chão* do seu destino...

p.19

(47) ... depois te conto *como foi* ...

(48) O corpo. A sua urgência insofrida de se manifestar. Mas também ele nunca existira para mim, *quem existia era eu.*

(49) E *era altura* de eu te falar do teu corpo, querida (...)

(50) Vi-o de súbito como sempre se vê quando o real *é muito forte*, fiquei por isso a vê-lo mesmo depois de o ter visto. (...) *Era um corpo velho* deitado...

(51) Mas olha, nem sei *se são ideias* sobre ele, se calhar *são já ideias* sobre mim.

(52) - *Todo este corredor até ao fundo são quartos.* Ao meio do corredor é a secção dos mais velhos. E ao fundo, a secção A, dos externos (...)

(53) *É terrível.*

p.20

- (54) - Como te sentes como juiz? – um dia o André perguntou-me ou o Teodoro, a Márcia **não devia ser** porque tinha a vida toda nas mãos positivas.
- (55) (...) - meu corpo. Está lá tudo. Um saco de estrume, querida, no princípio no fim e durante. **É uma coisa** em que raro se pensa.
- (56) **Não é preciso**, diz a Márcia (...)
- (57) – **É muito raro** pensar-se.
- (58) Vi o homem inteiro estendido numa cama. Estava podre. Devia cheirar mal. Mas **era humano** na sua lixeira **como eu de perna cortada** um pouco acima do joelho a equilibrar-me mal no estupor das muletas.
- (59) E de súbito a tua imagem, **foi a primeira vez** que te vi, **era um espectáculo** no ginásio.
- (60) E fomos por fim ver o quarto. (...) **e não era espaçoso**.
- (61) – Deste lado **é** o consultório médico.

p.21

- (62) – Deste lado **é o consultório médico**, ou melhor dizendo uma secção.
- (63) ... o quarto **era do outro lado** (...).
- (64) **Não era comigo** o problema, como compreendes, o meu destino estava nas mãos da Márcia que o negociava com a mulher...

p.22

- (65) E então pensei em humildade que ela tinha razão. Não tenho nada de meu – que **é que** eu tenho ainda de meu? (...) – mas **estou a ser ingrato e grosseirão**. Serviu-me bem toda a vida, com dedicação, não me posso queixar. **Agora é a sua vez**, não posso. **Foi correcto**, cumpriu o seu dever e mesmo **o lixo que era do seu direito** lá o despachava com discrição (...)

- (66) - Trago tudo. Vê se te lembrás de mais alguma coisa, que trago tudo. *A questão é* caber aqui. Mas *não é preciso* vir logo tudo de uma vez.

p.23

- (67) *Nada é meu* – como posso? mas não tenho tempo de me queixar. Querida, *queixarmo-nos é dizermos* que temos direito ao que não temos – que *é que* não tenho? Tenho tudo. Nada me pertence, tenho. *É a filosofia mais profunda da vida* (...) *Nada é nosso*, Mónica, a gente *é que* tem a mania. *É uma mania estúpida*.
- (68) Que nos agüente *esta chatice de ser, é assim*. Mas ninguém agüenta, *a coisa é só conosco*, a gente *é que* não sabe (...)
- (69) Vou lavar as mãos. *É difícil* por causa do equilíbrio das muletas.
- (70) - Mas *é uma tolice*. Repare, *é uma ideia absurda*.
- (71) Sentia a perna inteira no meu corpo e movia os dedos do pé e depois a perna não estava lá. *Era só* a alma da perna que estava, a perna absoluta.
- (72) E como chove. O carro da Márcia *é um mini* (...)

p.24

- (73) Talvez não telefonem, tu sabes, eles sempre tiveram a vida muito cheia deles, *era difícil* meter lá outra coisa.
- (74) *É estranho*, não o entendo bem. Já tinha passado aqui muita vez, *não era assim*, digo o mundo. Eu mudei e ele então também mudou.
- (75) Porque *uma relação*, como sabes e se não sabes digo-to eu agora, *é sempre a três, não a dois. Não somos só nós e outra coisa, é também ela, a relação*.
- (76) De súbito exististe tanto. *Como foi bom*. Mas exististe, espera, *não foi bem só no pensar*, exististe mesmo no teu nome que eu disse no pensar.
- (77) Porque *ele é logo tu e é ele também só por si*. Tem o som de um oboé, *é curioso* – lembrás-te do disco que? O teu nome. Côncavo oco, não sei. Um oboé. *É um instrumento melancólico*. Deve ter tido uma infância triste. *Deve ter sido órfão de pai e mãe*.

(78) *Foi quando* bateram à porta...

p.27

(79) Quero ir primeiro ter contigo – e onde *é que* eu hei-de ir ter contigo? Estás em muitos sítios, *és múltipla*, há mesmo um grande grupo de ti. *És muitas* e todas querem entrar agora no nosso encontro. Vou-te impor uma regra, *é* uma de cada vez – qual *deve ser* agora?

(80) Um dia pensei-o, penso-o agora com muita força *para ser verdade*. Penso agora, deixa-me filosofar um pouco, *a história do homem é a da relação com o seu corpo* – que te pertence? *Ou dele com as coisas, que é o mesmo*. Primeiro *ele é perfeito – não é bem*. Primeiro *ele é uma coisa estranha esquisita*, a gente põe-se a descobri-lo peça a peça com estupefacção.

p.28

(81) (...) *é assim*. Um corpo. *É a altura* de nos revermos nele, querida, cheios de glorificação interior.

(82) E então, *é curioso*, então ele não existe. Então *quem existe é o mundo e nós*, para o mundo existir. De nós à vida há um vidro muito puro, muito límpido e *o corpo é o vidro*.

(83) Por enquanto *é só a necessidade e a evidência de existir* como os deuses e as pedras, antes de as racharem para calcetarem as ruas.

(84) Mas já filosofámos bastante, *é a altura* de ir ter contigo ao ginásio.

(85) Só muito tempo depois *é que* soube que ia ter contigo, até agora que te escrevo. Quem me levou *foi*

- Há lá sempre pequenname e boa perna

quem me levou *foi* o Holofernes ...

(86) Eu creio que *não era o nome dele* (...) *É um tipo alto fortíssimo* (...) Namorava uma Judite mas sem vestígios de virago, *era uma coisinha insignificante* ao pé dele.

p.29

- (87) (...) e sempre muito gentil *como é próprio do gigantismo*.
- (88) (...) chamou a empregada, *era uma mulherança* (...)
- (89) Mas agora estamos no ginásio, talvez voltemos a visitá-lo, agora *vamos ser gente* em grandeza e força e futuro. *Deixa-me ser só futuro*, o presente que espere, *porque é um estupor*.
- (90) (...) ...*eram três* (...). *Eram três*, ele descolou da rapariga, e que arraiá.
- (91) Aliás, já morreu. A propósito, quem morreu também *foi o Aníbal*.

p.30

- (92) E tu sabes, *na juventude a moeda de troca é a força*. Tinha também, além da força, a mania *de vir a ser cantor de ópera*.
- (93) Mas o Holofernes. Deixá-lo lá estar, agora *quero é* ir ter contigo. Entramos no ginásio, *são dois salões altos* (...) Eu ia talvez também estender os músculos, não gostava muito, *eram exercícios* de um tipo adamado...

p.31

- (94) Depois repetiste o exercício, suponho que *era para «aquecer»*.
- (95) Bati palmas, elas ressoaram pelo espaço do Olimpo. *Não fui bem eu* que as bati mas o duplo de mim, não te sei explicar. (...) Porque o homem, minha querida, tem sempre em si um outro de si e só num tarado *é que* os dois coincidem.

p.32

- (96) ...que *é que* aconteceu? (...) *Quero é estar* contigo no nada de tudo o que acontecer.
- (97) Só há uma linguagem para se falar de um corpo fora da anatomia, mesmo que a paixão diga que *não é verdade*.
- (98) Do arquétipo que trago comigo para ir conferindo e não sei *qual seja* para saber se confere.

(99) *Eras forte diáfana como é próprio da insegurança juvenil que é não saber ainda e ter medo.* (...) Ou vou já ter contigo e dizer-te *você foi formidável* e tu virares-te para mim e perguntares-te *quem é o tipo?*

p.33

(100) A sorrir. *São dentes claros triunfantes* os teus e este pormenor tem muita importância para o que quero acontecer. E não dizemos nada porque quando se sabe o que se deve dizer *é quando* já não vale a pena. (...) Porque o sorriso *é que* fazia que o resto existisse e não ao contrário, quando acontecia *seres mais corpo.*

(101) O Holofernes estava lá para dentro a levantar e baixar carregos para provar aos homens e mesmo aos deuses *que era poderoso...*

(102) D. Felicidade espera à porta, vestida de Parca. *São três* as Parcas, como sabes, não sei qual delas *vai ser.*

(103) A Márcia trouxe-me o concerto para oboé, mas *o teu nome era mais oboé que* o do concerto. *Eras triste, mas estranhamente decidida,* devia haver atrás de ti e da vida *uma razão oculta no teu ser* para a tua decisão.

p.35

(104) Do orgulho, da fundura de nós, que *tudo é o mesmo* para se descer até lá. A Márcia um dia disse-me – já não há fundura nenhuma, *isso foi uma das vossas perturbações mentais.*

(105) - Vocês não aguentam *é* com o vosso peso e então deitam-no à rua como lixo camarário...

p.36

(106) Havia depois uma sala à frente e mais um corredor à frente de uma outra sala que só mais tarde conheci *e era muito grande.* Reparei então, *era um monturo* de roupas velhas que estava sobre uma cadeira. (...) a gente via uma mancha de verdura ao rés da água, a gente tocava-lhe e um bocado de verde saltava do resto

da verdura **e era uma rã**. A Antónia tocou o amontoado de roupas e do meio dos folhos levantou-se uma face muito velha (...)

(107) Na sala havia uns seis velhos a comer. **São os mais idosos**, disse-me a Antónia. (...) **são seis** ... (...) **São belos e enormes**, gosto de os ver. **São trágicos e grandes**, gosto. (...) Deixaram atrás de si **mil chatices de serem gente** (...)

p.37

(108) **É a última probabilidade** de terem um corpo e aproveitam-na. (...) **São corpos sem mistério**, não têm interior – que **é que** tendes ainda por dentro? **São a carcaça de homínídeos**. (...) **São os despojos** de uma grandeza, mesmo pequena, mesmo ao alcance de uma mão proletária. (...) **São velhos**, querida. (...) Faziam recortes de papel para a eternidade, **são três velhas**, enchem fronhas de papel, e havia um homem. (...) **Era um homem** que ainda tinha interior (...)

p.38

(109) Tinha uma face magra e velha e de barba por fazer e uma grande humildade no riso sem dentes **e tudo era** uma maneira maravilhosa **de ser feliz e desgraçado**. Creio que a morte teve razão pouco depois, porque nunca mais o vi.

(110) **Eram uns bonequinhos** de entretém infantil, Mónica, mas os deuses mesmo assim deviam sentir-se humilhados.

(111) - E para que **são** os brinquedos?

E o homem riu apenas e não sabia... (...) Porque só sabe **para que é a arte** quem não sabe **o que é a arte** e aí a Antónia bateu o pé e irritou-se e falou alto para eu descolar e saber **quem era Deus**.

p.39

(112) E sem me dar atenção, continuou a despir-me. **Era uma moça** ainda nova... (...) Estou nu e sem razão para ter vergonha de estar nu, **que era** o que apenas

me podia agora vestir. (...) Tão desprotegido, Mónica. *Tão desapossado do meu ser.*

p.40

(113) (...) – eu tocava-a e *não era minha*. (...) Mas agora ela estava diante de mim e eu tinha repugnância de a tocar *porque era um pedaço de carne morta* e eu não estava lá. Havia um mistério inquietante *de um bocado do meu corpo não ser o meu corpo e eu ser eu* no corpo que ainda tinha *e não o ser já no pedaço que já o não era*. A perna, o pé, *os dedos tinham sido eu* quando andava e os movia.

(114) E então de súbito lembrei-me – ia lavar-te eu a ti... (...) Mas não vou. Irei mais tarde quando os deuses me perguntarem – *quem é?*

p.41

(115) Exerce o prazer da protecção, *que é um grande prazer* dos fracos, Mónica, por haver mais fracos do que eles.

(116) E vou contente, querida, na minha condição, e eu pensei – *é a altura de* minha mãe me preparar para ir à missa de domingo. Ao passar à sala dos velhos, um momento apenas, *que é que* me faz parar?

p.43

(117) Resolveu a vida como pôde e agora defende-se à volta como uma praça militar e uma espécie de orgulho para parecer que tem razão. E eu penso *que é medo de* que a não tenha. Hoje lembrei-me *foi* da infância, tenho um certo pavor de lembrar. Porque a infância, querida, *é sempre* uma ameaça para o homem. (...) Mesmo a lembrança de prazeres *que só são prazeres* na memória e se querem repetir e se não podem repetir porque só existem na ilusão de terem existido. Ou a lembrança de prazeres que se não tiveram e se querem ter agora para compensar *e são impossíveis* mesmo quando agora se têm. Ou mesmo o encantamento de outrora *que não é de nunca...*

p.44

- (118) ...a infância, querida, *é um perigo terrível*.
- (119) (...) que *é que* te ia eu a dizer?
- (120) Os que comem aí *são os que* vivem no lar para terem uma família que já não têm ou nunca chegaram a ter, porque os filhos, tu *é que* não tiveste audácia para o saberes, os filhos, Mónica, *são uma invenção* da nossa fraqueza para compensar a morte, *o modo mais barato de se ser eterno. Um modo proletário de se ser Deus*.
- (121) E estava uma velhinha sentada vergada na sua cadeira (...) os olhos postos fixos no chão, *que era onde* estava o seu destino.
- (122) Só cá vem de longe em longe, diz-me D. Felicidade, mas há pior. Diz-me isto por concessão especial para me fazer passar para o lado dela, *que é o lado do poder*.

p.45

- (123) Querida Mónica, *não é verdade*. Quer dizer, *não é bem*. (...) A companhia que tenho *é a memória de ti*, para lá do horror e da degradação. (...) A companhia que me dá uma certa ajuda *é a memória do que passou* e existe agora num estranho irreal. Tudo tem o seu espírito, a gente *é que* não dá conta.
- (124) Porque um filho, pois, *é um ser sagrado*. Mas o sagrado está também neles por acréscimo e quando se tira o acréscimo o que lá fica *é quase sempre um estupor*.
- (125) As coisas do nosso uso, as pessoas das nossas relações, os hábitos da nossa monotonia, as ideias do nosso sustento mental. Tudo isso ocupa um espaço enorme *do nosso ser*.
- (126) Prepararmo-nos para a morte *é irmos morrendo tudo* até ficarmos só cheios de nós. *É duro*, eu sei. (...) Mesmo agora estou a pensá-lo, mas o sentir está um pouco ao lado, *a ver como é*. O homem investe-se nas coisas e no resto *porque é carga a mais para si*. Deus fez-nos cheios de buracos na alma e o nosso dever é

tapá-los todos para navegar. O homem *é um bêbedo* sempre encostado à parede ou uma criança a fazer tem-tem. Toda a grandeza *é um investimento* em nós próprios *e é por isso* que os grandes têm uma grande solidão. (solidão, p.46)

p.46

- (127) Mas havia sobretudo o problema da casa, que *era realmente enorme* para mim e lhe dava jeito (...) e um que já *é filho* dos dois
- (128) Queria só o Cristo (...) e uma estampa a cores de um fresco de Pompeia *que era a deusa* Flora ou a Primavera (...).
- (129) Deixei-lhe tudo, trouxe só a memória disso e do mais, *que é o espírito* daquilo em que existi *e que é tudo*.
- (130) Já não tem cruz, o Cristo (...) *É belo* com a luz e o jogo das sombras que lhe retira o que há nele de táctil, de objecto, de imediato e o prolonga no tempo, (...) um certo timbre de eterno.

p.47

- (131) *Foi como* quando nós estivemos no Sítio da Nazaré e tu tiveste uma frase sobre D. Fuas Roupinho e a Virgem que o susteve de cair ao mar. (...) *E era a hora do pôr do Sol* e houve uma sombra... (...) Mas *não foi por isso* que eu quis o Cristo, e também não sei ainda porquê. O Cristo, aliás, Mónica, *não é assim muito importante* há muito tempo. Só depois de se filiar no socialismo *é que foi* (...) quem tinha realmente categoria *era a Virgem*... (...) Mas o Cristo socialista, não, *não foi por isso* – e onde *é que* tens tu hoje socialismo para ele?
- (123) *Era filha* de uma velhinha óssea... (...) *Era a primeira* junto à porta... (...) Então quando a velhinha deu conta que *era a filha* (...)

p.48

(132) (...)... a velha desatou num pranto desesperado mas sem erguer os olhos. Se calhar não podia, **era uma questão** só entre ela e a sua desgraça.

(133) – Trouxe-te aqui estes doces, mas **não é para** abusares.

(134) Imagine o senhor, temos dois filhos já crescidos, não temos onde tê-la, o meu marido **que não podia ser** e tivemos de pô-la aqui.

(135) Contou. Uma vez tinha cá uma Dolores. Muito velha, morreram os filhos **e era um neto**, pagou sempre, **esta é a pura verdade**.

p.49

(136) Até que um dia rompeu porta dentro, trazia uma caixinha de doces, **é o que** trazem sempre as visitas e aí eu disse-lhe a sua avó **já foi enterrada** e ele disse até que enfim.

(137) Então, querida, lembrei-me do meu avô.

(138) **Era pai** de minha mãe e de vários outros filhos. Ao impulso da vida, quando se escolhe o destino segundo a força desse impulso, **que é o da nossa disponibilidade**, os filhos dispersam-se (...)

(139) E a sorte disse-lhe quase sempre que sim, **como é do seu compromisso** com o provérbio. (...) Porque **ela é como** a força da crença para haver milagres.

(140) Minha mãe **era ao contrário**.

(141) Conheci-o já tarde, na decadência, já com pouca substância interior. **Fora avô por inteiro** com minha irmã, a Célia, dez anos (dez anos?) mais velha do que eu. (...) Célia desapareceu não sei para onde, talvez volte ainda mais tarde à nossa conversa, **quando os erros do mundo forem já verdade** para se entenderem.

p.50

(142) ...nós falámos disto, querida Mónica, **não foi?**

(143) (...) Pobre avô, lembro-me. Dávamos passeios, contava-me a verdade das coisas. Levava-me pela mão mas **às vezes era eu** que o levava a ele.

(144) (...) **Quando foi a minha vez de ser neto**, já ele estava ligado à terra, quieto no corpo e na alma. **E foi o que me deixou** – um entendimento da terra pela

comunhão, quero dizer por uma relação de identidade, Mónica, *uma forma de se ser em comum*, de tudo se fundir num destino igual para as contas gerais... qualquer coisa assim a fazer no incognoscível. *Não foi coisa* que eu soubesse logo nem depois nem depois. No fim. *O que é importante* não se sabe logo quando se sabe (...)

p.51

(145) – Porque *é que* estás sempre a lembrar o que passou?

(146) *Era isso. Eram as coisas* que tinham ficado a levedar. (...) *As que só então eram visíveis, como mesmo o que é visível* e não se vê. Depois o meu avô começou a ficar taralhoco e a mijar-se – *era aqui* que eu queria chegar. O médico receitou-lhe um saquinho ou um certo frasco de vidro, já não sei, para as urinas, mas aquilo *era complicado de pôr* e tirar e lavar e minha mãe achou melhor pôr-lhe fraldas (...).

(147) Meu pai quis ele fazer o trabalho mas minha mãe não consentiu, decerto forçada pelo instinto maternal. *E era preciso* dar-lhe o comer à mão, sujava-se todo.

(148) E nesse momento vêm ter comigo uma data de velhos que eu lá conheci. *Eram sobretudo velhas*, mais obstinadas em viver, mais ferradas à vida do que as moscas às mulas. Os homens sempre *eram mais compreensivos*, quando ouviam dentro de si *que eram horas*, deixavam-se morrer.

(149) (...) Porque só morre quem quer, minha Mónica. Estamos presos às coisas, às pessoas, aos nossos hábitos e ódios e projectos *e é preciso* ir descolando disto e daquilo *e isso é difícil*. (...) *O sinal de que vão sendo horas* só o próprio o sabe. *É um aviso oblíquo...*

p.52

(150) Então as coisas *começam a ser estranhas* como de um país desconhecido e ao afectos e o mais começam a retrair-se a si mesmos como se não existissem. Mas existem. O que não têm *é razão de ser*, como uma piada sem piada (...). *É*

um toque leve que nos faz franzir os olhos para coisas longínquas que não se vêem bem e que não estão lá.

(151) Rogam-lhes pragas *e eles são felizes*. Têm uma casa, têm perto da mão as coisas *de serem gente* (...). Reconhecem-se no sol e no vento, na chuva e na lama, nas intrigas e escândalos e ditos e em tudo o que os prolonga e sustenta e garante *o estatuto de serem*.

p.53

(152) Há a tua memória que ainda não explorei bem, e a presença dos filhos, *que podem ser presentes* de vez em quando.

(153) Também não ouvi ainda o sinal, que *é difícil* com a barulheira da rua (...). E sinto que há gente ainda dentro de mim, o corpo habitado. Mas o desprendimento há-de acontecer. *É difícil*, mas há-de. O desprendimento *é um misticismo ao contrário* (...). Porque o máximo de união *é o dos místicos*, (...) eles passam-se todos para o lado de Deus.

(154) Mas o que está mais presente *é na memória* que está. (...) Esgotar a memória. Despejá-la como uma gaveta de coisas velhas quando já nem sabemos *o que são*.

p.55

(155) *Era uma cidade à beira-mar*, tinha uma praia extensa. (...) *Era triste a praia deserta. Era inquietante*, não sabíamos bem porquê.

p.56

(156) Porque a terra *é toda de quem se ama*, querida, e nós amávamo-nos tanto.

(157) *Era a alegria*, a vida inteira ali. Inteira perfeita, mas *não eras só tu*. O teu corpo *não era só tu*.

- (158) Havia um pacto de ti com o que existe, que *é* o que se vê e o que se não vê. Espírito carnal, *é talvez de se dizer*. E *era ali* que tu *me eras mais compreensível*. (...) *Simple e enorme verdade de seres*.
- (159) Corpo triunfante, *é de quando mais me lembro*. (mais me lembro, p.57)

p.57

- (160) Depois saltava eu e ríamos, ria em nós a substância da vida. Alegria gratuita, que *é a razão maior de se ser alegre*, como sabes. (...) Mas chegávamos enfim à areia e caía-nos em cima todo o peso *que era nosso* e tínhamos perdido.
- (161) *A dona era viúva* e tinha um filho paralítico. (...) A mulher disse eu alugo mas no verão compreendem têm de pagar um pouco mais para compensar, *a não ser que* deixem os quartos livres.

p.58

- (162) ...equilibravas *a tua natureza de seres mulher*. (...) A espantosa facilidade com que te inserias à vida de outra mulher, a defesa de um segredo comum como de uma cumplicidade, *eram a projecção de uma opressão* através das eras, a estratégia de uma astúcia prevenida contra um inimigo comum pressuposto e que *era o homem de aço*, de guerra e dominador.
- (163) *Há tanto ainda que seres*. Ou esvaziar-te de mim *e ser a sós contigo* na essência de nós.
- (164) (...) *A mulher era viúva* (...) *já não era viúva a tempo inteiro* (...).
- (165) Tenho ali numa cassete o concerto de Mozart, hei-de-to tocar *para seres* a música dele.

p.59

- (166) *Fora na praia há três anos*. Ia sozinho com uns amigos (...) o que está à mão *é o que menos apetece* (...). *Era uma prancha*, estava a maré baixa, o filho

batera com a cabeça no fundo (...) Depois *é que* se soube, *foi na espinha* e começou logo a piorar.

- (167) Querias meter na ordem a vida, que *é muito estúpida e despropositada*, sempre quiseste. (...) *Não era emendar* as coisas gerais como os políticos, para depois se sentirem os efeitos nos particulares. *Tu eras ao contrário. O geral era uma abstracção* e no particular *é que* as coisas doíam. *O político é que é insensível* para o particular, os problemas para ele *são uma fórmula mental*. Devo dizer-te que o nosso Teo *é um pouco parecido*, (...) Mas tu, não, *foste aliás sempre assim* (...)

p.60

- (168) (...) ... *é uma ginástica* especial de recuperação (...)

- (169) E a mulher explicou *é o nome* dele

– *Ele é Benvindo*, mas nunca me acomodei ao nome.

Foi o meu falecido que lho pôs, *já era o nome do avô* (...).

Porque eu devia saber, *não é só* o sobrenome que se espalha numa família, *é também* o nome. As famílias não querem misturas, *é também o nome*.

– *Eu sou Adélia* e na minha família (...) há cinco Adélias. Eu o que lhe queria pôr *era Sebastião*, olhe, *foi o nome* do meu primeiro namorado. (...)

– Sebastião *era um nome* grosso – disse eu.

– O meu namorado *era um rapaz* muito fino.

- (170) Mas Bem tinha o peso de um morto, *que é muito mais pesado que o vivo* por ter também a morte a fazer peso.

- (171) *Era um olhar* pasmo e muito grande (...).

p.61

- (172) Até que certa vez, tu *é que* contaste, estavas a fazer-lhe não sei que exercício da cabeça, pegou-te na mão e babou-ta toda de beijos.

- (173) E um dia como *é que foi?* (...)

– *Não foi nada* quando tomava banho, a mãe conta sempre essa história vá-se lá saber porquê (...)

(174) Lembro é quando chegámos a casa e o rapaz veio a correr (...).

(175) E que *é que* se podia saber? Pergunto-me agora, *que é que?* (...) O que se sabe dói menos depois de se saber do que enquanto se não sabe. Vê-se-lhe tudo depois de se saber, *não é possível* uma traição – que *é que?* E *falar de uma coisa é torná-la logo real*, não falámos.

p.62

(176) Porque os exercícios *eram feitos* por dentro, donde lhe vinha o embevecimento.

(177) Até porque um dia ele voltou a beijar-te a mão com mais cuspo e então disseste tens razão e *isto é uma tolice*.

(178) Como espelho em que nos víssemos todos jogar. Uma coisa assim *e se não for*, diz tu. E havia o meu orgulho e secreto terror e uma absurda estupidez ou ridículo de que *fosse assim*.

(179) E a tua imensa piedade, *que é sinal* de quem muito possui. (...) E porque *é tão vulgar?* A bela e o aleijado, o condenado à morte breve, o prisioneiro perpétuo, o desgraçado. E a piedade que equilibra o desnível, o prazer imenso de proteger *para se ser senhor* como se ama um cão, não sei. O prazer imenso *de se ser diferente e contra*.

p.63

(180) *Isso é uma estupidez. Isso é incrível* como te passou pela cabeça. *É uma ideia de perversão*. (...) Ou se calhar tu *é que* não sabias. Se calhar não querias saber *para não seres responsável* (...). Mas dito tudo, *é curioso*, como que ficou tudo legalizado.

(181) *Era ao fundo do corredor*, tossi, bati os pés no tapete mas ele não deve ter dado logo conta e só algum tempo depois deixou de espreitar à fechadura.

p.64

- (182) Até que atirei, baixando no tom o que era alto no que disse (...).
- (183) (...) ... sem interromperes o traçado no papel do que *devia ser um plano* de aulas semanal.
- (184) Mas porque *é que* dizes coitado? Digo coitado e que *é que* querias que eu dissesse?
- (185) E isso que *foi* chegou até mim (...).
- (186) Mais forte, a chuva. (...) *E foste tu* quem falou
– Amanhã vou procurar casa.
Encontrámos a casa. Mas tinha só um quarto. *Era mais espaçoso* (...).

p.65

- (187) Porque *é um rapaz muito sensível*, disseste por fim, e isso pode perturbá-lo.
(...) O rapaz girava agora constantemente, passava por nós sem um gesto, tu *é que* paravas às vezes a olhar para trás (...). E exactamente no dia em que saímos, se calhar não te lembras – mas não, *não é possível*.
- (188) *A memória é assim*, instantes imóveis. Imagens fixas, *são da eternidade que é sua*. (...) Porque a memória não tem movimento, minha querida, a imaginação *é que* sim. A casa de banho *era ao fundo* do corredor (...).
- (189) Queria também eu arranjar-me, *era domingo* (...).
- (190) E a tua piedade *seria ardente como um ferro de maldição*.

p.67

- (191) *É uma forma de estares* aqui comigo mais perto, e mesmo esta carta *é um pequeno truque* para estares. (...) *e foi bom* que acontecesse *e foi triste* e trazia dentro a alegria ou o desastre como numa prenda de festa ou encomenda armadilhada e terrorista, (...) o que vem sempre ao de cima e fica em saldo do lembrar *és tu*, a tua imagem *de quando eras perfeita*... e a tua palavra *era fresca como uma maçã* e a tua mente *era livre como uma varanda*.
- (192) *São tipos curiosos*...

p.68

(193) Afora os que sobrevivem até ao limite improvável *de serem gente* e de que já te falei.

(194) À hora das refeições, *que é quando* se comunica em humanidade, distribuímo-nos por três salas, a dos mais parecidos com gente fica lá para o fundo do corredor, longe da conspurcação e dos estragos do apetite.

(195) – *É uma deusa* – disse-lhe eu. – Uma deusa pagã.

(...)

Chateou-me a pregação e eu disse que *podia ser outra coisa*. Que coisa, doutor? *Pode ser o deus cristão, a deusa pagã e no fim o esqueleto dos dois*. (...) Depois dissertou sobre a velhice e o injusto descrédito ou desprezo a que *é votada* (...)

p.69

(196) (...) tudo isso *é uma aldrabice*.

(197) Na idade jovem do teu cabelo *à garçonne*, na tua idade azougada em que *eras mais enérgica do que a vida*, mulher eléctrica, quando eu ficava estoirado só de te ver. (...) Ou mesmo já no fim, quando te levava pela mão, já trôpega, *atrapalhada com todas as peças de seres*, (...) porque para as palavras difíceis uma presença *é importuna*.

(198) Cumpro o meu dever comunitário mas só quase ouço, hoje falei *foi* com o Cristo (...).

(199) (...) Quem *é que* te interpela? (...) quem *tem sido* mais *massacrado é a tua santa Mãe*.

p.70

(200) ...mas agora *a coisa é sobretudo comigo*. (...) a minha pobre Mãe *é que* aguentava com o peditório. Mas agora todos *querem ser senhores* e eu que colabore.

(201) (...) para que **é que** eu apanhei com a cruz em cima se **as coisas são o que se vê**. Estou farto. Tu que queres? Nada. Quase nada. Apenas uma coisa que nem sei se **chega a ser coisa**. Tudo o que **tinha de ser já foi tão aproveitado**, que **é que** te quero dizer?

(202) Em todo o caso, **é um pouco difícil** de te dizer, mas não admiro muito o teu sofrimento. Ou **não é bem** isso. Comovo-me **como é devido** ao ver-te aí chagado e dependurado. **Mas é preciso** olhar-me aí, ver-me aí metido no teu corpo, sem pensar muito no que está antes e depois. Comovo-me talvez mais ao ouvir a tua palavra – **foste tão doce e generoso** (...).

(203) Mas imagina agora que o Judas **tinha sido um tipo decente...**

p.71

(204) ...que os sacanas que te mataram **tinham sido uns tipos porreiros**. Estávamos todos tramados, **não é assim?** (...) Voltavas ao seio do Pai sem morreres no teu corpo divino e como **é que** te ias arranjar?

(205) Mas **foi assim**. Ficarias tolhido diante do teu pai, que **é que** ele iria dizer-te?

(206) E **é só aí** que me interessas. Na lástima desse teu corpo. Na amargura da solidão. Como te devias sentir só. **É só aí** que te entendo para me entender a mim. Só na dor absoluta de um homem sem divindade nenhuma.

(207) **Eras seu filho** e a morte de um filho tem amargura que chegue para cobrir o mundo. Coitada dela, queria lá saber do teu destino divino. Sabia **é que** tinhas **a divindade de seres seu filho, como não é novidade** nenhuma para qualquer mãe (...).

p.72

(208) Mesmo o do teu pai terrestre. E a propósito, **que foi feito dele?**

(209) A lágrima, como sabes, nem sempre **tem sido funcional**. Teria então um homem direito a chorar?

(210) Sabemos de tua Mãe algumas vezes, dele nunca. (...) Houve uma vez, **foi nas bodas de Cana?** Mas **se foi**, nem o chegámos a ver, creio que **não foi**. Porque

ele *foi realmente o teu pai*, tu disseste-te filho do homem, *era a tua origem e vocação*, não sei se estás lembrado.

- (211) *É certo* que *eras novo*, quase jovem, e na tua juventude não há morte. *É preciso esperar* pela velhice e degradação para haver. E estar só. Queixaste-te do abandono do Pai, *é outra coisa*. Porque do abandono dos filhos ninguém se pode queixar *e é o que eu faço*. *É dos hábitos de se ser humano* e vem nos livros de quando *se começou a ser homem*. (quando se começou a ser homem, p.73)

p.73

- (212) O sofrimento que te deram *foi de fora*, o teu corpo estava inteiro quando a coisa aconteceu. Mas o meu vem de dentro, não sei se vês a diferença. Não me violentaram o corpo, *foi ele que se desagregou*.
- (213) *Pode-se ser corajoso* com um corpo são, porque ele então está do nosso lado, (...).
- (214) Mas não quero diminuir-te o sofrimento, que sempre *é de doer*. (...) Porque um corpo destruído *é tão humilhante*. (...) E essa *é a solidão* maior, porque um corpo *é a nossa última companhia*.

p.74

- (215) A opressão dos outros *era um modo* de te dizerem que existias. Que *é que* te existe por fim num corpo em farrapos? Que *é que* te resta para pensares que estás em ti? E *é só por isso* que te lembro meu irmão. Não sei se isso te ofende, mas *é assim*. (...) E num pouco de divindade *que puder ser*.
- (216) Se alguém deve comover-se *és tu*. Mas não te comovas. Há uma grande lei para além de nós, *não sejas sensível*.
- (217) Agora a tua sombra prolonga-se mais. *É o manto da tua realeza*.
- (218) E *foi esta* a conversa que tive com Cristo, minha Mónica.

p.75

- (219) *Era uma voz rouca*, inchada para baixo até às cavernas da profecia.
- (220) – Que estação *é esta?* – perguntei. (...)
- (221) Mas nunca vos perguntais para quê, nunca vos perguntais o que isso quer dizer, nunca vos perguntais com que direito *haveis de ser boi* até ao fim da vida. Parai, ó estúpidos, suspendei um momento esse vosso trabalho animal e perguntai-vos *se é essa* a vossa vontade, se num instante da vossa tarefa cavalgar *é isso* com que sonhais para vosso prazer. Porque *é que* não fazeis aquilo que quereis?

p.76

- (222) Porque *é que* não ergueis o vosso berro de revolta?
- (223) Mas falo mesmo dos tubarões do capital, banqueiros atolados em moedas *que são as fezes*, o excremento da ganância e da vileza, grossos empresários que quereis empresariar o mundo, o céu com a vossa fumarada, as almas (...).
- (224) Quantas vezes vos perguntastes porque *é que* o meio milhão que vos falta importa assim aos muitos que já tendes? Quantas vezes reparastes que existíeis? (...) Porque *sois ignorantes* e só vistes o que vos permitiram as testeiras com que a vida vos arreou.

p.77

- (225) Também o burro puxa à carroça e leva pancada se faz greve de zelo, porque não calcula *que é ele* o sujeito desse puxar. Assim *não é possível* chegar a uma formiga e dizer-lhe pára um pouco e pergunta-te que diabo ando eu aqui a fazer?
- (226) – O tipo *é pela boa vida* – disseste.
- (227) Mas *vós não sois bestas senão quando vos distrairdes*. (...) O que eu vos digo *é mais simples*, ó ignaros. O que eu vos venho pregar *é que* vos pergunteis para quê. (...)...*é uma coisa elementar como a água e o pão*. (...)...*é* se já vos

perguntastes porque *é que* estais vivos, que *é que* fazeis da vida, porque *é que* amochais à vontade de outrem, porque *é que* alombais com um destino *que não é o vosso*. Tudo no universo tem um destino *que é seu*, vós nem sequer sabeis *qual é o vosso* (...). O sol serve para aquecer (...) a pedra para fazerdes muros ou jogares à pedrada – vós para que *é que sois?* (...) *nem qualquer outra forma de serdes* em rebanho *nem que seja* a de uma filarmónica. O que vos trago *é apenas* uma pergunta – porquê ou para quê. O que vos trago *é apenas o anúncio* (...)

p.78

- (228) O que vos trago *é a notícia extraordinária* e esperada há milénios de que *não sois formigas nem mulas nem gado bovino*.
- (229) E *era como se esfregasse os olhos* para saber que estava acordado e a polícia devagar começou a perguntar onde *é que? Era um posto clandestino de rádio*, onde *é que?*
- (230) Porque uma ideia *é assim*, Mónica, mexe na zona das ideias para quem nasceu para as ter, e mexe nas partes exteriores para quem o pensar quase pensa primeiro nas mãos e na cabeça.
- (231) (...) ... e tinha já um nome para quem a agitava e que *era Salus*. Os padres irritaram-se nos púlpitos porque sabiam latim e sabiam que «salus» queria dizer salvação *e só Deus era a salvação...*

p.79

- (232) Agora o Salus insistia na parte mais interior da sua pregação *e que era a movimentação das consciências*.
- (233) Porque o animal está pegado às coisas no hábito de não ter altura para saber que a gamela em que come e a estrumeira em que chafurda *não é ele feito estrumeira e gamela* mas está a uma certa distância da alfarroba e do estrume. O que eu tenho a dizer-vos *é muito pouco mas é grande como o universo*. (...)...é

que deveis ser vós, deveis ter a independência *de ser* vós e não um outro ...
(...)...*vós sois muitíssimo importantes* e ninguém pode pôr-vos para o lado *para ser em vez de vós* e extrair já de vós o mau cheiro para cheirardes já à putrefacção *de quando fordes podres*. Não vos aconselho mais nada, só vos digo que *sejais* vós e que se vos *apetece ser* lordes *sede lordes* e se vos *apetece ser mulas sede mulas*. (...) *Sede felizes*.

(234) Mas agora a agitação *era mais visível*.

(235) (...) erguia a sua tripeça *que era um caixote de sabão* (...).

p.80

(236) E mesmo vários crimes de criminosos que *não sabiam que o eram* e descobriram com surpresa que sim.

(237) E eu disse-te *é como se* houvesse uma bomba em cada consciência e faltava apenas lume no rastilho.

(238) A certa altura a voz calou-se mas tudo continuava por si, havia uma força posta em movimento e agora *não era preciso* mais pressão. A polícia *foi reactivada* e voltou a policiar com convicção. (...)...*foi voz a sério* outra vez. Admitiu-se mesmo agora *que era uma voz sem corpo para ser só o seu espírito*, porque variava com frequência de paradeiro para ter uma essência divina *que não é localizável*. Mas dizia sempre no fim que *era o Salus* (...) e de uma vez disse mesmo *eu sou a salvação e a vida, que é coisa de beatério*. E eu disse-te *isto é coisa de padres* ou de alguma seita religiosa.

(239) Até que um dia, *ou seja*, uma noite, porque de noite *é que* tudo tem muita importância por não haver luz e pôr limites *e é por isso* a melhor altura para se pensar (...).

p.81

(240) (...) que também *é o caso* (...)

(241) (...) Chamava-se Salustiano e pensaram este *é que é o cabecilha*, como qualquer tipo pensaria, *mesmo sem ser da polícia, que é naturalmente um especialista* nisto de pensar *que era o cabecilha* e de o prender. (...)

p.83

(242) (...) Tu dizias que o linfatismo tem que ver com quem *é linfático*, mas *eu era sou forte*. (...) *eu era até um jogador de futebol* com cento e vinte minutos nas pernas. (...) Tu dizias – *quem é forte* não tem ideias tuberculosas.

(243) As ideias nascem do pescoço para cima mas *são engendradas* do pescoço para baixo. (...) Vêm-me às revoadas, *são coisas sem importância* na passividade do divagar.

(244) (...) Devo mesmo dizer-te que *sou feliz*.

(245) (...) Na realidade só o pergunta quem *começa a ser infeliz* ou julga que isso tem alguma significação.

p.84

(246) (...) Mas *era o teu feitio* – dizeres o contrário do que eu dissesse.

(247) (...) E quando eu te disse que um corpo forte decide da nossa segurança tu disseste *não é isso*

– *Não é isso, é diferente. Minha mãe era enfermeira* e tinha uma energia militar. *Meu pai era militar* e não tinha, (...).

(248) Vêm-me as imagens em turbilhão (...) Mas há sempre uma que vem sobre as outras *e és tu*. (...) Mas há uma que. Não, *não é essa* de quando eu lavava o teu corpo disforme com uma piedade difícil (...) – mas *não é essa. Foi quando*, eu levava-te pela mão a almoçar ao domingo na cervejaria em frente, *era só atravessar* a rua (...).

p.85

- (249) (...) porque **é que** não a internas? (...) **não é fácil** explicar. Amava-te, **e é tudo**. (...) amava-te talvez por linfatismo, **que era a tua forma** de dizeres a minha fraqueza (...).
- (250) (...) **já era então padre? que era uma forma técnica** da sua religiosidade.
- (251) Mas um dia disse-te vamos almoçar à Saisa, **que era um restaurante** sobre o rio.
- (252) E tu rias-te um pouco para mim mas o teu olhar **era descentrado**. Fitava-me mas **era como se resvalasse** por mim como o de um cego (...).
- (253) (...) Uma vez num semáforo um filho da puta arrancou logo quando teve a luz verde, tu assustada imóvel, mas **era um susto para dentro**, o olhar directo ao chão, à espera, eu apertei-te contra mim. **Foi um momento terrível**.

p.86

- (254) (...) **Foi uma palavra** – ficou-me a doer tanto (...) – Sabes uma coisa, João? Nunca te gramei.
 (...) E o que me lembra agora para depois e ainda não sei **o que é**. O fantasma de ti própria para me fazeres companhia, **que era já muita** para a solidão a vir.
- (255) (...) Ou simplesmente porque te amava – e não sei porque te ris, que **é que** há que rir no dizer-te que te amava? Amava-te, **e é só**. Não do amor de agora, que **é um pouco maior** e te hei-de ensinar mais para diante (...)
- (256) Deixa-me ver-te antes e antes – **ou não foi aí** que te espalhaste? (...) gostavas tanto de lá ir **quando eras ainda em esplendor**. (...) Depois **era plano** e eu dava-te a mão.

p.87

- (257) (...) olhavam-me sobretudo a mim com piedade de eu **ter de ser piedoso** por ti (...) e todo o espaço **era meu**.
- (258) Mas sobretudo a luz. **Era uma luz** a todo o espaço, envolvia-nos dessa alegria sem razão **que é a mais plausível** e nos arrasta consigo na ronda da sua festa.

(259) E eu vigiava-te as manobras atarantadas e às vezes sujavas-te e eu tinha de te dar o comer à mão e a festa solar *não era bastante* para nós os dois.

p.88

(260) Digamos que *não era bem* o teu corpo que me afligia mas sim tu que estavas nele e eu não conhecia.

(261) (...) E *é o que sobretudo me lembra* ao lembrar – a claridade intensa que irradiava da brancura das mesas (...). Lembro a luz forte no ar e tu composta à mesa mas com um desarranjo no teu modo de estar e que *já não eras tu*.

(262) (...) não porque houvesse calor bastante mas só porque havia muito sol como quando há calor *e tudo era como se houvesse*.

p.89

(263) Ou porque realmente *eram pessoas solares* com um destino de juventude ao sol e não tinham agora verão para isso e aproveitavam para o ter.

(264) *Foi* na descida da escadaria, no último degrau (...) *era inverno* (...) E preparei os remédios, que *eram vários* e de várias caixas (...) E reparei que estavas gorda (...) Porque um sentimento tem que ver *com a pessoa que somos*, não serve em todas as ocasiões do que *vamos sendo*. (ocasiões do que vamos sendo, p. 90)

p.90

(265) Amor, amizade, *agora era compaixão* talvez, sei lá. (...) A piedade *é fácil* quando se não abusa dela (...). Tem-se piedade do doente que não abusa de um prazo razoável *para o não ser*, não de um doente sem prazo nenhum. (...) A piedade *é um prazer* de quem a tem mas só se a coisa se resolve depressa.

(266) (...) Veio-me uma vontade imensa de te amar (...). Um dia tentei-o, estarás lembrada? *Foi um momento* de inquietação insofrida, desordem estúpida *do meu ser animal*.

p.91

- (267) (...) Vou lembrar-te quando *já era* juiz lá no Norte.
- (268) (...) *Era um ginásio* não longe da nossa casa futura. (...) *Era a hora* de o fado ajustar contas com eles, eles não queriam. *Era a hora* do fôlego asmático, da enxúndia, do ouvido córneo, as juntas perras. Hora de *começarem* a sério *a ser mortais*, eles ficavam fulos com essa ofensa pessoal do destino.
- (269) (...) Tu davas lições às senhoras na menopausa, um dia eu vi, não ensinavas apenas *mas eras* no teu corpo *o exemplo da perfeição* (...). (exemplo da perfeição, p. 92)

p.92

- (270) (...) Algumas convidavam-te para a sua casa (...) *a ser* mais compreensivo.
- (271) Mas nesse dia...quem estava em cena *eras tu e o teu grupo*. (...) Penso em ti e o que me apetece *é repetir* contigo a festa do teu corpo. (...) Porque a certa altura, *foi* um bater de palmas cadenciado e eu senti que toda a gente se ia erguer (...). Bati também as palmas mais forte, devias ouvi-las no tablado, *eram minhas*, devias.

p.95

- (272) (...) Eu pertença à dos já em queda, *que é a mais interessante*.
- (273) Aliás, *era um treino* para a minha movimentação.
- (274) (...) Os de roda livre, que *são os mais novos*, parecem-se bastante com a gente lá de fora. Ficaram sozinhos ou *foram-no* sempre, (...).

p.96

- (275) (...) Política. *É a forma mais à mão de se ser História*, Mónica, de ter a História a trabalhar por conta (...) – e desculpa a metáfora (*é metáfora?*). *É a forma mais visível* de o destino parecermos nós e mesmo de não haver mais História depois de nós para historiar. (...) E se existe *é na forma de lhe darmos ordens* (...).

(276) *Era a propósito* dos internos a meia dose. *São muitos*. (...) Gostava de te falar deles, dos que *são da minha mesa quando sou da deles*, que aliás vais variando. (...) Todos têm a sua porque o homem *vai sendo eterno* (...).

p.97

(277) (...) *São mulatos* do sentimento, nunca sei se hei-de falar para o lado preto ou branco

(278) *É gago*, o Bento.

(279) (...) Ou o corpo *é que* avança e o espírito atrasa-se, não sei.

(280) (...) *É gago* mas gosta imenso de falar *para não ser*, suponho. Tinha uma agência funerária, (...) que *é logo* abaixo.

(281) (...) E quando *foi da mexida* do Salus, que pancadaria. (...) Mas *era preciso* pôr cobro aos desmandos gerais. Ele diz que *foi um ver se te avias*, (...). Aliás, a história que conta também varia *e é só* uma vez de cada vez. Conta com dias de intervalo e assim *é mais só uma*. E eu fico com várias histórias para escolher *para a verdade ser minha*.

(282) (...) *Era enfermeira* em oncologia e o marido *era médico* oftalmologista. (...) Não, Mónica, *não era esse* onde um dia levámos o Teo (...).

p.98

(283) (...) *era o marido* que conduzia (...).

(284) (...) Mas dessa vez, *é curioso*, o Bento funerário quase nem gaguejou. E eu pensei *não é verdade*. A história não tinha muita força para emperrar nos atrasos, *não é verdade*. (...) ... o meu genro *ainda era o mais composto*, (...) ... mas *não é por isso*.

(285) – Temos de lhe amputar a perna esquerda, como sabe. *É coisa simples*. E há tragédias bem maiores. (...) Sim, *é a perna esquerda*.

p.99

(286) (...) Ou de uma penalidade máxima, *era absolutamente necessário* não falhar (...). Eu *era esquerdino* só nos pés, *é curioso. Talvez não fosse esquerdino* mas a extremo esquerdo *era o meu lugar predilecto*. Gostava do meu correr em vertigem, uma vertigem que *não era bem* do meu correr mas do meu sentir, *do meu ser alado* contra a estupidez da terra.

(287) – Mas *é uma tolice. É uma coisa* mórbida. Nem vai poder *vê-la*, ter a compreensão disso.

(288) Meu corpo. Isto *é na verdade* o meu corpo. *É uma palavra* sagrada (...). Um corpo *é sagrado*, um assassino sabe-o muito bem.

(289) (...) Não, *não era o Rodrigues Rosado*, o solicitador (...). Mas *não é esse. É um João Rosado* poeta e pederasta, filha.

p.100

(290) Vais romper pelos ares e desaparecer, eu pensava, porque só vale a pena na vida *o que for contra* a morte (...).

(291) (...) O Teo. Lembrou-me agora como o chamávamos em miúdo *para ser mais miúdo* (...). Ele um dia, *não foi?* ele um dia disse que preferia que o chamássemos de Teodoro *para ser mais ele* sem nós, suponho.

(292) *Foi uma noite*, deves estar lembrada. (...) E fechou a porta e tudo *foi logo intensamente grave e oprimido* contra nós.

(293) (...) Porque o cerimonial também *é a gravidade* das coisas ou sobretudo (...).

(294) (...) ... e *era aluna* de Letras. Vai casar, pensei outra vez, *para ser mais verdade* a minha suspeita. *Foi no último dia* do julgamento do Salus, eu absolvi-o e *há-de ser sujeito* a outro julgamento (...) *Foi quando* a Márcia se separou do primeiro marido (...) depois verei qual *foi* (...). *Gostava que fosse* também qualquer coisa com o André (...).

p.101

(295) (...) Mas à conversa não, *foi sempre tão calado*. Querido André. Nunca quis ter razões, *era espontâneo indiscutível, o seu ser ia só até ao ser de uma pedra*.

(...) Batiás-lhe, bateste-lhe uma vez, que *era decerto as vezes todas* em que lhe quiseste bater. (...) Fecha a porta contra as pessoas que lá não estão, mas está decerto a sua memória e essa mesma *é de ficar fora*.

p.102

(296) (...) Depois houve um silêncio grande *para nele ser grande* o que o Teo nos queria dizer. (...)

– E que *é que* decidiste?

– Decidi ir para padre.

(...) Tu então rias-te muito, se isto *é coisa* que já se visse, e eu disse-te Mónica!

(297) Está um dia de calor, *mas é primavera*, não perguntes.

(298) (...) A tua mãe choraminga, *é uma tolice*. Mas tu sabes, o choro *é para* se criar a tristeza, não para a avaliar (...) a gente chora e começa logo a ficar triste pelo efeito de Pavlov (...) (Pavlov, p.103)

p.103

(299) (...) *e é por isso* que havia as carpideiras, para induzirem os outros ao choro.

(300) *É primavera* e não me apetecia sair dela. *É a terra* natal de todos os sonhos da vida (...). Porque os grandes sonhos *não são deles* mas do tempo em que *devem ser*. Os grandes sonhos só nascem depois de terem morrido. Primavera de luz, *do fulgor de se ser, incorruptível eterno* (...).

(301) – E então um dia pensei: *posso ser útil*, posso ajudar os outros – disse ele.

(302) *Depois falou em parábolas*. Não para entendermos melhor mas *para ser maior o que dizia*.

p.104

(303) (...) Meu Teo. Estavas um pouco pálido, *querias era impor à vida a tua razão, obrigá-la a não ser estúpida*.

(304) (...) *É o teu filho preferido*, tu dizias-me às vezes, eu negava sempre – *e se fosse?*

- (305) (...) Agora estamos em silêncio porque *todo o espaço é dele*. (...)
- (306) (...) *Eram frases desligadas* (...) frases breves desconexas (...).
- (307) (...) Mas tudo na sua voz *era longe* e chegava dela até nós só o mistério.

p.105

- (308) (...) Da existência um pouco supérflua de Deus, porque já existiu em tudo atrás. E da necessidade de ele próprio, Teo, também existir no modo único de se reconhecer em tudo o que ajudava a existir. *É talvez orgulho*, ele disse. *É mas é um disparate*, tu disseste, *É talvez orgulho*, repetiu.
- (309) (...) não falei de outro comensal da secção A. *Sou portanto eu, é o Rosado panasca, que é poeta* (...)
- (310) (...) E hei-de-te mostrar a perna, que *é a esquerda*.

p.107

- (311) *Tem aí uns cinquenta anos, que é a idade de se ser definitivo, e é viúvo*. Muito ilustrado. Pelo menos para a minha medida, que *é a que tenho*. (...) *É um tipo alto e magro* (...)
- (312) (...) E um dia aproveitei – *que é que ele pensava* do caso do Salus? (...) de resto disse-me
- *Sou sempre contra*
- e depois *é que* vai ver contra quê.

p.108

- (313) O Salus, chamemos-lhe assim porque não existia, *era* como o Manuelinho de Évora que *era um louco* lá da cidade com que se assinavam manifestos contra os espanhóis, alguém lembrou. Quer dizer, o Salus existia talvez, mas não existia (...).
- (314) (...) *Quem eram?* Está provado que *seria um desastre* para o país? (...) Está provado que *seria um estímulo* para os grandes homens que não ousavam? (...)

Provou-se que de início soube logo e depois *é que* agiu? (...) Que razões tinha para saber que *não era uma melhoria social?* (...)

(315) Querida Mónica, tu não *foste muito razoável* com ele. (...) Mas não *foste nada compreensiva*. (...) Na realidade gostaste alguma vez de alguém?

– Gostei de todos

Vais dizer-me. Mas *não foi bem assim*. Quem gostou deles todos *não eras tu* mas a tua maternidade. (...)

p.109

(316) *Foi nas escadas* de Minerva.

(317) (...) *Eram uns tipos congestionados de imaginação*, conheciam os sítios das manobras amorosas no Jardim Botânico, no Parque de Santa Cruz.

(318) (...) As escadas de Minerva. A revelação primeira, creio, da tua brancura íntima. (...) E a notícia correu. E eu fiquei fulo – como *é que?* (...)... *só se fosse* de um ângulo difícil de uma janela da Biblioteca (...).

(319) *São momentos assim*, instantes súbitos assim, um dia nas escadas da tua casa (...). Mas de tudo isso o que me lembra *não é de lugar algum*. Ou *é desses lugares para ser depois o irreal* da tua beleza para nunca mais.

(320) – *Quero ser útil* na vida.

(...)

– Mas já o tens como médico – disseste tu muito à pressa, ou eu. – Que *é que* queres mais?

p.110

(321) (...) Teo, dizias – que *é que* dizias? E estranhamente ele *não era já nosso filho*. Qualquer coisa tomara posse dele e arrebatará-o, *não era*.

(322) (...) Porque não se escolhe *o nosso ser*, querida, mas *é raro* sabermos *qual é*. Grandes santos sábios heróis, Mónica. Levaram a vida inteira sem saber *que o eram*, porque não tiveram oportunidade de o saber (...).

(323) (...) E do pacto que estabelecemos com o universo na eternidade e da obrigação de o cumprirmos *para não sermos vigaristas* (...).

p.111

(324) (...) – desde quando *é que?* (...)

(325) (...) *Não eram bem* as grandes forças da Terra nem as curtas e intensas como as que fazem estremecer as aves. E *é só assim* quase só que te encontro na minha memória aflita (...).

(326) Quando chego, aliás, já o Firmino está enrolado numa dialéctica apertada. *A questão era agora de capitalismo e comunismo*. Firmino *era a favor do capitalismo* porque gera riqueza, faz progredir os povos, cria postos de trabalho, dá uma oportunidade aos mais capazes... *Mas é também pelo comunismo* porque pratica a justiça social... torna os homens iguais *como é da sua natureza* e traz muitos outros benefícios... (...).

p.112

(327) (...)... o poeta ia logo dizendo *sou contra*. (...) Machismo, feminismo. Crença descrença. Iberismo independência. Ortodoxia heterodoxia. E o poeta dizia *sou contra*. (...) Pareceu-me que na alternativa hetero ia a dizer *sou contra*, mas calou-se. (...) Firmino dizia que a monarquia *era evidentemente um bem nacional* pela continuidade das instituições (...). Mas que a república *era evidentemente um benefício* por acabar com a farófia estúpida de uma cor de sangue, que *era azul* na pele fina dos que *eram uns lombeiros* e viviam à custa dos que a tinham grossa.

p.113

(328) – Mas então o senhor admite que *foi um desastre*.

E como saber? *A vitória dos gregos foi a da razão e da cultura*.

(329) (...) Firmino não sabia tudo, *é evidente*, mas há a religião, enfim, o que supera o rigor mental e *é quase tudo*. Decidir em Salamina pelo Oriente ou

Ocidente *é impossível*. (...) *Era idiota* acreditar no milagre, que Cristo etc. Mas *era idiota* recusar o milagre etc.

(330) (...) O doutor tem a certeza que *é preferível* morder ou não morder? (...) suponha o doutor que *era o senhor o Adão* e que tinha de decidir.

(331) (...) mas a mim apetecia-me *era* estar só contigo.

(332) (...) Teo tem um lenço na mão em que apoia o queixo. *Era esquisito*, sempre fez assim, um lenço na cova da mão e o queixo encaixado aí. Tinha aquele costume esquisitíssimo e eu um dia perguntei-lhe porque *é que*

- Porque *é que* pões um lenço na mão quando lhe encostas o queixo?

E ele não soube responder.

p.114

(333) – *É mais macio*. E por causa do suor, talvez.

(334) (...) – olha, *são como as do teu pai*.

(335) (...) Depois te digo, agora quero *é* ver-te ainda um pouco, estais os dois em silêncio (...)

(336) (...) *Era o último minuto* do desafio, quarenta mil pessoas geladas suspensas, ouvia-se o pulsar dos corações.

(337) (...) Mas *não é só* o que pensas, querida. Muito mais, muito mais. (...)

(338) (...) Porque tu *eras tão difícil*. Difícil. Jamais te disse *fosse o que fosse* que tu disseses tens razão. O mais que conseguia *era não dizeres nada* e eu então pensava que estavas de acordo. *Não era pelo gosto de me contradizeres*, penso agora mais calmo. (...) *Era por teres* uma vontade forte, talvez. *Eras arisca voluntariosa*. *Era por teres* saúde a mais (...). Porque a razão *é a expressão* da vontade (...). Com vontade forte *é que* se fazem as grandes razões e os impérios com elas.

p.115

(339) – Mónica. A ideia do Teo *é uma estupidez* (...)

– Estupidez também *não é tanto assim*.

- (340) (...) *Era estranho*. A gente tirava-lhes fotos em miúdos, armava-os ali e eles iam crescendo e a infância deles continuava em retrato que *não era já nada*.
- (341) (...) *Só se é pai e mãe de crianças*, talvez, com a memória de quando o *tínhamos sido*. Depois *foram eles pais de si próprios, era assim*.
- (342) (...) Olhamo-los, não nos vêem. Estão em silêncio, devem ter chegado ao ponto de não poderem dizer mais nada de tudo o que ficou por dizer e que *foi tudo*. *É o tempo* em que as palavras já não criam o mundo como na boca de Deus que o criou com elas.
- (343) (...) *Ser a ignorância* do futuro e a tua plenitude. (e a tua plenitude, p.116)

p.116

- (344) (...) Vemos o André desde a infância até antes de nascer. Depois o Teodoro *até se apagar no não-ser*. E depois Márcia, que *foi a primeira* a aparecer entre nós os dois – *é uma menina*, vieram-me dizer. (...) *É uma menina*. E antes disso, *antes de ela ser*, nós sós um em face do outro.
- (345) (...) Porque se deve ter amor ao nosso corpo, *somos tão ingratos* com ele.
- (346) (...)...mas agora quero *é amar-te a ti*. (...) *O amor é isso*, querida, acumular no começo para se ir depois gastando dele pela vida fora – até quando durou o que acumulámos?
- (347) (...) *Como é bom dizer jovem*. Dizer perfeição. Dizer Terra, astros, e deuses.
- (348) (...) *Deve ser* no fim do inverno, depois de despido o queimado da praia. (...) Como se dissesses *sou assim*. Abandonada entregue. Um corpo apenas, material, verificável. Mortal.

p.117

- (349) (...) *É preciso* atravessar o medo o deslumbramento o impossível. *É preciso* vencer o mistério – um corpo amado *é tão misterioso*. (...) Até quando ele *for insuportável* de doçura.
- (350) (...) *A rapidez de seres*, a vitalidade desassossegada, a tua alegria agressiva. A intensidade de existires – devagar.

- (351) (...) Realizar Deus todo inteiro *é difícil*. (...) E isso *era de endoidecer*. (...) O desmesurado e incrível. Deus olhava o nosso esforço enorme e sorria por cumprirmos o seu poder. *Gostava bem de ser calmo* ao dizer-te.
- (352) (...) *Desaparecer no não-ser, na perfeição*. E olhar por fim o teu corpo morto, reconhecermo-nos na materialidade expulsa do paraíso. (...) Está inteira mas não está – onde *é que* se perdeu? que *é que*? *É o teu corpo*, querida.

p.118

- (353) (...) Corpo feroz e lindo, vou aprendê-lo até o destruir *e ser eterno*.
- (354) (...) Olhar com piedade e iluminação os dedos negros do pé. *É o esquerdo*.
- (355) (...) Teo quer salvar o mundo para se salvar a si, que *é o que sempre se salva* quando se quer salvar os outros. Estão em silêncio. Moram no eterno.

p.119

- (356) (...) Mas o Salus, agora *não é disso* que vou falar, não berres. (...) ... *foi julgado* noutra instância. Absolvido. Ele *era apacadoado*, tinha já esse benefício *para ser gente*.
- (357) (...) A lei. Não tem fundamento, querida. *É como as regras de trânsito* (...).
- (358) (...) *Eu ia ser doutor*, seleccionado para a glória como os doutores da Igreja.
- (359) (...) O Salus. *É um doido* e portanto feliz. *Porque a felicidade é uma coisa idiota*, só os idiotas a merecem, *é assim*.

p.120

- (360) (Mas o que tu querias, p.120) Mas o que tu querias *era a tua justificação* e a pregação dele dava-te encosto. Ele não existia, *era um mito*, que *é uma coisa* que não existe *e é portanto a forma mais forte de existir*.
- (361) (...)...a gente vai juntando as peças como num crime o polícia. *São peças que só tarde se aproveitam* (...).

- (362) (...) Actos *para se ser* mais tarde *um herói* um assassino um reformador político *que se não chegou a ser*, actos sem préstimo que se deitaram ao lixo municipal.
- (363) E então não disse nada. Estava muito ocupado *em ser animal racional*. (...) E então fui entendendo que o teu corpo *era de mais* para ti. Achavas talvez *que era um pecado* de avareza, capitalismo monopolista. (...) *Era mais justo mostrá-lo aos outros* e eles participarem da tua maravilha.
- (364) (...) Algum choque de carros. Berros apitos, *deve ser a polícia*.
- (365) (...)...*que dia é hoje?* O tempo conta-se quando há nele vida a contar – *que dia é?*

p.121

- (366) (As invenções só acontecem quando são neces-, p. 120) As invenções só acontecem *quando são necessárias*, como sabes, o relógio *foi só quando foi preciso contabilizar o tempo*, antigamente contava-se por alto. (...)...*que dia é hoje?*
- (367) (...) Há flores naturais no corredor, *deve ser primavera. São flores iguais às artificiais, mas depois sabemos que não são e então não são* (...).
- (368) (...) *Éreis doze*, contei-vos.
- (369) (...)...e eu disse-lhe *é a Mónica* e ele deu-me palmadas no ombro para sossegar.
- (370) (...) Mas reparei que a tua beleza *era da parte de fora*. Quando há bocado te estive a amar *era da parte de dentro, era uma beleza* que se não podia descolar. *Agora era de fora, de casquinha, uma coisa assim*. (...) Que *é que* os cretinos da assistência queriam de ti? (...)

p.122

- (371) (...) *A beleza*, minha querida, *és tu* e eu à distância do nosso olhar.
- (372) (...) *Tens tanto ainda que ser comigo* e de teres filhos e de apodreceres. Só eu hei-de saber o teu mistério, só eu saberei *o teu ser*. Que *é que* podes dar aos

outros? o mistério *é só para se reconhecer*, quem pode reconhecer-to senão tu?

Nunca pensaste «*eu sou*», que *é onde* o mistério começa.

(373) (...) Porque *é que* te diverte esse delírio? (...)

– E como sabes que *é um delírio*? Quem to disse? (...)

Era difícil, o Salus. (...)

p.123

(374) – *É que* não consigo dormir, D. Felicidade (...).

(375) Mas *era tão giro*, querida. O Salus. Como *é que* eu podia condená-lo?

(...)...no Salus calhou o humanitarismo.

(376) (...) A um olhar sem piedade o homem *é tão caricatura do homem*.

(377) (...) Não se parece contigo mas com um modo *que é meu* de te lembrar.

(378) – *São horas* de almoço

p.124

(379) (...)... – ó velhinha triste e linda, *quem era?* Quem a depositara ali? (...)

Perdera toda a posse de si própria *e de ser ela* a encostar-se e o Salus levou-a quase no ar. (...) E diz coisas ininteligíveis numa tremura de voz que *dá para ser riso ou choro*, um cacarejo assim. Mas *deve ser uma coisa e outra*, que *há-de ser o sítio do seu ser. É uma velhinha trémula e linda*. Amedrontada e doce.

(...)

p.125

(380) (...) Minha perna, *meu ser*. Minha completude do meu corpo, esta inquietante e absurda e triunfal realidade do meu corpo.

(381) (...) Coisas belas talvez no seu modo de entender o mundo pela beleza que *é talvez bela* mas *não é esta* a minha hora de a aprender. (...)

p.126

(382) (...) Na raiva *de ser Deus*. Porque de vez em quando *é necessário ser Deus* para ele perder um pouco da sua megalomania (...).

(383) (...) Ou talvez não de Pompeia mas Pompeios que *é um nome feio como um trombone* (...). Ou talvez a deusa Flora *para ser mais corpórea contigo*. Mas *é um corpo transcendente* até à sublimidade (...). Mas eu preciso agora tanto *de seres divina*. (...)... - *deixa-me ser infantil*. (...) Preciso ardentemente de irradiar o teu corpo a tudo quanto baste *para ser divino*. (...) *Vou ser sublime e atrasado mental*. (...) Minha querida Mónica, o corpo ainda não existe e *é preciso* empenharmo-nos todos com ardor para que exista. Porque o que existe *é só a porcaria de um bocado de carne* que deve vender-se nos talhos antropófagos. (...)...*e como tudo foi longo*.

(384) (...) Não conheces o fresco de Pompeia, tenho de to demonstrar.

É uma deusa linda num instante do seu movimento leve, mas não se lhe vê a face. Porque a beleza *não é dela* mas da leveza do seu passar. (mas da leveza do seu passar, p.127)

p.127

(385) (...) Mas tudo nela *é aéreo e dócil*. (...) E o impossível de todo *o seu ser de passagem*. Mas *era o que sobretudo eu gostaria de te dizer* desta deusa grave e aérea. (...) Os dois dedos subtis que colhem a flor sem a colherem *e são nela* há dois mil anos a flor que não colheram. (...) O deslizar do manto e da túnica que não deslizam, para a nudez *não ser de mais*. (...) E assim a sua beleza *é invisível*, no anúncio do que jamais poderemos ver. Assim a sua beleza *é a mais bela* (...). (é a mais bela, p.128)

p.128

(386) (...) No olhar que inunda todo o corpo *como é próprio de todo o olhar* mas de que jamais saberemos os olhos donde vem a torrente. No seu corpo de deusa e no enleio do seu movimento que jamais poderemos ter nas mãos porque a sua realidade *é o passar*.

- (387) Tenho de deixar de olhar esta deusa efémera no breve instante *de ser deusa* (...).
- (388) (...) *É um momento breve* como tudo o que *é grande na vida*.
- (389) (...) Tudo o que acontece *é sempre muita coisa ao mesmo tempo* para que aconteça o seu tudo. (...) E dura ainda em mim o sorriso do nosso encontro. E *é nele* que ela existe. *É uma deusa breve*.
- (390) (...) Ah!, tu *és tão desastrada*. (...) Mas o que mais me custa a entender – não, *não é entender*. O que mais me custa que aconteça *é não haver*, como se diz? *é não haver* um «sujeito» *para o que és, é tu não seres tu e todavia seres*, não te sei explicar.

p.129

- (391) (...)...o concerto de oboé. *É de Mozart* (...).
- (392) (...) A tua degradação, descida lenta até ao rés-do-chão *do teu ser*.
- (393) (...) Mas depois *era em qualquer sítio da casa*, que tudo *era sítio* para a tua degradação. Querida, *és tão desastrada*. A extensão *de se ser humano é imensa*, vou pensá-lo com muita aplicação. (...) Vem do alto em que *se é glorioso e divino e mais que os deuses que são já do nosso fabrico*, até ao mais baixo do que *é caca e podridão* (...).
- Se isto *são propósitos*. (...)
- (394) Mas a Camila não gosta, também olhe que *é mania*, senhor doutor
- Agora a querer lavá-la. Então eu não a saberei lavar?
- Então *é alguma coisa do outro mundo* lavar eu a senhora?
- (...) Se *fui eu sempre* que te lavei.

p.130

- (395) (...) *É preciso* um esforço, eu sei. *É preciso* uma atenção infinita para lhe descobrir o seu rasto.
- (396) – *Sou o João*, querida.

(397) Quem *era o avô*? (...) – *é a espécie*, o fundo do tempo. As trevas das origens.
A verdade da Terra e do sem-fim. Avô.

p.131

- (398) (...)...sobretudo a esquerda que *é mais táctil*, e o macio da tua pele aveludada do sabão, e então reparo, *é um mistério inquietante*, não te estou a lavar a ti.
- (399) (...)...*é triste* o oboé, tão órfão solitário.
- (400) (...) O teu corpo *é irresponsável*, querida, a quem pertence? (...) onde *é que* moras? (...) *É o teu corpo* sem ti. (...)
- (401) O quarto de banho *é longo*.
- (402) Mas a Antónia está impaciente, *são horas* de me dar banho a mim.
- (403) (...) A Antónia. *É uma moça ferocíssima* com uma energia a explodir.

p.132

- (404) Mas fico ainda a ouvir o oboé do teu nome. *É doce e triste como uma criança sentada a uma porta*.
- (405) Mas deixa-me olhar ainda a deusa de Pompeia. (...) Passa aérea na sua beleza invisível. *É mais bela* por estar à vista e não se ver.

p.133

- (406) (...) A gente chega ao fim, *que é quando* já não tem embalagem para haver mais futuro, e então senta-se.
- (407) (...) Não o lembrar, que o lembrar lembro. *É uma forma* bastante prática de tornar a viver. As coisas aconteceram, fazem-se acontecer outra vez.
- (408) (...) E então eu digo – deve haver uma palavra sagrada para tudo, *a questão é saber* onde *é que* está. Mesmo *o que é chato ou feio ou podre*, se a gente souber a palavra certa deve ficar belo à mesma. Também *já é de noite*...

p.134

- (409) (...) *É estranho*, porque *sou mais ou menos esquerdo*.

(410) (...) Não porque se não ouça de facto *mas por ser longe* e o seu sentir que esse longe o esbate à minha atenção.

(411) (...) Muitas vezes o balanço *são só as parcelas* vadias que vai lançando ao acaso sem o traço em baixo e a fechar. (...) O balanço. *É a maneira de* as pessoas se porem do lado do destino e então quase estão contentes como se estivessem.

(412) (...)há um grande silêncio no casarão, há noite na cidade. E então eu digo: que *é que* fizeste em toda a tua vida?

p.135

(413) – Em nome de que *é que* te julgas tranquilo com as sentenças que deste? como *é que* dormes sossegado? – *foi a Márcia* que um dia me perguntou. (...)

(414) Assassinos, vigaristas (...). Passam diante de mim, vejo-os. *É de noite*, vejo-os com mais nitidez. (...) Enrodilham-se no que dizem ou *são rectos* na sua lógica em que *é a lei* que se enrodilha.

(415) – Como *é que* dormes tranquilo?

(416) (...) Quando *começou a ser médico*, ele dizia – e se o doente morre? Se o melhor remédio *não era este*? (...) *Era o Cirilo*, lembra-me agora (...).

(417) Mas eu *nem era ainda juiz* nem tinha relações com a divindade (...)

p.136

(418) Estou no Norte, no começo, *era ainda delegado*.

(419) (...) Porque eu cria duro como ferro na lei, *como é próprio de quem é jovem* e tem saúde. Mas tinha as minhas reservas quanto à lei *como quem é jovem* e tem a corda sensível. Eu contei-te a história, tu *é que és capaz* de não te lembrares. Ou nunca ficaste a lembrar-te (...) *que era o teu processo* de eu não existir de mais.

- (420) (...) E o homem *era caiador* e fazia um pouco de contrabando nas folgas. (...) E então pensou que a melhor forma de ele a valorizar *era fazer-se valorizada* por outro. *É dos livros*, querida.
- (421) E a propriedade existe, mesmo para os cães. *Não é coisa* que se nos rouba, o que nos *é roubado somos nós* (...).
- (422) E o veneno que ia nelas *era que* ela e o viúvo (...).
- (423) O que mais falta no mundo *são homens*.

p.137

- (424) (...) Ou: mudar de vida pode-se sempre, de morte *é que* não.
- (425) (...) Que *é que* quer dizer a condenação do homem para os filhos que não tinham culpa?
- (426) (...) *Tenho que ser rápido*, tenho já pouca noite para gastar.
- (427) (...) Gostava tanto de te dizer, de me queixar. *É de noite*, gostava. (...) ... duas pessoas que se não conhecem e se encontram de noite por acaso *são capazes* de dizer tudo... (...) *É horrível*. Desabafar.
- (428) (...) Insultamo-nos a nós com a piedade deles – e como podes tê-la tu ainda para mim? Tu *é que* precisas tanto. De modo que no julgamento *foram condenados três*. O velho, *que foi morto*, o homem, que foi para a cadeia, e a mulher, que ficou sozinha com a carga dos filhos – que *é a lei?* que *é que* quis dizer a minha vida, sua funcionária?
- (429) (...) *São histórias horríveis* (...). Mas o mais horrível delas *é* que se não sabe onde *é que o são*.
- (430) (...) Um dia o Pereira de Direito, *era alto magríssimo*, usava monóculo e nós chamávamos-lhe o Pereira Monocular.

p.138

- (431) (...)...que *é que* diz?
Teoria do Direito. Gostava da cadeira, *era um jogo* tão engraçado.

(432) A noite *começa a ser de mais* para a minha luz acesa (...). Mas agora custa menos, a noite. *Difícil é o anoitecer.*

(433) (...) O Pereira Monocular, quando fez o doutoramento, contava-se, ele *já era velho* no meu tempo. (...)

– E então agora como *vai ser*, o senhor sem o monóculo?

(434) (...) Mas o anoitecer. *É o mais difícil.* (...)...a Teoria do Direito e a minha vida toda nessa teoria, que *é por isso que* tas quero contar. O anoitecer. *É a hora má* entre a vida e a morte.

p.139

(435) (...) *É a hora* em que.

(436) (...)...está no interior da Austrália, creio que numa exploração agrícola. Ele *é que* o diz mas não sei onde pára a carta onde suponho que o diz. E mandou-me versos, imagina. *É um poema extenso*, muito bonito. (...) Bonito, *não é?*

(437) Mas o mais difícil *é o anoitecer. É a hora* em que. (...) *É a hora em que* de um a um os apoios se nos retraem e as vozes da rua que também apoiam o seu tanto.

(438) (...) Preciso de te dizer que o Teo tem por nós – *não é desprezo*, não. *É um pouco subalternizar-nos* para um projecto ou dever mais amplo totalizador, como os apóstolos ou os políticos.

p.140

(439) (...)...- e como *é difícil* o trabalho, apoiado numa perna e na muleta do outro lado.

(440) (...) Mas ia-te a dizer eu que *era a hora em que a morte* – já não sei o que ia a dizer sobre a morte. Talvez que ela *é mais plausível* de noite pela imensa solidão. (...) A hora em que estamos a sós connosco, com esta coisa terrível que *somos nós por dentro vivíssimos* e não há público nenhum para nos ajudar. A hora em que *tudo é imenso como um olhar cego.*

(441) (...) E logo ali, a seco, *eram fuzilados*. E então passaram a acautelar-se. Sabiam que afinal continuavam em terra inimiga, *eram mais cuidadosos*. (...) *Foi quando reparei* que havia um direito, e um direito igual mas oposto. Mas havia ainda o direito fora do direito e que *era direito à mesma*. (...) A rapariga que quando *vai ser fuzilada* (...)

p.141

(442) (...) Quem me contava isto *era o senhor Acácio* da farmácia com o médico Moreno (...). Mas contavam-no a frio, quase sem emoção *e tudo era assim mais terrível* (...).

(443) Ou a história dos cinco fugitivos, que iniciaram uma marcha sem fim até ao mar, *são cento e muitos quilómetros* (...).

(444) (...) *Somos cinco*, fora eu, vamos pelo escuro das noites. E *é inverno*. Está frio. (...) Evitamos as estradas, que *é o caminho recto* dos cavaleiros da peste. (...) ... levamos a esperança num bolso. (...) Não se compra nada com ela, *é uma moeda*, tem um valor alto para uma criança. Vamos ali sem razão e isto *é o que mais me aflige* (...). (me aflige (...), p. 142)

p.142

(445) (...) *É uma moeda* achada por acaso (...)

(446) (...) *Somos peregrinos*, respondemos, vimos da maldição à procura do Oriente. *Não é para aí* o Oriente. *É, é*. Estará o mundo ao contrário? perguntamo-nos. *É, é*.

(447) E então de súbito os cavaleiros da peste. *São velozes e metálicos* (...).

(448) (...) Porque a esperança *é tanto maior quanto menor* a razão dela.

(449) Mas tenho outra história para te contar, (...) que se calhar ainda *é mais terrível do que* as que te contei.

p.143

(450) *É a história* da muda, vê então se ouves.

- (451) (...) Mas a muda não falava, porque *era muda* e só dizia pu pu e nhá nhá e fazia gestos a explicar.
- (452) (...) *Era um sorriso belo e terrível*. E apanhava-lhe todo o rosto e formava uma auréola à volta *e era assim*, como dizer-te? *era assim como o sinal* da sua divindade.
- (453) (...) *Era a sua forma* mais à mão de não ter medo.
- (454) (...) Nunca *foste* muito *dada* à piedade, que tem sempre a ver com deficiência muscular (...).
- (455) (...) Se eu consegui passar-te para dentro da minha sensibilidade que *é onde* todas as coisas *são reais*.

p.144

- (456) (...) *não é essa. É a Pilar* que *é espanhola e foi casada* com o meu primo.
- (457) (...) *E era preciso pensar* que bandidos do lado de cá, coitados dos republicanos, para não pensarmos coitados dos fascistas. (...) Estou de repente a lembrar-me daquele fascista *que foi enrolado* em cordas e *enfiado* na boca de um canhão como um cigarro numa boquilha e deixado para ali a apodrecer dias e dias. (...) ...e os governamentais só daí a uma semana ou mais *é que* dispararam o canhão.
- (458) (...) O direito de cada lado porque *é que era direito* em face do outro? E em qual dos dois está incluído o direito à barbaridade? *É um terceiro direito* que ninguém sabe (...).

p.145

- (459) (...) Não tenho ainda uma ideia para a tese, tenho *é* uma vontade bruta de reflectir. Nós *somos muito crianças* até muito tarde (...) a gente só muito tarde *é que* faz ideia da quantidade de coisas que engoliu sem mastigar. Uma voracidade assim, a gente engolia tudo, as coisas *não eram para pensar*, mastigar, *eram só para engolir*.

(460) (...) *Ser criança é ter* muitos deuses à volta (...). Tudo quanto me ensinaram *era indiscutível como haver coisas*. (...) *era o mesmo* que discutirmos a tabuada.

(461) (...) Mas *não é isso*, não há aí nenhuma imposição. A imposição *é nossa, é do mau fabrico do homem*. Nós levamos imenso tempo a perguntar porquê. (...) A gente aceita as coisas sem as pensar, *deve ser* a defesa instintiva da espécie e da paz social. (...) A gente aceita tudo como aceita as pedras e as moscas, o mais que pode *é sacudi-las* mas não as discute. As leis aceitam-se, o mais que se pode *é transgredi-las* (...).

p.146

(462) (...) O respeito habituado *é que* cria o respeito, não a coisa respeitável que a gente pode deixar de respeitar.

(463) (...) Conheci um tipo que *deixou de ser crente* mas continuou a rezar ave-marias ao deitar.

(464) (...) Bom, não me lembro, mas *é o mesmo*. Ah, já sei, *era por causa* do Monocular. *É uma estupidez* dizer-se que o *magister dixit* e o *ipsis verbis* – *não é verdade*. Pensar o porquê das coisas *é ser quase tarado*.

(465) (...) Conheço tipos que se casam e não largam o choco paterno porque mete muita chatice. *Não é só uma questão* de bago para o bife e o tabaco, *é também o das leis* em que encostem a preguiça.

(466) (...) Morava em Montarroio, *era uma tarde de verão*, havia pelo menos calor no fresco das janelas abertas.

p.147

(467) (...) Lembro-me exactamente do que comi, mas não sei *o que foi*. O Monocular *era um tipo de físico militarizado e nas ideias, muito rígido perpendicular, articulado com precisão*. (...)...*e era como se comesse cimento armado*.

- (468) (...) Apetecia-me agora parar um pouco de te escrever, tenho a lembrança tão comprimida. Não pelo que aconteceu mas pelo que aconteceu depois disso e que **não foi nada**.
- (469) (...) Mas eu não quero que te comovas, **era só** para explicar.
- (470) (...) **São coisas súbito imóveis**, resplandecem como a estrela dos reis magos. (...) **Não é**, quero dizer, **não é bem**. Porque **podem ser coisas** do passado ou de qualquer tempo. Ou de tempo nenhum, que **é o tempo** de todas elas. O importante **é que** brilhem e façam companhia como uma candeia. No inverno da aldeia **era assim**, todos à volta da braseira e um candeeiro a vigiar o sono geral. **São imagens imóveis** (...).

p.148

- (471) (...) O fulgor, a eternidade portátil e caseira, não tenho mais nada **para ir sendo humano** com um furo acima da minhoca.
- (472) (...) O passadismo. Mas tu pensas **que sou parvo? que sou optimista e futurista como os políticos profissionais?** (...)
- (473) Mas **é estupendo**, disse ele, **não sei é se**, disse eu, qual não sabe? disse ele, mas para mim **seria a única matéria** que, disse eu, vamos conversar um pouco no escritório (...). Entrámos no escritório, **era amplo**, todo à volta envidraçado de saber.

p.149

- (474) (...)... é cedo ainda ...
- (475) – Está lá fora um senhor que pede muita desculpa mas diz que o homem **é no geral um grande filho da puta**. (...) e o homem entrou. **Era um tipo de olhar selvagem**, um arcaz de peito de ferreiro ou ferrador. (...) O homem **é uma besta**, (...) **É um tigre**, um. (...) Todo o direito **é uma violência, não percebo como é que** os senhores não percebem. E **foi quando** a Gervásia veio outra vez à porta a dizer que

– Está lá fora um senhor a dizer para este senhor que puta *era a mãe dele*.

p.150

(476) Mas daí a pouco, outros e outros, manda entrar, a sala *era ampla*, iam chegando, ...(...).

(477) (...) Havia uma ideia mais batida, o tipo primeiro insistia que o homem *é um estupor*, rédea curta e chicote para haver paz social. E o outro dizia que estupidez. O homem *é bom* de sua natureza, deixem-no dizer como *é que* quer. (...) Não há razão nenhuma, isso *é uma vigarice*, a mania da razão, que razão? O universo não tem razão, o universo *é estúpido*.

(478) (...) O costume *era atirar* do Taígeto abaixo as crianças com defeitos de fabrico, e o casamento (...).

(479) (...) *se* a lei *fosse* agora *cum manu*, eu podia matar-te, esfolar-te e pôr-te talvez pendurada à porta de um talho antropofágico.

(480) (...) E o senhor bispo de Leontópolis com o seu sorriso eclesiástico disse que *era uma distinção do demónio e dos hereges*, a moral e a Igreja e o direito *eram como a Santíssima Trindade e um só Deus*, o grave erro *fora matar* (...)

p.151

(481) (...) um corpo vivo para o dissecar e a voz do povo *é a anarquia* e a voz da anarquia *é o garrote do poder absoluto*.

(482) (...) Mas os senhores dizem, quem *foi* que disse? que o direito natural existe, que há princípios eternos e intocáveis de justiça, que laracha para atrasados mentais! (...)...uma frase de Trasímaco «afirmo que a justiça *não é senão* o que convém aos mais fortes». E nesta altura, *era um tipo magro alto seco* mas não usava monóculo (...).

- (483) (...) Mas **é o único problema, a única solução** (...) a forma única lúcida de entender todo o problema, estado, direito, poder, administração, como **é que** os senhores podem distingui-los? (...) isto **é tão evidente**, como **é que**?
- (484) – Está lá fora um senhor com uma carga às costas, diz que **são as XII tábuas**
- (485) **Tudo é poder e direito** desde o código de Hamurabi (...) como diabo **é que** os senhores podem discutir o direito de quem o tem já nas unhas? Como **é que** se pode discutir o direito em qualquer época do passado ou o direito do que **foi direito**? O poder real **é um facto como as pedras e os cães**. (...) Mas aqui levantou-se uma algazarra e eu mal ouvi porque **eram muitos decibéis** para os meus ouvidos (...).

p.152

- (486) (...) O novo direito que conseguirem **é a moral e a justiça e a administração** para a pôr a funcionar. O estado **sou eu** e esta **é a palavra final**, o direito **é o código mais a polícia**, o direito **é a estupidez mais a razão** para o não parecer, o direito **é a toga ou o gibão ou a casaca e a beleza descoberta no talhe de qualquer albarda**, o direito **é a verdade** do erro que se segue (...).
- (487) (...)...eu nunca vi um gordalhufo de monóculo, **a não ser talvez** para parecer mais magro.
- (488) E **era já noite fechada** quando saí e a cidade brilhava agora no escuro como no velório de um mundo.
- (489) (...) Preciso de alijar a carga que me pesa na minha responsabilidade **de ser humano**. (responsabilidade de ser humano., p. 153)

p.153

- (490) (...) Porque o problema **é este** – que **é que**? Mas o que pesa em mim **é esta hora de abandono** em que a criança que vive em nós, mas creio que já to disse, em que a criança que dura em nós faz beicinho porque o mundo **é de mais** e

nada o traz à nossa medida. O problema *é outro e talvez mais adulto* – que *é que eu fui em responsabilidade própria* para dar contas à morte?

(491) (...) Enchi a minha vida com um destino de polícia, que *é um prostituto* pago pela lei *que é*. Que *fui eu* no instável e provisório?

(492) (...) Deve haver uma lei inscrita no eterno, a cumprir no infinito, que *é onde* se fazem todas as contas.

(493) (...) Mas a minha vista *é curta* (...) *sou uma coisa inútil vil*, a minha vida *foi um ludíbrio* como essas mentiras com que se enganam as crianças para acabarem com a chatice do choro. (...)

(494) (...) Queria pensar que entro nas contas do deve e haver a saldar no ininteligível, *não sou capaz*.

p.154

(495) Na interrogação intensa *sobre o sentido do que fui*.

(496) (...)... – servo de um senhor mais inexistente que Deus que de todo o modo *é mais real* nos catecismos. (...) E estou farto de me complicar no que *é mais simples do que eu*. (...)...*vou ser simples* agora. Vou-te falar do que há de mais simples *em ser humano*. E de repente, mas *deve ter sido do banho* (...) ... não sei *se vou ser capaz*. *Foi a Antónia*, não sei.

(497) (...) O Salus *é Salustiano* sem revolução.

p.155

(498) Meu amor – que amor? *Não és tu. És, és. Não és*. (...) Na realidade há o que existe (...). E há o que nos existe (...).

(499) (...) Um corpo *é tão misterioso* e o nosso mistério com ele. (...) Ama-se um corpo como instrumento de amar, como forma de onanismo de que o trabalho *é dele*. (...) ter o que aí se procura e que *é o que lá está*, mas não o que está atrás disso e *é justamente o que se procura* e se não sabe *o que é* nem jamais poderemos atingir.

p.156

- (500) (...) Um corpo de mulher. *É isso, é isso*, minha querida. O teu corpo. (...) Devo tê-lo tido na variada forma de to conhecer, *que é a forma humana* de to esquecer. (...) mas *não é bem isso*.
- (501) (...) E porque *é que* não sei?
- (502) (...) Vou pôr na rua da lembrança tudo o que *não for a tua nudez*, a amargura vexame sofrimento. Mesmo as alegrias que *não são para aqui*.
- (503) (...) Tiveste sempre uma alegria exterior excessiva (...) da que *era uma tua forma de existires* em ginástica, da que *era como se não fosse tua* como o riso de uma anedota. (fosse tua como o riso de uma anedota, p.157)

p.157

- (504) (...) Vou deitar-te na eternidade, que *é esse o teu lugar, é esse, é esse*.
- (505) (...) *Deus* não sente prazer nem movimento progressivo até ao prazer, coitado, *é tão infeliz*.
- (506) (...) Vou-te amar como um homem desde que os há, (...) e como um suplemento que *é só meu*.
- (507) (...) Mas há um sorriso em qualquer parte do teu corpo, *é o sorriso de existires*.

p.158

- (508) (...) *É uma vertigem de limpidez*, frescura vitalidade virgem, a tua pele. *É aéreo*, perdeu a densidade e todavia pesa denso para fertilizar o mundo, o teu corpo.
- (509) (...) Curto rápido na mobilidade de rapaz que *desististe de ser*. E a face. (...) *É linda*. (...) *É linda*, tenho medo de a tocar. Um dedo leve num lábio breve, tu estás tão longe da minha possibilidade humana (...).
- (510) (...) Perfeita inteira. Nenhuma linha se desvia pelo caminho da imperfeição. *É a perfeição do embalo*, a curva de um berço – e os seios.

(511) (...) Sem tempo agora, forma absoluta de uma geometria, que *é a essência do incorruptível. Há um modo de o corpo ser, eles são esse modo.*

p.159

(512) ...um destino, que estupidez querer explicar *o ser*. Ou o azul. Ou uma cor que não existe e *é a tua*.

(513) (...) O tacto. (...) Sentido bruto, minha querida, *uma certa maneira grossa de se ser*.

(514) (...) Quero agora *é* ter-te na tua densidade exemplar. (...) Refreio o ímpeto, quero entrar com a consciência difícil do que procuro, o impossível *do teu ser*.

(515) (...) Mónica, minha querida. Minha doença insuportável. Porque o teu corpo *não é só o teu corpo. Não é isso, não é isso. É entrar* em ti, e a tua pessoa estar lá, *seres tu ainda* no íntimo de te tocar e estares aí como no teu riso, na tua presença. *Seres tu ainda* quase reconhecível como se não soubesse que *eras tu* e entrar em ti e reconhecer-te *como se aí fosses reconhecível*.

p.160

(516) (...) *Seres por dentro única* como nas impressões digitais. Saber que *és tu*, mesmo *sendo cego e surdo*. (...) Tocar o intransmissível de ti, reconhecer que *és tu*, inconfundível, no igual do teu íntimo ao de toda a mulher. Porque tu *és tão diferente*. (...) E sentir que isso tudo *é lá também esse tudo*.

(517) (...) A ânsia, a vertigem. Como *é extraordinário* que o sentir mais intenso não se saiba dizer.

(518) (...)...corroídos ambos de uma dor horrível até ao estrume de nós, à abjecção, destruição em farrapos do que *é ainda em nós um corpo...*

p.161

(519) (...)...a raiva horrorosa de quanto em nós *é animal* desde a animalidade da selva, do escuro das cavernas e o rebentamento final de uma agonia até ao vazio do incompreensível e da morte.

(520) Até que, *era um murmúrio* incerto, ciciado sibilado. Tinha a minha face no teu ombro, ouvia o teu segredar no meu ouvido, mas *não era no meu ouvido*. Soergui-me rápido, olhei a tua face. *Era uma face* séria grave, moldada numa memória de estátua, os olhos cerrados em beatitude.

(521) (...) Cerrada em ti, *bzzmdvptzz*, *eram sons apenas* e bruscamente entendi. *Eram sons apenas*, mas só para o exterior, para o interior *eram palavras*...

p.162

(522) – Mónica! *Ainda não é tempo de rezares!* (...) *Sou eu que estou aqui!*

(523) (...)...*sou eu ainda!* estamos vivos! (...) *Não é ainda a hora* e jamais a saberei.

(524) (...) *São os versos do André*, mas como os soubeste? Estás morta.

p.163

(525) (...) E ouço na rádio um concerto para oboé que *é bom ouvir* aqui, enquanto estou lá dentro.

(526) (...) Quarto partilhado, só no hospital, porque a miséria *é igualitária*. Ou na tropa, *quando se não é ainda um indivíduo*. Mas o concerto. *Não é o de Mozart KV 314* (...). *É de um Johan* não sei quê. Mas *como é belo*.

(527) (...)...a Márcia um dia perguntou-me *quem sou eu?* e tu disseste não sei, *é uma menina*, e a Márcia fitou-me fulminada *como se para eu ser testemunha* (...).

(528) (...) E *é então* que o teu nome ressoa dentro do oboé. (...) Depois abranda, *deve ser quando* se sente já instalada e indiscutível (...).

p.164

- (529) (...) *É a sala da secção C, que é a minha.* Há a B, *que é a dos bebés de 90,* sujam-se muito a comer a papa e a descomê-la. E riem e *são felizes e espontâneos e inocentes como a caca.* E há a A ... (...). *É a dos falsos internados* como há falsos médicos ou advogados que todavia, a esses, metem-nos na cadeia se os apanham. *São tipos* que nem cá nem lá, *ou seja,* cá e lá.
- (530) (...) A minha secção *é a mais interessante.* Cada qual tem o seu lugar fixo *e não é preciso* lembrar-lho. Cada qual sabe muito bem *qual é* (...).

p.165

- (531) (...) Depositaram-nos aqui como se depositam economias num banco, *a diferença é* que de vez em quando vai-se lá levantar dinheiro, aqui vem-se pôr.
- (532) (...) *É uma mulher* com uma disciplina que dá para a casa toda, *deve ter sido tropa* noutra encarnação. (...) ...a vida tem sempre reservas de imaginação quando a necessidade *é muita.* Li uma vez uma história de esquimós, *é muito gira.* (...) *São um povo evoluído,* os esquimós. Têm a genialidade do que *é simples,* que *é o mais complicado.* Creio que há outros povos que liquidam logo o empecilho para mais depressa, *são ainda mais geniais.* Nós *somos menos evoluídos,* de processos mais atrasados.
- (533) (...) Na aldeia, por exemplo, *é um inferno* (...).

p.166

- (534) (...) E o Teo quando aparece *é só para* – mas depois te conto. (...). Do André nem sei *se é vivo ou morto* (...).
- (535) (...) Há uma mulher muito viva, chama-se Albertina, talvez conheças, *foi corista e mesmo actriz,* ela faz questão em repetir. Pergunto-lhe como veio até aqui, ela conta. Havia um merceiro vizinho (...). Mas *era muito mau na cama.* Fazia os seus preparativos, *é claro,* (...). Mas tinha um irmão, oh, *isso era um homem como nunca há-de haver outro. Eram beijos devagar, era muito lento,* sempre, beijos devagar desde as pernas e depois, mesmo onde se não esperava (...).

p.167

- (536) (...)... e aí então atirava com ele para os infernos com ódio, olhe que *era com ódio* (...) eu tinha pena ou não sei *o que era* (...).
- (537) (...) Mas ao lado da Albertina ficava a senhora Clotilde, *passava os dias a rezar o rosário que como deves saber é três vezes maior que o terço e é por isso* que se chama terço ao terço. E um dia, *ela é surda*, um dia percebeu a minha conversa com a Albertina (...).
- Se isso *são conversas para aqui*.
- E para onde *é que haviam de ser?*
- (538) (...) Mas agora ouço na rádio – que música? espera, *é uma música de bailado* (...).

p.168

- (539) (...) Praia das Maças, suponho, *deve ser sábado ou domingo* (...). E *é verão ou assim*, está-se bem na esplanada (...). Deixamos o carro na rampa, há lugar, *será já outono talvez*.
- (540) (...) Talvez depois de te inventar à imaginação, porque *é uma pena* desperdiçar este sol de alegria numa esplanada sobre o mar. (...) Agora ajudo-te a sair do carro, *é difícil*. (...) E eu penso como *é prodigioso* mover um simples dedo, como a facilidade *é difícilima*.
- (541) (...)...vês como *és capaz? são só três degraus* e por fim os pés arrastados até à mesa da esplanada.
- (542) (...) Deixa-me estar um pouco sem tempo, que *é a verdade do azul do mar*. (...) Vou respirar fundo, que *é o que sempre apetece* diante do mar para inspirarmos o universo com a inspiração.

p.169

- (543) (...) ... há quantos anos deixaste de usar franja? *São dois bandós de cabelo* apartados para o lado com um risco ao meio. (...) *És capaz de pesar o mesmo ou*

até menos. (...) E o teu olhar, querida, *é estranho*, estou agora a reparar bem. *Não é* digamos *um olhar ausente*, perdido no mundo que vais perdendo, mas cerrado intenso concentrado.

(544) – Uma sardinhada com vinho branco fresco, tu que achas? Não. Um arroz de marisco talvez, *é-te mais fácil* comê-lo. (...) e eu tive de te meter a colher na mão e dar-te o balanço para começares, com o garfo *era mais difícil*.

p.170

(545) – Querida. Não te vou tirar o prato. *É só para te ajudar*.

(546) (...) Havia gente a tomar banho, pouca. *Não era a tomar banho*, digamos a brincar com a água. (...) A princípio olhavam para nós com intensidade, *era piedade e surpresa* para nos excluïrem. Depois excluïram-nos e ficámos sós. Acabei de comer e que *é que* havia de pedir mais? *foste sempre tão gulosa*, pedi doce.

p.171

(547) – Eu te baptizo em nome da Terra, dos astros e da perfeição.

(...) E havia sol *no teu ser mortal*. (...) E a eternidade existia. (...) O céu *era muito azul* e víamo-lo por cima.

p.172

(548) (...) Não vejo agora lá ninguém, *para* todo o espaço *ser nosso*.

(549) (...) Mas já agora que estamos aqui, lavados purificados, podias talvez contar-me de uma vez para sempre *que história é essa* com o teu colega de ginástica (...) para eu entender. *Seria talvez a forma de te perdoar*. (...) Quando um réu me confessa e *explica como foi*, para confessar mais, há logo na lei uma atenuante. (...) *Porque explicar*, minha querida, *é destruir* o lado terrorista do desconhecido. As religiões *são terríveis* porque não explicam.

p.173

(550) (...) Porque houve mais conversa, eu **é que** não vou massacrar-te com acessórios (...).

(551) (...) Quem me contou a história dela (...) **foi a D. Felicidade**. (...) Aqui há uns anos entrou a Clotilde com a família toda em caravana, **era como se a levassem ao noivo**, digo eu. (...)

– **Não é costume** – disse-me D. Felicidade. – Uma pessoa ou duas **é que é o normal**.

(552) Porque as desgraças **não são para se verem**, como sabes, e **é por isso** que existem as casas de banho. (...) Ando numa excitação nervosa terrível, depressão, suponho, o médico receitou-me vários medicamentos, **não sei se é disso**.

p.174

(553) (...) Aliás, **não foi só o problema em si** que me fez demorar. **Foi que ao passar**, no regresso, à porta da sala de recepção, que sarrabulhada (...).

(554) (...) E assim que me viu, desembestou contra mim – este senhor, por exemplo, que anda ele cá a fazer com a meia perna e a calça dobrada para cima, que **é uma coisa ridícula**? Que **é que** a sociedade tem que sustentar esta população parasita? **É um louco**, pensei.

(555) – Porque o problema **é este**, minha cara senhora, em cada dois portugueses um tem de trabalhar para o sustento dos dois e amanhã, em cada três, **é um** que tem de trabalhar para o sustento de todos. Há um problema grave hoje que **é o excedente dos velhos**, a senhora conhece outro?

p.175

(556) (...) Velhos e velhos, imundície, dejectos do homem, restos atirados para fora do alcance **de serem gente**. Tortos, taralhucos, um cheiro insuportável excrementício, amontoavam-se uns nos outros a ouvir. E sorriam sempre, cheios de atenção e doçura.

(557) (...) A luxúria, o egoísmo, o salve-se quem puder, **é o pecado** do nosso tempo (...)

(558) – **E são precisos** três para se avançar um.

(559) – Eu lhe anuncio, minha cara senhora, eu anuncio ao mundo que o país um dia **vai ser um grande asilo** de parasitas.

p.176

(560) (...) Agora esses velhos que para aí estão, porque **é que** não morrem, hem? Porque **é que** essa velha que para aí tenho não rebenta de uma vez? Porque **é que** não cumpre o seu dever de mortal? Ela **já nem é minha sogra**, que a minha mulher já morreu. (...) E têm razão, a velha **é que é teimosa** e não há raio que a rache. (...) **É um problema** que me ultrapassa, meu caro senhor. O meu problema **é este** – está aí essa velha inútil e não há modo de rebentar. E a D. Felicidade então disse, quando o homem enfim se calou

– Rebentou hoje. **Eram seis da manhã**. (...)

(...) Agora **é entender-se com uma agência funerária** que tome conta do assunto (...)

(561) (...) Falava-te da mulher que cumpre vários rosários por dia, **é um rosário de bagas grossas** que lhe chega ao chão.

p.177

(562) (...) E ia dizer-te que poucas vezes vêm visitá-la – mas não sei, **não devia ser isso**, que **é coisa sem novidade para ser coisa de ser**. Mas também não sei **o que seria**. Sei apenas que me veio uma vontade imensa de te amar. De te amar no impossível, que **é onde** vale a pena todo o possível. De te amar onde **não seja real**. No absoluto. Onde não há miséria e degradação e abandono e maus cheiros. (...) Nem morte.

p.179

- (563) Mas a história do desempate com os filhos (...). Tu dirias que *foi com o André.*, naturalmente. *Seria?* ponho-me a reflectir. (...) Se fiz aumentar a demografia *foi lá, foi no planeta.* Mas eu pensava noutra coisa, Mónica. Pensava em aumentar a humanidade *sem ser na quantidade* dela. *Sem ser no acrescentamento* da espécie. *É-se mais um homem* com quê? (...) Em que *é que fui acrescento* da humanidade no meu corpo já fraccionado?
- (564) (...) Vou ver *quem é*, depois continuaremos a conversa. (...) *É o Salus* da revolução. (...) Falámos na altura, *é claro* (...).

p.180

- (565) (...) E *é com essas* que se faz a História. Porque a História, minha querida, faz-se sempre com os intervalos do que se faz e onde não está ninguém.
- (566) (...) Fui ver. *É ele.*
- (567) (...) Sobre a Antónia, aliás, tenho uma coisa difícil a contar-te. *Foi só uma vez.* Mas tenho. Ia-te pois eu a dizer – em que *é que fui acrescento da humanidade?* Ou os filhos? O André *é que* realmente. Não por ter desempatado, como dizia o pregador, mas por se ter multiplicado no seu modo de não estar nunca no mesmo sítio. Ele *é muitos, sendo um*, e não chega a ocupar espaço nem a fazer peso. (...)
- (568) (...) Não sei se tu te entreténs aí na cova a divagar um pouco sobre o que aconteceu. Eu sim. *É um modo* de viver em duplicado, vivo a cópia mesmo já um pouco apagada *do que foi.* *É um modo* de o meu vazio estar cheio de outro vazio, mas menos, e com propriedades de enchimento.

p.181

- (569) (...) Pus-me a pensar nos filhos, no seu percurso de gente. E *não é que* não lembro quase nada? Mas *é assim* com tudo na vida.
- (570) (...) Quem *é que* vem fazer-nos a selecção? O homem *é um ser tão improvável.* Há um modo incompreensível *de a gente ir sendo* e há o incompreensível de as coisas pertencerem ou não a esse modo. (...) locais e

horas *em que se foi* vivo não se sabe porquê – quem *é que* nos organiza este mapa esfarrapado?

(571) (...) Tinha falhas, naturalmente, mas metias roldanas *que não eram de lá*, a ver se tudo trabalhava.

p.182

(572) (...) Porque o amor *não é analítico*, querida.

(573) (...) Dizer da tua obsessão de entender no que eu fazia, porque *é que*, como *é que*, para que *é que*. (...) De querer saber porque *é que* a vizinha sai à noite com frio. Ou que doença *é a da porteira* que vai às vezes ao hospital. Ou os actos mínimos dos filhos (...). Porque *é assim* – o teu interrogatório sobre mim, querida, *é que* me levava a considerar a sério a hipótese do teu colega patarata.

(574) Há uma lei, deve haver, deve vir nos livros ou *é de a lá pôr*. A lei *é assim*: quanto mais a mulher adorna o homem, *mais ciumenta é com ele*. *Não é isso* para disfarçar, *é para acrescentar* o seu benefício. *É como o ricaço*.

(575) (...) E eu perguntava quem *é que* vem pregar-nos na memória o que lá está? Quem *é que* selecciona por nós *o que há-de ser para nós*?

(576) (...) Lembraste do costume do Teo em pôr um lenço na mão para o encosto do queixo? Um dia perguntei-lhe porque *é que*, ou *foste tu que perguntaste* e ele disse: sei lá.

p.183

(577) (...) O meu tio Humberto fazia o mesmo e eu perguntei *quem era o tio Humberto* e ela disse *que era um tio velho*, meu segundo tio ou tio-avô que eu já não conhecera (...).

(578) (...) Que *é que* sei? *Mas a infância dos filhos é o que menos nos pertence*, quando depois de crescidos. Porque enquanto crianças a infância deles *é só nossa* e depois de crescidos *é só deles* e destroem-na e nós perdemos o direito a recuperá-la. *É como guardar-lhes o primeiro dente* que depois se deita no lixo.

Não tenho a infância dos filhos, tenho só a sua idade adulta, que *é a única* que nos concedem.

- (579) A da Márcia *é a que tem menos interesse*, às vezes penso. *É uma rapariga prática decidida*, não deve ter sistema simpático. (...) Agora está ali, *é aqui perto*. Atende os clientes ao balcão, está bonita e *é muito funcional*. Tinha o cabelo castanho, que *é uma rampa de lançamento* para um louro plausível. (...) *Em todo o caso é uma beleza* um pouco de manequim, essa beleza que numa mulher *é mais para ver que para usar*. Ela, aliás, não sei se ainda cá estavas, *quis* um dia *ser manequim*.

p.184

- (580) (...) ... passa por cá e diz-me como *é que* estás?
(581) (...) ... eu nem sei *se é marido* e não me lembra o nome, (...).
(582) (...) Mas que *é que* me lembra dela? Muito pouco. Houve a saída de casa aos dezassete anos com um tipo que *era bailarino*.
(583) (...) E quanto à história da Camila, a ver se te conto *como foi*. Lembro-me de repente *é* de quando morávamos em S. Pedro de Alcântara.

p.185

- (584) (...) *Eram ruídos* que se não sabia se vinham de cima ou de baixo, porque de todos os lados *se podia ser comunitário*. (...) E havia o choro das crianças que não tinha horário nenhum. Mas ao sábado, sobretudo. *Era um casal jovem*, tinham duas crianças.
(585) – Estes prédios novos – tu dizias. – Tudo a ambição da ganhuça. *E era fácil* porem-lhes isoladores.
(586) Os ruídos do amor, por exemplo (...). Por isso, quando *era a nossa vez*
– Não faças barulho!
(587) (...) Que pontualidade. Nós temos um relógio interior, não sei se sabes. Temos. *É o do tempo da vida*, tempo cósmico, passa por todo *o ser vivo*. *É o tempo da ordem do universo*. (o tempo da ordem do universo., p. 186)

p.186

- (588) (...) ***Era um cachoar de líquido*** caindo grosso e como se empoçasse.
- (589) (...) Às vezes via-a na rua. Tinha o seu ar recolhido de beata, o sorriso em dose mínima de aperitivo celeste. E eu pensava – ***és tu.*** (...) ***És tu.*** E ***era às oito,*** talvez hora de missa no Loreto.
- (590) (...) Só há um para quê quando a coisa ***é muito a sério,*** não em estar aqui na conversa, simples forma de estar contigo e mesmo de te amar.
- (591) (...) ***É uma rapariga*** sem interesses ou de interesses que ***são um pouco do meu analfabetismo.*** (...) ***É boa rapariga.*** A nossa filha. O que ela não tem talvez ***é uma tabela*** do que se chama moral para aderir. (...) Depois ***é só conferir.*** (...) Nunca discuti com ela – e que ***é que*** lhe iria dizer? (ela – e que é que lhe iria dizer? p. 187)

p.187

- (592) (...) e todos precisámos de alargar o nosso território. O nosso e o de cada um. Porque ***é vários o de cada um,*** consoante a idade e o impulso ***que é seu.*** Quando eu ***era estudante*** o meu espaço ***era o da rua*** porque o do quarto só chegava enquanto estava a dormir. E há o espaço do nosso impulso, querida, do nosso horizonte ***quando puder ser.***
- (593) (...) Na velhice ***é quase assim,*** o impulso ***é o de uma sala de estar.***
- (594) (...) Nós temos em nós um regulador ***da maneira de sermos e da intensidade dessa maneira*** (...).
- (595) (...) Mas eu falava-te da Márcia, minha querida. ***É uma rapariga prática decidida.*** Ora ***não se é prático*** sem a astúcia, que ***é a inteligência*** dessa prática. (...) ***Foi a primeira e era uma menina,*** tive. E amo-a ainda, não bem talvez a ela mas à memória dela que ficou e ***é onde*** tudo acontece para nos pertencer (...).
- (596) (...) Mas tudo se passa no eterno, que ***é o lugar da memória*** (...). (se passa no eterno, que é o lugar da memória (...)., p.188)

p.188

- (597) – Tens de estar onde te tratem, se te acontece alguma coisa, como *é que vai ser?* (...)
- (598) - Agora com a perna assim, como *é que*
(...)
- (599) *A não ser que* viéssemos todos para aqui, *somos sete*, fora a empregada, na casa onde estamos vivemos numa molhada. (...) Não queria que eu pensasse que o seu interesse me parecesse um roubo *ao que era meu*.
- (600) (...) - *A não ser que* a Camila te faça falta para outras coisas.
(...) A Camila deve ter ouvido ou ouviu-o dentro de si, que *é onde* fala a voz de Deus.
- (601) – Camila. Quem manda em minha casa *ainda sou eu*.

p.189

- (602) (... e a gente pen-, p.189) (...) e a gente pensava que *era a voz dela*. Mas *não era*. Ela *era dura resistente como certos atletas* que vestidos parecem frágeis mas despidos estão cheios de musculatura.
- (603) (...) E ela *aproveitou* logo *para ser amável* e sugerir-me a sua protecção e de toda a sua família cigana a inundar-me a casa com a sua humanidade, na fase mais categórica que *é a do berro da desordem*.
- (604) (...) O destino *é o meu corpo, é mesmo onde ele se sente mais à vontade*. (...) o destino *sou eu*. (...) O destino *sou eu*. E isto dá-nos uma certa importância divina porque, como deves saber, o destino *é divino*. (...) Mas se a coisa *é de corpo*, o destino *é dele*, precisava tanto de chorar.

p.190

- (605) – *Hoc est enim corpus meum*. (“este *é o meu corpo*”, lat.)
- (606) E agora gostava *era* de te falar do Teo (...).

(607) (...) Vejo-o cá de cima do coro – humilhar-me na minha condição podre, mas tu *és capaz* de te comover, mesmo que não tenhas pena nenhuma. *És capaz* sobretudo de me pôr a mão possessiva na cabeça com o gosto insuportável da protecção, que fica a uma distância infinita de um homem.

(608) (...) Humilhar-me na minha podridão tão visível para o que em mim não apodrece. Que *é* o que *é mais duro*, minha querida. (...) eu *a ser orgulhoso* de altivez e ele *a ser um tipo ordinaríssimo*, cheio de imundície e de baixaza. E *ser eu* ao mesmo tempo *o imundo e baixo e não sê-lo*.

p.191

(609) (...) A coisa *era insuportável* e que *é que* eu havia de dizer ao médico?

(610) (...) nós tivemos filhos bonitos, Mónica. Mas o que há de bonito neles *não é um acrescento exterior, é uma coisa* que vem de dentro e aparece depois por fora. Mesmo a Márcia, a beleza vem-lhe de dentro e compõe-lhe as acções que *não são belas, e não é fácil* assim irritar-me com ela. *São acções* com a sua finura, *estilizadas, não são brutas* com a brutalidade que têm. (...) Sublimou-as em estilo, *talvez fosse de se dizer. Foi natural* de outra maneira para cima da minha maneira arqueológica e estetizou-a como se muda de estética nas artes e nas letras.

p.192

(611) – Teo. Não gosto de te ver assim.

Era distinto, antes, na sua batina de alto a baixo que o retirava da circulação do pecado.

(612) O Teo cortou com o circuito familiar, ele explica, o seu círculo *é muito mais largo*, a família, sem dúvida, mas a família *é uma pequena mancha sentimental* e que *é que* se faz com o sentimento?

(613) – Mesmo Cristo: *quem é a minha mãe e os meus irmãos?*

p.193

(614) – Ó Culátio! Ó Culátio!

Que estranho. *Seria nome de gente?* (...)

(615) (...) Estava lá um velho de barba por fazer, remoía infundavelmente a boca desdentada *como se fosse uma pastilha elástica*.

(616) Teo *era médico* e eu esquecia-me. Tinha a dupla defesa de médico e de padre contra o que *era pessoal* em mim, a minha singularidade, *o meu número de ser humano*.

E de repente vi-o na Sé quando *foi ordenado* padre ou diácono, já não sei. *Era ele e mais dois*, mas só um dos três *era padre de «carreira»*, com uma privação do mundo desde a infância. (...) Mas a alvura deles *não era humilde*, transfigurava-os em glória de martírio (...).

(617) Numa apoteose, de qualquer modo em qualquer coisa que *é de uma outra ordem de ser* (...). (é de uma outra ordem de ser (...), p. 194)

p.194

(618) (...) Márcia insultava-o, *deviam ser os restos do amor incestuoso e retraído* em repulsa de todos os irmãos – toda essa palhaçada de padre, de ministro de Deus e não sei quê, tudo isso *é imbecil*. (...) dispensava o que não estava nas palavras *para serem objectivas*, fora ela. (...) Nunca mais falaram sobre o caso (...) e agora se calha encontrarem-se falam por cima do silêncio e dizem muitas coisas *e deixaram* enfim *de ser irmãos* (...).

(619) (...) E o coral dos padres *era incomodativo*. *Foi quando* te vi no espaço da Sé, rodavas à volta e no ar. *Não era talvez o teu exercício de ginástica, era uma coisa leve e doce que já não era ginástica* mas estava para lá disso e *era uma dança aérea, coisa alada*.

(620) (...) Os padres cantavam aquela música deles que *é do céu e do inferno* (...)

p.195

(621) (...) Os cantos reboavam pelas arcadas da Sé e *era muito doce* ver-te dançar na eternidade. (...) Um canto de triunfo talvez, de quem prevaleceu contra ela,

como o de um mártir, digamos, *que vai ser sacrificado* e antecipa com o canto a vitória sobre os algozes. *Era assim*. Então senti *que estava a ser subornado* e dei um berro que afirmasse a minha força e autonomia.

(622) (...) Eu também não sabia porque *é que* não queria que me perguntasse porquê. (...) Sentia-me bem, a morte tinha a sua *razão de ser*. E o cansaço. E um certo entendimento do limite. Mas nunca se conquista nada de uma vez para sempre. *Nunca se é nada para sempre do que se está sendo*.

p.196

(623) (...) O nosso Teo. Tu nunca gostaste muito dele, *não foi*? Eu digo antes, não no fim. Bom. Quis confortar-me, estava ali para apostolar, *era a sua função*.

– Falei com o doutor Matias, tudo vai correr bem. Agora deves *é* preparar-te para depois.

Era a sua função. Criar normalidade no que *é anormal* para haver aí resignação, um modo de não existirmos para nós (...).

(624) (...) *Era um ódio*, como *é que é*? uma coisa súbita das que se não dá conta de crescerem *para serem depois súbitas* (...).

(625) (...) – estou-me nas tintas para o vosso paleio desprezível, o corpo *é meu*, conquistei-o devagar e com aplicação, vós tendes nojo do corpo, vós quereis o homem mutilado para a vossa doutrina ter aplicação, tendes um desprezo vil por tudo o que *é perfeito*, e como *é que* vos entendeis com um Deus cínico que me fez com duas pernas e agora me empalma uma?

p.197

(626) (...) Esta melancolia absurda, *é uma melancolia* sem dono, a gente agasalha-se nela como um cão no vão de uma porta.

(627) (...) Alguém disse – um corpo. E a sua miséria asco podridão. E uma harmonia de tudo isso *ser verdade no infinito*.

(628) – Como podes? tu que fizeste do pobre Cristo filho do Espírito Santo como outros *são filhos de tristes ervas*.

– Ouve – disse-me ele sem me dizer, e a noite *começava a ser plausível* sobre a tarde, a doença e o seu cheiro que *não é dos remédios*, fezes, suor, mas do tempo e abandono (...)

p.198

(629) (...) *Era filho do carpinteiro* que o fez em Maria. Mas a verdade dele não estava no carpinteiro *e foi por isso* que deixaste de ver o carpinteiro na sua história. (...) Há uma conta em aberto a fechar no infinito, *não é o que pensas?*

(630) (...) Estás a esmoer fora da História, pensei. Longe da acidentalidade fortuita em que o esmoer *não é essencial*. E *foi quando* entrou o Matias e outros dois médicos.

p.199

(631) (...) *são extraordinários* nos seus gestos mudos (...). Uma vez ou outra um dos dois faz perguntas ao Matias sobre a perna que *é minha* (...). Eu estava ali e tinha pressa de que se fossem para ficar a sós com a perna que *era minha*. (...) E eu fiquei enfim a sós com a perna que *era minha* e aconcheguei-a no meu sofrimento.

(632) – E como *é que* tudo começou?

Porque sofro muito. Mas tu sabes, só o animal *é que* sofre apenas no sofrimento. Aí a coisa *foi dura* (...). Mas havia por cima outra coisa e essa coisa *é que* doeu mais (...). Imperfeição, humilhação, não sei. Vexame, coisa *para se ser humano*.

p.200

(633) – E como *é que foi?*

coisa do espírito, abaixo de Deus e acima de cão.

(634) (...) *É um amor muito intenso* e cheio de horror.

(635) – E como *é que* começou?

Olhava a minha perna enquanto *era minha* e tinha uma pena triste. (...) – como *é que* começou?

- (636) (...) Um dia tive *foi* uma nódoa negra na articulação dos dois dedos grandes. (...) *não era*. Mas um dia *foi*. *Era no dedo grande, é polegar? era no dedo maior* do pé esquerdo, negro, querida, *era um dedo estranho*, não o reconheci como meu. (...) Depois os outros dedos em fila, eu ouvia-os dizerem *somos solidários*, (...) *eram solidários*, estavam na mesma morada, a morada *era eu*.
- (637) (...) Até que um dia, *foi na barriga da perna* (...).

p.201

- (638) (...) *Era uma dor horrível* (...). Mas *não era uma dor só dali, era todo o corpo* que estava ali a doer. *Não era só de um sítio*, não a podia isolar.
- (639) (...) Então eu deitava-me um pouco para sofrer ela sozinha e descansar o que *não era de lá* e olhava o pé que já estava todo negro do outro lado de mim. *Era estranho* isso, Mónica. Eu estava todo na gangrena, mas ela *não era minha*. (...) – *não era*. Porque por dentro eu não tinha gangrena nenhuma, e então de quem *era a que tinha por fora?*
- (640) (...) *Era um sofrimento* variável *no seu modo instável de ser*. Desesperado corajoso sereno, *era assim*.
- (641) (...) *Era uma tarde linda e quieta*, digamos como um êxtase, no intervalo do meu sofrer.

p.202

- (642) (...) O meu pudor *era a minha força macha* (...). *Era um corpo sem agressividade masculinidade*, eu, e uma mulher qualquer podia manipulá-lo com indiferença, fora do seu *estatuto de ser*.
- (643) (...) Recordo-me de todo o modo de pensar *és senhor de ti*, dentro de ti, e aí só a morte quando chegar a sua vez.
- (644) (...) *Era uma alegria cheia de divertimento e de justiça demográfica*. E disse vem ver!

— Vem ver o velhote que já deu o pinote!

(645) (...) *Foi quando* fiquei só, em frente do guarda-redes (...).

(646) (...) *Devia ser tudo breve e seco.*

p.203

(647) (...) Porque leva tempo, querida Mónica, a separar-se-nos do corpo o que um dia lhe pertenceu. *Deve ser a lei da união dos seres*, a lei que exige todas as coisas no lugar que lhes pertence. A perna *era minha* por um contrato estabelecido na eternidade, *era difícil* rescindir o contrato estabelecido.

(648) (...) Sentia a perna na sua realidade interior, eu digo que *era a sua alma*. Mas não estava lá a parte de corpo que *era sua*.

(649) – Doutor. Queria ver a minha perna.

(...)

– Ouça. *É uma ideia absurda*. Mesmo a perna *já foi removida* para onde *devia ser*.

p.204

(650) (...) – *é uma ideia mórbida*, uma estupidez. (...) *Era uma coisa repulsiva e ridícula*. (...) *Era minha*, não a reconheci. Negra sangrenta. Feia. E todavia amava-a eu enchia o meu corpo, *era o proprietário* dele todo, mas aquilo estava fora dos limites da minha propriedade. (...) e sentia que *era meu*. (...) mas a minha perna *já não era dessa comunidade*. Estendi a mão, toquei-a fora de mim, *não era*. (...) E absurda na sua inutilidade *de ser perna sem um corpo para andar*. (...) E retirei-a de novo e ela *foi de novo a estranheza e o horror de mim*.

(651) – Repare. *É uma ideia mórbida*, absurda. De resto *já foi removida* para onde *devia ser*.

p.205

(652) (...) *Era uma alegria triste e tive de ser forte* para a aguentar. O velhote que dera o pinote *fora despejado* da cama.

p.207

(653) (...) A causa *depois* do efeito. A minha tese *é esta* (...) – nós trazemos na alma uma bomba e o problema está em alguém fazer lume para a rebentar. Nós escolhemos *ser santos ou heróis ou traidores ou cobardes e assim*. (...) Alguns têm a sorte ou a desgraça de alguém fazer lume *para rebentarem o que são*, ver-se o que estava por baixo do que estava por cima. (...) Às vezes fazem ensaios porque a pressão interior *é muito forte*. (...) Agora pergunto – se escolheram a maldição e alguém faz lume, quem *é culpado* de ela rebentar? Como *é que* um tipo *é culpado* de trazer uma bomba na alma *se foi outro* que a fez explodir?

p.208

(654) E como *é que é culpado* o tipo que fez o lume, *se* a bomba *não era dele*? Qual *é a sequência* da causa/efeito? (...) eu posso perfeitamente dizer que a causa, que *é o lume*, está depois do efeito, que *é a bomba*.

(655) (...) A minha ideia agora *é* que o limite de tudo *é o incognoscível*. (...) A verdade de tudo há-de esclarecer-se no sem-fim. Mas *temos de ser razoáveis* para ir vivendo. Admitamos para já que o culpado *é o que faz lume*.

(656) (...) – porque *é que* hás-de levar a vida sem fazeres o que te apetece? E dizia no fim eu *sou o Salustiano*.

(657) (...) Porque um movimento sem mortos *não é sério*. Um movimento começa numa ideia mas com mortos *é que* acaba e tem razão de existir. (...) O tamanho dela *é o da quantidade de tipos estendidos*. (...) Eu não sei se a mexida teve razão, sei lá bem o que *é que* tem razão.

p.209

(658) (A, p.208) A gente começa a querer saber e só já pára no centro do universo, que se não sabe *onde é*.

(659) – *É um crime* que vais cometer, se condenares o desgraçado

(...)

Se calhar não tem culpa nenhuma, ele *é um parvo*.

Mas alguém tinha de a ter *para a lei ser habitável*.

(660) (...) Não tem medida na alma, não sabe o que *é justo ou injusto*.

(661) (...) E depois, porque *é que* ele *não havia de ser culpado*?

(662) (...) Mas a gente está num sítio da Terra, que *é um planeta* com um certo interesse (...).

(663) (...) E ele *foi culpado* para a frente, que *era onde estava*, e para trás, que *era onde estavam os outros* que ele pôs em movimento. (...) E todo o passado e presente e mesmo o futuro ficaram cheios da sua perversão. E ele *foi o único lugar visível* dela para se arrear e a gente ficar de consciência mais tranquila. E desde que ele *fosse punido* (...).

p.210

(664) (...) E não há mais conversa por agora, porque a Antónia está a chamar-me para o banho. *Prefiro*, aliás, *que seja ela* a dar-mo, mas nem sempre *é*. (...) Uma vez deu-me banho uma jovem, não gostei. *Era jovem* e estava alta na sua juventude, eu cá muito mais abaixo e desgraçado. E a altura *foi ainda maior*, a manobrar-me assim profissionalmente a seco como a um tolinho.

(665) (...) Não entrou ela nem a Micas, nossa criada, que vinha sempre atrapalhar por querer à força dar ajuda *sem ser preciso*. Nem talvez a minha irmã Célia que às vezes também vinha com a sua diferença de idade *para ser* também já *maternal*. (...) uma vez encontrei o filho dela, *foi ele* que me encontrou (...). *Era já um homem* (...) como *é que* ele sabia de mim?

p.211

(666) A minha mãe não entrou, dizia-te eu, e *foi bom* que não entrasse.

- (667) (...) Então não se está mesmo a ver que *é um disparate*, mas eu teimei. (...) – as palavras derradeiras, últimos tiros de retirada, a aparência para a verdade *não ser tanta*, eu não desisti.
- (668) (...) E *não é que o meu corpo começou a existir comigo?* (...) Recomecei a existir com ele (...)

p.212

- (669) Mas eu estava a falar-te do Salus e já nem sei a que propósito. *Era talvez sobre a culpa*, porque ele *foi culpado* do que se calhar nem fez. (...) *Somos todos culpados*, eu um dia disse-te, creio que por causa do José de Barros, *era a piedade* que tinha à mão, queria tanto que tu te perdoasses. *Somos todos culpados*, nenhum crime nasce do nada.
- (670) (...) Todas as leis *são injustas*, eu não vou agora professorar. Portanto, todas as leis *são justas*, que *é a mesma coisa* do outro lado. (...) – mas *não era bem isto* que queria dizer. (...) O que eu agora queria dizer *era que*. Nós só saberíamos quem *é justo ou não* se todos *fossem submetidos* à mesma prova. *Fui juiz* (...)– só se todos *fossem experimentados*. Quanto criminoso vai para o paraíso só porque teve a sorte de *não ter sido posto à prova?* (...) O único juiz certo *devia ser Deus*. Mas ele mesmo (...) *é um idiota ou um patife* só condena os que *foram postos à prova* e se foram abaixo. (...) não sabe nada ou não sabe quando *é preciso saber*. Porque ele *é que* devia condenar não apenas os que tiveram a sua oportunidade *de serem sacanóides* e aproveitaram, mas *todos os que o seriam* (...).

p.213

- (671) (...) O único juiz possível *devia ser ele*, para julgar não só os que *foram patifes* mas também os que *o viriam a ser* se tivessem tido ocasião. Tudo isto *é tão confuso* (...). E eu quero *é amar-te* (...). E que se cozam as leis e a mania de entender, que *é que* há que entender? (...) A verdade *é uma pedra*, está aí, não há nada que entender, quero *é amar-te* (...).

- (672) (...) *Deve ser da velhice, é muito possível.* (...) Na velhice já todo o real se esgotou, o que fica dele *é a imaginação ou um divagar sem consistência, farrapos soltos à deriva.*
- (673) (...) Quando eu *era rapaz* havia lá na aldeia um velho (...). *Foi um homem importante (...)* *foi um homem de importância social.* Mas tinha ali uma casa ou a mulher *era de lá*, ficara viúvo, os filhos dispersos (...) veio para a aldeia para morrer. (...) *era o senhor Gedeão* (...).
- (674) – Está aí na loja – diz-me lá do alto em voz cheia, que *é como nas aldeias as pessoas se entendem* (...).

p.214

- (675) (...) Não, *não é do silêncio* que realmente amplifica o que se diz como se se dissesse para o universo. *Deve ser de se ser comunitário* e de mesmo os segredos terem um destino em voz alta. Mas *não é uma loja, é um rés-do-chão* em cimento (...).
- (676) (...) Estava um frio de pedra mas a sua higiene *era incompatível* com braseiras, escalfetas, coisas doentias assim.
- (677) (...) A parede. Ele olhava-a de manhã à noite todos os dias. E *era bastante* para encher uma vida. (era bastante para encher uma vida., p. 215)

p.215

- (678) Tenho a minha parede onde te vejo, minha querida. (...) Em todo o caso, *não é uma invenção*, como se diz? romântica, ideal, coisas pindéricas assim.
- (679) (...) Doçura de quando *eras jovem* e está ali na tua fotografia. O inatingível de ti, que *era o que eu tinha* e fugia para fora do meu alcance e *era uma coisa terna* para eu ficar em silêncio e encantado. Mas tudo *é assim* (...) todas as coisas *são o que são*, mas aquilo que lhes *fazemos ser* e só isso *é que é...* *A frescura de seres*, a insuportável perfeição do teu corpo, acabado de fazer por Deus.

- (680) A beleza transparente que te iluminava por dentro. *Era tua*, mas só eu a via porque só eu *a fazia ser tua*, não a mulher a dias ou o merceeiro. Querida Mónica, um corpo harmonioso *é tão divino*. Mas todo o corpo *o é*.
- (681) – Sabes? mas nem sei se te devo dizer. *Foi o Jerónimo* do 4º C que contou ele tem um primo (...).

p.216

- (682) *São fogos-fátuos*, gases de corpos em decomposição (...) *não são almas do outro mundo*.
- (683) (...) Tão divino um corpo (...). Mesmo feito estrume, querida, ainda *é uma nuvem luminosa* para a memória *de quando o não era*.
- (684) – Também disse outra coisa, mas aqui *é que* não sei mesmo se te devo contar. *Foi o Jerónimo* do 4º C (...) mas aqui eu experimentei e *era verdade*.
– *Que é que era verdade?*
- (685) (...) Não sei porque te ris, disse-me ele, *é verdade* e eu experimentei e vi.

p.217

- (686) (...) Rio. E de súbito não rio mais. Ou sorrio apenas na imprevista ideia do que nasce do mais vil do homem e *é ainda iluminação*. Um corpo que apodrece.
- (687) – *Foi por cima das calças* e ardeu à mesma.
- (688) (...) Fala-me dos nossos filhos, dos retratos deles quando *eram pequenos* (...)
– vem tudo misturado *para ser ideia* que ainda não nasceu e eu ainda não sei *o que é*. Do José Barros *é que* já sei.
- (689) (...) *É a propósito* do teu corpo, querida, *como* naturalmente *deveria ser*. Estás morta na cama (...). Vejo bem que *é uma dor* que vem de muito longe mas já não sabes donde.
- (690) (...) A piedade *é uma forma de expulsarmos a amargura de nós*, a ameaça *de não querermos que o seja*. Guardo para mim a piedade que *era para ti* (...).

p.218

(691) – Espera lá por mim.

É uma face fria como um desespero calmo. É uma face doce à memória da alegria que morreu. (...) *Foi horroroso* ouvir-te. Estavas louca. Como *é que* a frase te atravessou a loucura? (...).

p.219

(692) (...) *São dez*, contei-os um a um, todos à volta, encostados à parede. (...) *São cinco homens e cinco mulheres* (...).

(693) (...) E pouco a pouco os instrumentos *são já visíveis*, nítidos agora no seu niquelado amarelo.

p.220

(694) A um lado no meu quarto, eu pedira-o a Márcia – ao outro está a deusa da Primavera de Pompeia –, *é um desenho macabro* que me fez quase sorrir. *É de Dürer*, (...) a Morte coroada e a cavalo. Não, *não é o Cavaleiro e a Morte* (...). *É um desenho anterior* (...). *É um esqueleto curvado* com a sua gadanha ceifeira sobre um cavalo esquelético com um chocalho.

(695) (...) Um pouco sorriu para dentro, um esqueleto, minha querida, *é a figuração mais ridícula da morte, foi talvez por isso* que o pus aqui dentro. Para tratar a morte por tu, um esqueleto *é tão engraçado*.

(696) (...) *São dez trombones* à volta da sala, *é uma música* só ouvida no eterno. (...) *É longo como um urro*, o solo. (...) *Deve ser o delegado* de todos os trombones (...).

p.221

(697) (...) *É um som rouco* de quem gritou a vida inteira.

(698) (...) *São caquéticos, esmagriçados*, revolvem sempre a boca salivosa. (...) Devem sentir-se do mundo exterior onde a desgraça *é uma hipótese futura e*

improvável. Devem talvez olhar-me com terror como a um soberano, *um ser hostil* que não remói a boca no vazio. (...) – que *é que* estais a mastigar?

(699) (...) Mas o que vejo *é o esqueleto* de uma e de outro. (esqueleto de uma e de outro., p.222)

p.222

(700) (...) *É um articulado de peças* para um jogo de crianças.

(701) (...) Mas a importância dela está antes no esqueleto, minha querida, o esqueleto *é um brinquedo* – creio que fiz uma observação profunda. A importância da morte está na vida, o resto *é uma questão de lixeira e não é por se conhecer a lixeira futura* que se desvaloriza o prazer presente, como se não desvaloriza um banquete com o que ele *há-de ser no caixote e na casa de banho*. A importância da morte está onde a vida *é* ainda *visível* (...).

(702) (...) *Nem é o cadáver* que importa na morte, Mónica, mas justamente o morto. O macabro no seu ridículo *é a negação da morte, deve ter sido por isso* que eu pedi o desenho à Márcia. (...) que ela *é raro aparecer* (...).

(703) (...) Nós pensamos que a vida acaba na morte, *não é verdade*, Mónica, acaba quase sempre mais cedo, quando *é que* a tua acabou?

(704) (...) *Não é o cavaleiro na gravura*, esse está em pose de movimento para se acreditar na estabilidade. *É o do desenho* em que esse cavaleiro *é já outro*, o do fim, e que se dissolve no esfumado do passar.

p.223

(705) (...) ... mas nem tenho tempo de lhe perguntar pelos netos e pelo novo marido, que eu já nem sei bem, para te falar com verdade, *que número é*, (...).

(706) (...) Do desenho, o que mais me impressiona *é talvez o chocalho do cavalo*. (...) Porque a alegoria, como sabes, *é a explicação do mais alto pelo mais baixo, como é próprio do ensinamento* para estúpidos e atrasados. (...) ouve-se *é* o chocalhar dos esqueletos que não tem aviso nenhum.

(707) Já agora olho-o, tem o ridículo de tudo o que *é excessivo, sem razão para o ser*. Porque tudo tem o seu ponto de equilíbrio, mesmo em cima ou em baixo, o

ponto de equilíbrio da ossaria visível *é num museu ou numa sala de anatomia. É uma chocalhada de ossos*, talvez me faça bem.

p.224

- (708) (...) Eu um dia perguntei ao médico *será por causa da dentadura?* e ele disse-me *não é, é por causa de*, mas já não me lembro de quê. Devem remoer coisas antigas, (...). ... vejo agora só as bocas, *que é onde* está a sua alma toda.
- (709) (...) Mas neste instante, *é a D. Felicidade*, querida, *que é que será? é capaz de ser ainda por causa da Márcia*. Dê-me um instante, diz-me ela, e mesmo o Salus deve estar a vir pôr a mesa para o almoço. *É uma das suas ocupações*, muito atento aos horários, deve estar a vir pôr.
- (710) – Márcia. A D. Felicidade já veio ter comigo, porque *é que* não pagaste a mesada?
- Mas tu parece que não conheces a minha vida.

p.225

- (711) Mas *não era isso*, D. Felicidade explicou-me – mudámos o seu quarto – Mudámo-lo para um quarto mais independente, só agora *foi possível*.
- (712) Porque a velhice *é imensa* (...) a velhice *é incomensurável*.
- (713) (...) Mas um dia pensei – nunca mais. *É duro*, minha querida, *pensar seja o que for* ou *ser seja o que for* para nunca mais. O homem quer sempre o absoluto, mas devagar. Tudo o que *é irremediável* torna-nos inúteis, *é assim*. A gente quer o absoluto, mas para o não querer outra vez, *é assim*.
- (714) (...) E então disse à Márcia deixa-me ir para a tua casa. *Era uma coisa absurda*, disse. (...) E então a Márcia, *é claro*: (...)

p.226

- (715) – Nem penses nisso. Tu já pensaste *o que é arrumar* cinco crianças e a desordem que vai naquela casa? E o Pedro então que *é tão esquisito*.
- Quem *é o Pedro?*

– O Pedro. Então não sabes quem *é o Pedro*?

(716) (...) Não digas o meu novo marido *como se fosse um novo vestido*. E mesmo *é arriscado* tu saíres daqui. Perdias o lugar e depois onde *é que* te metias? (...) *É aborrecido* estar a dizer-te isto mas as coisas têm de se encarar *como são*.

(717) – Ah, espera. Procura no quarto de arrumos e vê se encontras uma fotografia de vocês os três quando *eram pequenos*. *É uma* em que estás entre o Teo e o André.

p.227

(718) – Não achas que *é uma parvoíce*? A foto dos meninos que nunca cresceram. E onde *é que* eu vou agora encontrar isso?

(719) E então conheci o senhor Penedo. Tinha um bigode raso, muito apertado contra o nariz. E *era magro como o ascetismo*. (...) *Foi muito da política*, disse-me D. Felicidade.

(720) (...) *Foi quando* a D. Felicidade disse à Márcia

(721) Estava ela a contar-lhe as ordinarices deste meu corpo – mas eu *não devo ser ingrato*, pobre corpo, meu irmão.

(722) (...) Mónica, minha querida, deves ter reparado. Aquilo que mais se quer esquecer *é aquilo* que mais se lembra. Porque querer esquecer *é lembrar*, o que se não lembra *é apenas o que se esquece* mas não se quer esquecer.

(723) (...) *Foi uma noite*, quero dizer, uma manhã, estava ainda no outro quarto.

p.228

(724) (...) E então senti-me tão humilde. *É em instantes assim* que uma vida inteira tem sentido, (...).

(725) (...) Um corpo *é uma estrutura de leis* que lhe regulam *a naturalidade de ser* e o tornam óbvio assim, mesmo no seu mistério. E às vezes há outra lei contra alguma delas e *volta a ser tudo natural* (...). *Quando era pequeno*, minha mãe contava. (...) ela contou-me várias vezes depois para explicar que eu nunca lhe dera más noites, que *é o que da nossa infância uma mãe fica a lembrar*

com mais prazer. (...) Limpava-me. Lavava-me, punha-me fraldas novas *para ser* outra vez *gracioso e querido.*

p.229

(726) (...) A empregada lavou-me sumariamente – depois se dá um banho *como deve ser* (...).

(727) Querida. Eu queria em todo o caso explicar-te que *não fui inteiramente culpado. Não fui.* Há, *é claro*, enfim, digamos um anel, como sabes, com um elástico que nos fecha o saco das coisas vis no fundo de nós, *e é claro*, com o tempo o elástico afrouxa, como deves saber, e assim vai perdendo elasticidade para manter o saco fechado. E *era uma desinteria de esguicho* (...).

p.230

(728) *Foi assim.* Não te explico mais, deves ter aí na cova um espírito compreensivo. (...)

(729) O que houve já to disse. Mas *foi terrível.*

p.231

(730) Não, neste quarto estou muito melhor. (...) Este quarto *é muito melhor.* (...) No outro quarto a porta *era simbólica como os troncos ou correntes que vedam a entrada numa quinta* (...).

(731) (...) Aqui não. Aqui a cidade fica longe e o trânsito *é quase imaginário.*

(732) (...) – mas eu ia falar-te do Penedo ... (...). E do José Barros que, *é curioso*, foi perdendo intensidade no meu desejo de falar dele e nas ideias para meter nesse falar.

p.232

- (733) (Mesmo há que, p.231) Mesmo há que falar-te primeiro de D. Felicidade, até para eu saber *o que ela me é*. Mas o pátio. *É de terra batida* e tem dois bancos para a velhice meditativa.
- (734) (...) Mas ela não entende que o maior prazer de quem precisa *é haver* quem precise mais. À porta do lar, eu não desço, *não é só as canadianas* e agora até estamos mais calhados e há um ascensor que às vezes trabalha (...).
- (735) (...) À porta do lar (...) há gente afreguesada aos restos do comestio. Mas *é gente regulamentar*, inserida aos cânones da esmola, os pombos não.
- (736) (...) de a liberdade *não se saber o que é* e transbordar de si como uma pedra, de haver luz numa asa mesmo de morcego (...) de *tudo ser terrivelmente belo* e não nos fazer chorar (...).

p.233

- (737) (...) enquanto vou pensando falar-te de D. Felicidade.
Não sei se te falei já dela e se *teria sido justo* nesse falar. (...)
- (738) (...) Ela tem o quê? quarenta, quarenta e cinco anos. Mas sempre os teve. Quem manda tem sempre a idade do seu mando, querida, e se calha envelhecer deixa de estar certa com o mando e o melhor *é ir fazer tricô ou jardinagem*. Vi a coisa na relação dela com os outros e eu pensei – *se fosse comigo*. Mas *acabou também por ser comigo* e vi que a razão estava do lado da ordem, da transcendência ou assim, que *era também o lado dela*.
- (739) (...) Você não verá que essas calças *precisam de ser passadas*? (...) Onde *é que* você viu alguém vestir umas calças sem cuecas?
- (740) (...) Eu tinha ainda afinal uns tantos sentimentos disponíveis, todos temos, Mónica, *o que é*, nem todos sabemos por não haver oportunidade de os fazer funcionar.
- (741) (...) E então agora que tudo me *foi sonogado*.

p.234

- (742) (...) Mas neste instante estala-me na memória uma conversa seca, *é por causa da minha roupa branca*, uma conversa pedestre entre a Márcia e a D. Felicidade. (...) *Era no meu quarto*, bastante atrás da minha presença ali, (...).
- (743) *Talvez fossem doze*, mas D. Felicidade só me queria dar onze, havia um lenço de diferença para haver contenda. (...) – tu lembras-te se este lenço *é teu*?

p.235

- (744) (...) Traz-me os livros que estão na estante do fundo, tu logo vês, *são sobre a Teoria do Direito*. (...) Mas eu vou ver *o que é possível*. E onde *é que* vais pôr assim aqui os livros?
- (745) (...) E o quadro do Resende «A trança», que *é um* de uma mãe a fazer as tranças à filha.
- (746) (...) – mas estava a falar-te da D. Felicidade. *É uma mulher* digamos *alta, direita. Severa*. Veste sempre de dever, que *é escuro*, como sabes, *por ser triste*. *É uma mulher instantânea*, como dizer-te? sem passado nem futuro (...). Ninguém sabe donde veio, nem o lar também não se sabe *de quem é*. *É uma mulher firme, imutável, do lado do eterno*. *Será talvez um lar* ligado à Misericórdia, mas eu julgo que *é melhor* ligá-lo ao capitalismo. (...) *É uma mulher feita de uma matéria incorruptível como o mármore o aço o Velho Testamento*. (...) O seu encosto *é duro*, mas tem a sua solidez, estou tão só (...).

p.236

- (747) (...) Das pequenas às grandes coisas, mas *não é só comigo*, Mónica.
- (748) (...) Gastei tudo, estou agora só *com o que sou*.
- (749) (...) Por exemplo, nas idas à secção A, hei-de lá ir daqui a pouco para saber *que é feito do Firmino*.
- (750) (...) A casa *é um primeiro andar* extenso de gaveto. E tem dois ascensores, mas um *é só para o pessoal de serviço*.

(751) (...) E percebi que Deus *era infinito* e o seu olho também. E que o seu seio *era bom como um sedativo*. E não saí. Mas logo que assentei nisso – como a alma *é doente*, Mónica.

p.237

(752) (...) As minhas vertigens (...)? O encontro vergonhoso possível com algum conhecido que me não conheça ainda de calça dobrada sobre a perna que falta. (...) Mas havia uma por baixo delas todas (...). *Era assim* – e o seu olho também e o seu seio *é bom como um sedativo*.

(753) (...) Um dia saí, *é tão estranho* dizê-lo. (...) Saí pela escada. Mas *não era fácil* a movimentação das canadianas no desnível dos degraus. (...) Que estranho. *Era uma tarde um pouco quente*, tenho a memória a estralejar de pássaros – que estranho. O mundo existe mas não contava comigo. Tudo *é novo* porque está separado e assim posso vê-lo melhor.

(754) (...) Boa tarde, boa tarde. Porquê essa pressa, amigo? Eh, pequeno, como te chamas? mas nada digo, olho apenas intensamente, que *é a minha forma de falar* e as pessoas ouvem com certeza porque me fitam com atenção.

p.238

(755) – Não tem caixa para as esmolas? Meta ao bolso, *não pode ser mais*, que a vida está impossível (...).

(756) (...) Conhecer *é amar e não ser surpreendido e eu sou*. (...) Desde aquela casa com fatos belos nos manequins e que *são belos* pelos manequins, não por eles (...).

(757) (...) E baterei à porta e a Márcia dirá

– Entra. A casa *é tua*.

E os miúdos suspenderão as correrias e perguntarão *quem é?*

p.239

(758) (...) desço devagar para a Estefânia, *é tudo tão estranho*. (...) pela posse que me *é restituída* e alguém me tinha roubado. *Nós somos donos* de tanta coisa sem sabermos (...). (...) e *era esquisito* haver viagens ali como numa gare. (...) Donos do mundo porque *somos donos* de nós. (...) *como tudo é fictício na sua realidade*.

(759) (...) talvez vá ver a fachada da nossa casa. *É fresca e larga como uma esplanada*. (...) Mas quando chego ao largo da Estefânia. *Era longe* para a minha perna única, para a cabeça.

(760) (...) Um transeunte perguntou-me

– *Onde é* o Campo de Santana?

e eu senti-me contente por *poder ser útil* (...). Depois fiquei a olhar, o mundo está tão cheio de coisas extraordinárias. *São coisas visíveis* no extraordinário de nós que tem pouco uso. (...) Apetecia-me também a mim ir até ao Campo de Santana, *é longe*.

p.240

(761) (...) Ia reparando intensamente em tudo e as árvores e as pessoas *não eram naturais*. E havia crianças, que *é o que há de menos natural*. (...) Uma veio até mim e o seu olhar cândido perguntou-me *quem és?* E eu sorri a responder *quem era*.

(762) (...) Senti-me então espoliado e toquei as muletas que *eram minhas* e estavam ali emparelhadas, encostadas ao banco. (...) E havia a estranheza do mundo e eu não ter nele significação. *É o mais terrível*, Mónica, a gente *é que não pensa*. (...) De repente *foi assim*.

p.241

(763) (...) E tinha pena, que *é o que de mais sujo* se pode ter. Como eu rio dos heróis históricos, Mónica. *São uns merdas*, não têm heroísmo nenhum – que *é que custa ser herói*, se se não perde a substância? (...) Mesmo um tipo solitário

numa ilha, querida, tem a ilha para o reconhecer e o mundo ausente que *é dele*.

(...) *Ser é ser reconhecido* (...).

(764) (...) Receei que o elevador não funcionasse – e como *é que* eu ia subir à pata as escadas? (...) Afinal o elevador trabalhava e entrei nele com um sujeito muito grande que *não era do meu contexto*.

p.242

(765) (...) Que máquina estranha, pensei. *Era uma pancada forte e nítida* de metal, eu ouvia-a. (...)

– Que pancada forte a do seu relógio, *que marca é?*

(...)

– Há um regulamento na casa, senhor direita como um dogma, eu olhava-a com terror e uma grande paz e beatitude em todo *o meu ser*. *Foi quando* minha mãe apareceu (...)

– Quero só saber aqui onde *é que* o menino andou até estas horas.

(766) (...) *Foi quando* de novo, *era grande e potente*, vinha de novo pelo corredor em passadas colossais, desapertou-se outra vez em gargalhadas cavernosas (...)

p.243

(767) – Mas *é que* a pancada do relógio *era muito forte*.

E ela disse – *não é o relógio*. (...) E ela respondeu – *é uma válvula metálica* do coração – disse isto ou coisa que me pareceu isso *e se calhar era*.

(768) (...) Mas queria *era* falar-te do senhor Penedo que foi para o quarto que eu tinha.

p.244

(769) Gostava *era* de uma música celestial com saltérios teorbais alaúdes. (...) *É um concerto para oboé* e orquestra KV314 (285 d), *é um concerto para Mónica*, que giro.

(770) (...) Quando tu *eras mais poderosa* quando parecias mais frágil.

(771) (...) Como te quero. Mas a orquestra regressa, *é o segundo andamento*, suponho.

p.245

(772) (...) Até que toda a orquestra põe fim às ditaduras, o oboé *é absorvido*, integrado e levado lá para dentro. (...) *É um instrumento triste, deve ter sido órfão* de pai e mãe.

p.247

(773) Mas o Penedo. *Era um político*, querida, não sei se sabes *o que isso é*. (...) *É a pessoa* de quem mais mal se diz, depois dos árbitros de futebol. E logo tu a pensares que *é pela mesma razão*. E eu também, mas não sei ainda bem *se é*. Quem o pensa *são talvez os curtos de mente*, que *é o que eu sou por enquanto*. (...) A missão de um político parece óbvia, mas nada *é óbvio* na vida (...). *É um jogador*, uma das formas mais altas de. Joga ao bem comum e às vezes a sorte sai-lhe. *É a altura* de lhe dizerem tudo os que não jogaram ou a quem não saiu. (...) *É um bebedor solitário*, bebe política ao canto da consciência. Não joga para ganhar, e que jogador *é que* joga? (joga?, p.248)

p.248

(774) (...) joga só para chatear o destino, o que joga nele *é a inquietação* de o chatear. Como no capitalista no general no artista, mas o político *é um jogador infeliz* porque *é raro* deixarem-no jogar a tempo inteiro. Mas o que *é que* nós *somos a tempo inteiro*? (...) Tudo nos *é limitado* pela estupidez de tudo e a vida *é o tudo* desse tudo. (...) *É a razão mais alta e incompreensível* (...). Mas a gente *é mal-educada* e rosna sempre (...). Razão alta e incomensurável. *É lá* que eu tenho uma vontade imensa de te amar.

(775) (...) Mas eu estava a falar-te do Penedo. (...) *Era um tipo agudo e ardente*. (...) Porque o que importa *é a pessoa que se é*, porque ela *funciona como é em*

qualquer sítio em que calhar. (...) *Era um sujeito esmagriçado e vibrante como uma chama alta.*

(776) (...) cruzámos os destinos, penso que me conheceu e eu tive uma palavra breve – o quarto *é bom* (...)

– mas *é agradável* mudar de ambiente de vez em quando

(...) Penedo explicou – as coisas *são como são*.

(777) (...) Mas entra agora outra pessoa na minha memória, *deve ser a filha* que o veio trazer.

p.249

(778) (...) E disse-lhe – o quarto, enfim, *não é mau* (...)

(779) (...) E tive medo, querida, *porque era um ódio de que eu não sabia a razão* para a equilibrar com argumentos e nem podia utilizar o argumento de uma muleta. (muleta., p.250)

p.250

(780) Tinha os olhos coruscantes e o ódio *era assim mais visível*. E babava-se a condizer

– Tudo isso assim portanto todas essas coisas!

– Mas talvez *não seja tanto assim* – contrapunha eu em tom contemporizador.

(781) (...) ... e eu vi a filha falar com a D. Felicidade e ouvi-lhe dizer *louvada e adorada seja para sempre a Divina Providência*, estava a D. Felicidade com a factura na mão e a dar-lhe o troco.

(782) (...) *Não, não era louco*, disse-me D. Felicidade, cheia de altivez ofendida, esta casa *não é uma casa de loucos* (...). Mas já não sei bem o que disse, minha querida, qualquer coisa como. Mas não devia ter entendido bem. Qualquer coisa como moleira mole, mas *não devia ser*.

p.251

- (783) (...) A explicação não explica, apenas constata um facto e explica-o com outras coisas que não têm explicação e *são outros factos* à espera de que os expliquem até a um outro facto em bruto, e diante dele o explicador fica calado. Se eu não tivesse as muletas caía, *era a «força da gravidade»*, mas *que é a força da gravidade?* e porque *é que* existe?
- (784) (...) Tu sabes, querida, há correntes misteriosas, a gente sente-as passar por nós e *são o subsolo do nosso agir*, hoje apetecia-me pensá-lo (...).
- (785) (...) Não leio jornais. *É uma coisa com piada*, hei-de-te explicar.
– Não sei se leste – diz-me a Márcia de novo e eu abanei a cabeça para dizer que não (...).
– *É que* agora aos reformados já não aumentam o ordenado. (...) Se estivesses ao serviço, está bem, aumentavam-te *quando fosse de aumentar*. (...) Estou para ver *como vai ser*.
- (786) (...) O Teo, esquecia-me também, deve vir aí. Uma beleza exacta, como dizer-te? não clássica afinal, mas de todo o modo muito próxima da essência imutável do que *é belo*.

p.252

- (787) (...) ... a nossa filha. Hás-de perguntar-te porque *é que* ela me não leva de vez em quando a dar uma volta. Uma vez levou, eu não queria. (...) A Márcia tinha trazido o mini (...). Depois o carro *é muito pequeno* e eu *sou muito grande* para o seu tamanho, *era preciso* partir-me em dois para lá caber. *Foi quando* um táxi parou ali a despejar um casal e a Márcia teve uma ideia rápida e categórica e o taxista aguentou-me a carga e meteu-me para o assento de trás (...). Ela deu-lhe um destino, que *era o rio* (...). Fomos pela marginal mas não a gastámos toda, que *era cara*. (...) Nós passávamos por isso tudo, a Márcia apontar. Depois calou-se e eu também me calei porque erguer uma palavra a pulso *é um esforço tremendo*, mesmo quando não há lá nada dentro.

p.253

(788) – Então, gostaram do passeio?

as mãos dadas à frente mas um pouco descaídas para que o seu porte *fosse mais suave*.

(789) (...) Mas eu penso ir ver o Firmino, vou à hora do almoço, que *é quando* o posso apanhar. *É um corredor longo*, percorro-o quando me vão dar banho. Mas a Antónia desapareceu, deve ter saído da casa, e agora *são moças novas* que mo dão.

p.254

(790) (...) ... e logo salta uma cara de velha a cantar avé, avé. (...) ... mesmo todo o pessoal da casa há várias gerações têm todos a firme certeza de que vai morrer de um dia para o outro. Mas ela *não é dessa opinião*.

(791) (...) Mas o que eu mais gosto de ver, minha Mónica, *é a secção* dos velhos a sério. *São tão queridos*. (...) E riem. *É a alegria* de antes de haver razão para ela, a alegria dos cardos e das pedras. (...) Tão amorosos. *São velhos*, Mónica, têm a idade do mundo. A idade da Terra, dos sonhos, dos projectos guerreiros (...).

p.255

(792) Mas quando chego ao salão A – que estranho. Não há ninguém (...) terão feito greve? como *é que* na tropa se diz? «levantaram o rancho»? *São já horas de almoço*, devia haver hóspedes na tarefa. Mesas postas, o salão sem ninguém. E de súbito reparo que na mesa do Firmino, *é ao lado direito* da porta, *quem é?* uma mulher de uns sessenta anos.

(793) – *É a mesa* do Firmino, lembrei-me de vir hoje aqui. E imediatamente começou a falar de si. Mas todas *sois assim*, Mónica, tu desculpa, minha querida. Dez minutos com uma pessoa desconhecida e imediatamente pondes tudo ao léu. (...)

Tudo logo ao léu – e porquê? *Deve ser uma forma* de chamardes a atenção, de afirmardes a vossa importância, de vos integrardes numa sociedade que durante

milénios vos excluiu. *Deve ser uma falta congénita de pudor* contra o pudor a que *fostes obrigadas*, o homem *é infinitamente mais recatado* porque nunca precisou (...).

p.256

(794) (...) Teria mais de sessenta anos, também o pudor *já não era preciso*. Forte, bem montada de peitos, ia contando da viuvez, o marido *era empreiteiro*, dos filhos que tinham emigrado, um deixara cá a mulher

– que *é uma galdéria*. E *os filhos da minha filha meus netos são, os do meu filho ou serão ou não*. Lá diz o ditado.

(795) – O Firmino morreu ontem – disse o homem num intervalo da conversa.

Comíamos os três em silêncio, a mulher explicou ainda, tinha a sua casa. Pequenina, *é certo*, mas para que a queria maior?

(...)

– Morreu ontem – disse o homem. – *Foi hoje o enterro* e muitos desses aí foram acompanhá-lo.

(796) (...) Mas aconteceu uma coisa engraçada

e aqui riu muito para haver graça no que *dizia ser engraçado*. *É uma mulher estável*, de encontros bem ajustados uns nos outros, um ar dominador do mundo e da moral.

p.257

(797) (...) A coisa agravou-se com uma questão dos dois sobrinhos. Foi o que me disseram.

– Não tinha filhos? – perguntei, mais a confirmar.

– *Foi uma coisa engraçada* – disse a mulher. – Eu tive um cancro na mama esquerda e tiraram-ma. (...).

(...)

- Uma prótese. Ora a mama esquerda *é a que dá mais jeito* a um homem para apalpar. E ele apalpava, apalpava e eu aí ri-me. Porque *é que* te ris? perguntou-me. E eu então disse apalpa a outra, que essa mama *é falsa*.
- (...) E eu digo cá para comigo aperta, aperta que *é de serradura*.
- Deve haver mamas mais parecidas com a natural – disse eu com delicadeza. – Feitas de borracha ou coisa parecida. Uma a que se dê ar como a um pneu.
- *É capaz de* haver – disse ela. – Mas está a ver eu agora a dar à mama e a medir a pressão?

p.259

- (798) (...) O Salus casou-se, (...) A D. Felicidade *foi a alcoviteira*, estava farta das manobras dele para apanhar a velha a caminho dos sanitários. Quem os casou *foi o capelão* da casa mas quem esteve para os casar *foi o Teo* (...).
- (799) (...) O amor filial, o querido Teo, o nosso filho tem-no. Mas ordenado a um amor que *já não é esse*. E depois, a certa altura, tu sabes, o amor filial *é uma ideia* e as ideias já têm pouco sentimento. *Ou é um dever*, e o dever *é uma virtude* e as virtudes *são sempre uma chatice, senão não eram virtudes* por nos não darem merecimento. *Ou é uma memória terna da infância* e *é preciso* que o objecto dele esteja a uma certa distância para a memória poder funcionar. *Ou é uma coisa estabelecida como usar gravata* e parece mal em certas circunstâncias não se usar.
- (800) Querido Teo. Mas eu amo-o porque estou nele. Ele *é que* não está em mim (...).

p.260

- (801) (...) ... a vida *é uma indecência* assim.
- (802) (...) E ao lado do Teo está o álbum do teu corpo. Fechado, tem uma capa de pelúcia com flores grená. *São fotos, recortes de jornais e revistas. É a história* da festa da tua perfeição, da sua verdade intensa.

p.261

- (803) (O álbum. p.260) O álbum. (...) **É uma intensidade** para apanhar tudo o que lá está – a tua perfeição que passou e o tempo que a fez passar (...).
- (804) (...) Amei-te tanto. Mas o curioso, como hei-de dizer? **o curioso é que quando te amei não tinhas a perfeição** que tinhas na invisibilidade de ti e só agora tens no impossível de ti. Só agora **és bela e inteira e prodigiosa como uma auréola**.
- (805) – Tudo tem de ter um sentido. Mesmo a razão tem de ter. E **é uma coisa** em que ninguém pensa. A gente pergunta quando muito porque **é que** existem as coisas, o mundo e assim. Mas nunca perguntamos porque **é que** existe a própria razão e **o seu modo de ser razão** para se perguntar. Porque **é que** ela **há-de ser assim**, e não de outra maneira, porque **é que** existe a pergunta.
- (806) Há uma outra em que na trave, **é um milagre** de equilíbrio, tu dás um salto de costas (...).
- (807) (...) – Mas se nós perguntamos, há-de ter um sentido isso, a pergunta. **Não são só as coisas**, o universo e tudo o que quiseres, **é também o perguntas**. Porque **é que** perguntas? (...) A gente quando muito quer saber porque **é que** há-de haver o perguntar. E então eu digo: porque isso **é um facto como haver pedras**. Portanto perguntar **é necessário**. E **se é necessário, também é necessário** querer achar uma resposta.

p.262

- (808) Mas de todas as fotos a de que mais gosto **é a de quando** vais pelo ar de um canto ao outro do tapete.
- (809) – E o que eu pergunto **é muito simples**: que significa tudo isto?
Ou seja, o álbum, **ou seja**, o milagre do teu corpo pesado e aéreo. (...)
– A ressurreição dos mortos **é isso**. O triunfo da eternidade que está no teu corpo. (...) Isto **é o meu corpo**, disse Cristo.

(...) *Hoc est enim corpus meum.* (...) eu palpo a minha perna manca. Isto **é o meu corpo.** *Hoc est.*

– Cristo disse-o, mas tu também o podes dizer. Isto **é o meu corpo.** Este **é o meu corpo.** Este, o da eternidade de ti, o da eterna perfeição de ti.

(810) Como **é doce** ouvir o nosso querido Teo, mas tu estás a choramingar. (...) **Sê implacável carnívora como a fatalidade que aguenta.** (...) Como sufoco a olhar-te, **é uma foto** do imaginário.

p.263

(811) (...) Justamente há ainda o casamento do Salus que aconteceu há tempos e está agora a realizar-se. **Não foi o Teo** que o realizou. **Ou foi?** já agora nem sei quem o há-de realizar. Porque por um lado, tudo se passa no limite **de se ser humano**, talvez o capelão, que está nesse limite. Mas o Teo conhece a linguagem **de se ser eterno**, a ressurreição final, tu que achas? Esquece que o Teo **é teu filho**, tu que dizes?

(812) (...) – Doutor juiz. Queria convidá-lo para meu padrinho de casamento
(...) E então eu disse não posso e indiquei a minha perna faltosa que **era onde estava a razão** de eu dizer não posso. Mas pareceu-me que ele gostou de eu não poder, para equilibrar a sua intenção estranha que ele não sabia bem **qual fosse**, e a minha negativa que ele **sabia ser útil** sem saber porquê. (...) E a noiva só queria o querer dele. **Era viúva de dois maridos**, sempre infrutífera de um e de outro e chamava-se – agora **é que** já não sei, minha querida.

p.264

(813) (...) mas Diana **é um nome pagão**, mais próprio para uma cadelinha. Virgínia, fica assim.

(814) (...) Querida Mónica. **É tão difícil contar-te.** Nós casámo-nos à pressa diante de um funcionário como se tira licença para os cães (...). **Como se tira a licença para seja o que for.**

(815) – Eu te baptizo em nome da Terra, dos astros e da perfeição.

E tu disseste João Sacrílego, *e eu o que queria era o impossível da minha saudade adulta* (...).

(816) (...) Mas houve um momento em que ela hesitou e eu pensei – terá o Salus de levá-la onde costuma? Baixar-lhe as calcinhas e instalá-la? Mas *foi só hesitação*, talvez de tropeçar no vestido.

p.265

(817) (...) A capela estava coalhada de velhos, *deviam ser os de todo o mundo como quando o profeta falou*.

(818) (...) Mas vestia de branco e *era bela outra vez como uma iluminação*.

p.266

(819) (...) – Virgínia! Virgínia!

e o Salus correu atrás dela Virgínia ia-se embora, onde *é que* vais? eu perguntei-me, mas calculei logo onde ia. Porque nós costumamos perguntar, querida, quando a resposta *é muito desagradável* e queremos de algum modo adiá-la com a pergunta.

(820) (...) Mas a missa *foi breve*, a missa agora *é muito rápida*, querida, *é sintética como o contraplacado*. Ou o nylon, a napa. A vida *é muito rápida* e a missa tem de acompanhar. (...) Houve um momento grave, grande, *era a verdade* da vida inteira, talvez, porque eu ouvi

– *Hoc est enim corpus meum*

(...)

(...) O meu corpo. *Eram velhos e velhos*, enchiam a capela e o coro, haviam muitos à porta porque já não cabiam. *Hoc est enim*, na realidade *é este*, o Teo, lembras-te? queria promovê-lo à eternidade. E ele *é eterno*, sim, mas *na essência do seu ser mortal*. Querido Teo. *É o nosso filho* (...). *Eram velhos* e sorriam contentes no infinito da vida.

p.267

(821) (...) Tenho a vida toda na mão – tenho-a na perna que não tenho. Na verdade *é este o meu corpo* e enquanto o estou dizendo a missa acabou.

(822) (...) E olhei o Cristo, agora um pouco maníaco a dizer-me *hoc est enim*, olhei a deusa Flora com o seu braçado de flores e o seu manto como um voo, olhei o cavalo esquelético com o esqueleto da morte montado nele. E uma palavra que não sei passava por eles todos e *devia ser verdade* porque a não sei.

(823) (...) A tarde cai mas há ainda luz no ar. *É uma luz leve* – em que mês estamos? *Deve ser o décimo terceiro mês*, que está para lá de todas as estações.

p.268

(824) (...) Estou contigo, não há tempo nenhum. *Será o nosso corpo eterno* sem o Teo o dizer? (...) E no lembrar-te não tens idade, quando *é que* a memória tem *idade*? Não chego à janela mas um pombo passou por ela em diagonal. Levava um fito, eu *é que* o não tenho nem lho dou. *É uma ave*. Passou. E ficou em mim uma saudável horrível de ter passado.

p.269

(825) (...) Mas sinto que vou chegando ao limite. Como quando num serão sentimos que *são horas de irmos andando*.

(826) (...) Hei-de perguntar ao Teo *se não foi por isso* que Deus fez a Terra uma esfera. *É a forma mais perfeita do equilíbrio*, de ter o limite certo em cada ponto da sua redondez.

(827) (...) O André *foi sempre tão inquieto*, a gente sentia que ele *era uma ausência de si mesmo*. (...) A gente sentia que, mas se calhar *é a tineta de todo o homem*, nós *é que* andamos distraídos ou não temos tempo de dar conta (...).

p.270

(828) (...) A gente tinha a impressão de que ele nunca achava o que procurava, mesmo depois de o ter achado – *foi sempre um rapaz tão estranho*, o André. (...) A última vez que me escreveu *foi da Índia*. Escreve sempre para a nossa

casa, a Márcia *é que* depois me traz ou manda pelo correio. (...) Mas creio que foi em viagem de negócios (...) lembraste-te daquele que terminava com um verso espantoso de génio inventivo? e que *era assim* (...)

(829) (...) sei *é que* vou iniciar o que eu chamo o «ciclo do canguru», (...).

(830) (...) Os intervalos *devem ser para acumular interesse em vir*, ou material para justificar esse interesse, ou criar eu gosto em que venha, mas isso *não é verdade*.

(831) (...) O Teo *é perfeito* e isso *é terrível e luminoso* no meio da imperfeição humana. Ele *é perfeito por fora*, o nosso filho, mas sobretudo por dentro, onde deve ter uma alma com uma exactidão e firmeza de geometria. Eu não sei se ele tem dúvidas, mas a perfeição também *é um hábito* com que se insiste e então não as tem.

p.271

(832) (...) Já não veste de padre e assim o seu ar laico *é como se o profissionalizasse em funcionário público*. (...) E *foi então* que começou a ter mais pressa ou a mim me pareceu. Porque a pressa *é incompatível* com o espírito ou a religião, que tem que ver com a eternidade, onde não há pressa nenhuma. Um dia fiz-lhe a observação e ele disse *pois é*

– Mas já pensaste como *é que* se pode fazer que um dia tenha vinte e oito horas?

– Mas tens de tirá-las das vinte e quatro. E que *é que* tiras?

(...) A velocidade da vida apanhara tudo, *era preciso* acompanhar, a fé tinha de acelerar o passo.

(833) (...) perguntava-me sempre pela saúde (...) e que *é que* andava eu a tomar?

(...) E um dia disse-lhe estou bem e os remédios que ando a tomar *são* (...).

p.272

(834) (...) quantas vezes eu tive de ir contigo à missa na igreja dos Anjos, às vezes de S. João de Deus ou de Brito que enfim sempre *eram da minha família*

onomástica. (...) E sentia, como *é que* hei-de dizer? sentia o que estava antes ou depois de todo o ritual e que não tinha nome e *deixava de ser* se lho desse.

(835) (...) *Era sobretudo ridículo estúpido*, talvez sacrílego falar nisso e ele estar cheio de pressa por causa da obra das empregadas domésticas (...). Mas um dia veio para se demorar, valerá a pena deixá-lo sentar-se? *não é melhor* dizer-lhe pircetam vincamina para a esclerose e mandá-lo embora? Mas eu não sei bunda., Mónica. Nem sequer chinês, *é tão difícil* hoje falar. (...) e onde *é que* há escola?

p.273

(836) (...) Olhava os quadros e o Cristo, enquanto eu acabava a conversa contigo (...). E a deusa Flora, que *és tu*. E a chocalhada dos esqueletos, que *é o inimaginável de nós todos* (...). E como *é que* ainda não choveu desde que te escrevo?

(837) (...) O nosso querido Teo. Mas *foi sempre assim*, lembras-te? Muito rigoroso consigo porque fazia do rigor uma virtude que não tinha nada que ver com aquilo com que *era rigoroso*. (...) *Foi em regime acelerado*, limpou a Teologia em dois anos. E concluiu a Medicina. E sabes uma coisa? *é dos nossos três* filhos o que eu, bom, ia a dizer amo mais, mas *não é bem assim*. O que admiro mais, porque *admirar é abrir uma certa distância*.

(838) – Ouve. *Era imbecil* querer doutrinar-te. *Doutrinar é estar acima* e quem está em cima *és tu*.

p.274

(839) (Mas os grandes, p.273) Mas os grandes problemas *não são de ninguém*. (...) *É uma coisa* que nos obceca.

(840) – Sabes, Teo, já não penso. E a gente nunca pensa. A gente vai existindo e fazendo, e só depois *é que* se põe a perguntar porquê e para quê. Os bichos *vão sendo*. O homem começa depois disso.

(841) (...) E estou tão cansado, Teo. Tu nunca pensaste que o cansaço *pode ser mais verdade que uma tabuada*? (...) Eu tinha a lei, porque havia de discutir? A lei pensava por mim. *É como a língua* em que to estou a dizer. (...) Conheci um tipo na universidade, *era de Letras*. E um dia disse-me que andava a pensar para a sua tese esta coisa: porque *é que* em grego e latim as orações condicionais *são diferentes*? Creio que *era isso* (...). *Que é feito no latim do que não passou do grego para lá?*

p.275

(842) Mas a D. Felicidade bateu à porta e disse que *eram horas* de eu ir tomar banho. E eu disse *é só um momento*.

(843) (...) E então disse muito à pressa – portanto não te interessa saber para que *é que* existes. E porque *é que* não perguntas para que *é que* existem as moscas?

(844) (...) – As contas da minha vida fazem-se no infinito – disse eu ainda. – Há uma conta final imensa (...). *É uma conta* que se faz a si mesma. (...) Tudo isto *é horrível e tão simples*. E tão maravilhoso. Tu sabes que a nossa pele está cheia de bichos? As tuas pálpebras, vê tu, ao pé dos olhos, que *são o mais extraordinário e melindroso* do teu corpo, as tuas pálpebras, se as vires ao microscópio, *são ninhos de bicharada*. (...) A vida *é um grande computador*, meu Teo, ela que faças as contas todas.

(845) Mas *não era a D. Felicidade, era uma rapariga* que entreabriu a porta com as toalhas todas. E então o Teo ergueu-se, mas atirou ainda – portanto, nada *de se querer ser pensante*.

p.276

(846) (...) este mês nem tu imaginas a carga de tarefas que me caíram no patriarcado e *sou eu sozinho* a aguentar tudo. E *foi o que mais me encantou* nele, (...) ter o seu lugar das contas gerais no sítio em que *se é gente* a fazê-las e ficar aí mais parecido com a vida, que *é fazer*. Mas estou talvez a atrapalhar, o melhor *é calar-me* e não atrapalhar mais.

(847) (...) *Era uma moça brusca*, não a conhecia. (...) *Era esforçada e diligente*.

(848) – Parece impossível como se sujou tanto. Veja só como a água ficou negra.

E eu vi. E *era verdade*.

p.277

(849) O homem avançou para mim, *era um tipo muito velho* todo em arco, vinha eu então da retrete.

(850) E de súbito tudo se me iluminou. *Era ele*, querida, sim *era ele*. (...) Ficava-lhe de fora, essa alegria, eu pensava, mas se calhar *era de dentro como a de um imbecil*. Ou a de um hábito que não despega. Porque tudo afinal *será um hábito*, minha querida, mesmo o existir. *Nós somos em tudo uma segunda natureza* e não sabemos nunca a primeira. (-gunda natureza e não sabemos nunca a primeira., p. 278)

p.278

(851) Mas *não foi preciso* autorizá-lo sentou-se logo, ficava agora quase com o queixo nos joelhos e os olhos mais necessitados.

(852) – O poeta latino Ovídio fazia versos à grossa. Disse-lhe o pai: *sê anfíbio*, ou vê se escreves só prosa

p.279

(853) (...) falou da Maria José, professora de canto, que os rapazes chamavam José Maria *por ser meia homem* e usar os seios, diziam eles, não aparados de baixo para cima mais espremidos de cima para baixo e que *foi encontrada morta* com o cão ao lado (...).

(854) (...) Hei-de atravessar toda a miséria e amargura e um pouco de humilhação que ainda falta atravessar *até seres enfim tu só, lavada purificada iluminada na pureza do teu ser* – eu te baptizo em nome dos astros e da perfeição. No fundo, *é curioso*, também ele procurava a perfeição e como tu rias do que nele a pervertia nessa espécie de fingimento da loucura. Porque ele dizia por exemplo que

gostava de que todas as coisas do seu uso presente ou futuro *fossem do seu tipo original*.

p.280

(855) (Se, p.279) Se apanhei uma pneumonia *foi por vontade de Deus*. A água, enfim, estava fria mas *era água dos céus*.

(856) (...) Não sei se já te falei dela, mas de que *é que* eu te falei e não? (...) A poetisa Elisa *é gorda*. (...) O pessoal de lá *é de andar por fora*, Elisa está pesada para andar. (...) Tinha rendido não sei quem. Porque aqui, querida Mónica, *é sempre a andar*. Há um trânsito infernal para a eternidade, sempre em corropio. (...) E nesta passagem rápida de material humano, como no cinema, há uma imagem que fica visível e *é a espécie*, às vezes penso. (...) Elisa pertence a uma Sociedade Poética, (...). *São o refugio da poesia*, mas cheios da altivez da outra.

p.281

(857) (Sabia-os de, p.280) Sabia-os de cor, que *é uma qualidade do analfabetismo*. (...) *Eram versos admiráveis*, eu sempre lho confessei.

(858) (...) Há poetas e o mais de todos os tamanhos, porque em todos eles se sonha e *é desgraçado*. A Sociedade Poética, em todo o caso, de desgraça nem por isso. A Elisa disse-me – ela não gosta que a chame poetisa, prefere poeta, porque a poesia não tem sexo, *não é assim?* (...) A poetisa Elisa, eu prefiro em todo o caso, talvez por causa da rima, ela disse-me da grande avalanche de poetas da alta na Sociedade. Aos montes e muito produtivos. *Eram marqueses, condes, doutores* e assim. (...) E de outras vezes contava. Recitais, de uma vez *foi aclamada*, viera o caso num jornal (...). Mas ela sabia-a de cor e ajudou-me nos sítios onde a glória *era menos visível*. (...) ... e *foi aclamadíssima*.

(859) (...) *Era a Sociedade Poética* (...).

p.282

- (860) (...) Querida Mónica. O homem *é tão extraordinário* – deixa-me pensar um pouco. Não se inventa talvez da lama aos astros, *é o mesmo* em cada circunstância (...).
- (861) (...) ... Elisa quer recitar-me um poema ainda quente do forno. Diz assim – desde a hora em que te vi, que te não posso esquecer e agora que estou aqui, só lembrar *é já morrer*. Achei magnífico (...).
- (862) (...) Já se conheciam. (...) *Eram ambos da Sociedade*, tinham uma raiva poética, que *é terrível por ser já de uma dimensão divina*. (...) Mas só para mim, e antes de se meter, recitou muito cínico: não penses tu que me iludes, com essa montra de jóias, *porque todas as virtudes são em ti as das jibóias* (...).
- (863) Sim, minha querida, *era o teu José de Barros*.
- (864) O José de Barros quer por força contar-me a rivalidade com a Elisa, mas eu estou farto, *quero é estar contigo*. (rivalidade com a Elisa, mas eu estou farto, quero é estar contigo., p.283)

p.283

- (865) (...) Mas não sei por onde começar. *Podia ser pelo Bem*, lembras-te? *éramos ainda jovens*, tu amavas tanto o teu corpo. (...) Amaste-te a ti e *era belo* que outros to amassem também para te confirmarem no teu amor. (...) o Barros patarata, e outros e outros que não nomeio *para não voltarem a ser reais*. Como *é que* pudeste pensar que o Barros me fazia moossa? *Era teu colega* no liceu (...). *É um tolo*, transforma tudo em tolice, uma mulher cede mais depressa porque tudo se transforma em brincadeira, sem portanto pecado algum – deve vir nos breviários de psicologia. Mas o teu corpo *não foi nunca* para ti *uma coisa de brincar* (...).

p.284

- (866) (...) Tenho gosto em conhecê-lo, meu caro doutor juiz, mesmo que me chegue ao pêlo pelo que fiz ou não fiz – e o que tu rias, *não é engraçado?*

(867) Mas eu tinha a sensatez comigo e encolhi os ombros. Como *é que* te sentes na pele de juiz?

(868) (...) Penso agora – uma vida inteira com uma lei que eu não fiz nem me submeteram à aprovação e *era mais provisória do que Deus que também foi*.

(869) (...) – mas eu deixei-vos, não achava piada ao macaquinho, agora está aqui no lar e tem ainda dentro o macaco, mais encurvado por fora, que *é onde se é mais provisório e sem importância*.

(870) (...) Para que *é que* elas o hão-de querer? (...) Não sei, disseste, mas *não é para se lhe cuspir* (...). Quem durou mais tempo *foi o José de Barros*, mas só cuspiam em redondilha maior. *É o que penso* (...)

p.285

(871) – Nunca te gramei

só assim eu compreendo a tua última frase inteligível no começo da tua grande escuridão. Porque *devia ser verdade*.

(872) (...) Eu te baptizo. Na transfiguração que *não era deles*. No sagrado – um dia disseste, ou *sou eu que o penso agora*? (...) E reencontrar-te no fim, perfeita acima da perfeição. E entregar-te esta carta que te escrevo – *que é isso*? (...) Uma carta, simplesmente uma carta. E hás-de sacudir vivamente a cabeça *como era o teu jeito* de insofrida vitalidade.

(873) (...) Encontrar-te depois *na eternidade do teu ser*. Eternidade na Terra, mais alta que a de Deus. *Atravessar mesmo o que era belo e que morreu*.

(874) (...) Há tempos pedi à Márcia aquele retrato dos três quando *eram pequenos* e que tu tinhas na mesinha de cabeceira, até que o arrumaste não sei onde, *por já não ser deles*. (...) E eu pensei *é verdade*. Mas *é a forma de se imitar a eternidade* no que está mais à mão, qualquer miséria assim (...). *A eternidade do teu ser*.

p.286

(875) E eu *fui covarde* porque lhe não disse traz mesmo assim.

(876) *Foi categórica* – isso não. (...) – trago-os *é* no carro grande e vamos todos dar uma volta. Mas ainda não trouxe.

(877) (...) Que criança difícil, o André. Tu e eu revezávamo-nos com ele ao colo para o pormos a dormir, ele desatava aos berros logo que sentia o rabinho na cama. E às vezes *era toda a noite assim* (...).

(878) (...) Atravessar as nossas discussões que *só tinham razão de ser* para darem vazão à tensão doméstica, que não tinha razão nenhuma. A tua excitação com o tal tipo da «voz» na rádio que estou ainda por saber *se foi uma causa ou efeito* para a minha consciência jurídica. (...) por supores que a substância de mim *era mais substancial do que a tua*.

p.287

(879) (...) E no meu sofrimento vi que *era um comboio*. Mas o que mais me custa lembrar *é o teu olhar incerto e atónito* por não entenderes. As palavras que dizias e não vinham ter com a nossa palavra adulta mas com uma outra, infantil, que *era do incompreensível*. E o teu riso. Havia imagens que passavam por ti ou te faziam sinal e te faziam rir – *que imagens seriam?*

(880) (...) A Márcia a princípio vinha com alguma frequência, *era o dever* ainda em estado novo, vinha.

(881) (...) Porque o André não o vejo na memória, não devia já estar. Ou viria tão raramente que *era como se. Quem sou eu?* a Márcia perguntou-te uma vez (...). A Márcia não desistia de te segurar à vida, prender-te ao que te devia lembrar e *ser real*. (...) E *era evidente* que tu recuperavas o teu triunfo esplendoroso no teu riso parado. (recuperavas o teu triunfo esplendoroso no teu riso parado., p.288)

p.288

(882) (...) Devias ouvir-me decerto, devias responder-me, eu *é que* não ouvia.

(883) – Espera lá por mim.

E *foi só isso* o que soube dizer.

p.289

(884) (...) porque na tua face tranquila, longe para sempre de tudo o que te agitou, *era impossível* que a dissesses.

– Dorme – disse-te ainda.

p.291

(885) *É já tarde.* (...) *É penoso* não haver tempo quando o tenho todo. Mas não tenho.

(886) – Como te sentes?

E eu digo-lhe sinto-me muito bem. Mas *não é verdade.* Também to não explico a ti, e para quê? *seria estúpido.* Quero *é* aproveitar o tempo, eu que estou todo em mim para estar todo no que te digo. Uma vontade absoluta de te amar, que o absoluto *é a medida humana, é assim.* Atravessei o horror e a humilhação. (...) Está uma noite quente, *deve ser o fim do verão.* (...)

p.292

(887) (...) Amo-te para lá de todas as profecias, das que te caucionem o fim e das que te anunciaram *o que serias para lá.* Amo *o impossível da eternidade do teu ser,* a tua face instantânea, o que de ti estremece no sem-tempo do meu querer. Não te espero para depois, nenhuma profecia falou de ti para o que *é nomeável.* Tudo isto *é difícil* e eu não to sei dizer. Tudo isto está fora das leis humanas ou divinas porque *é maior do que elas* (...). Há o nosso encontro aí porque tudo pesa imenso e nós *devemos ser verdade.* Verdade acima de um corpo que apodrece e de um espírito que se extraviou.

(888) (...) O que amei em ti onde *é que* estava?

(889) (...) Para lá de ti, *o inqualificável de tu seres,* o absurdo indecifrável da tua presença. Um pouco disso, um nada disso.

(890) (...) Reconheço-te, não te sei dizer, que *é que* de mim reconheces para um encontro plausível? Passar além da memória, do que aflige e humilha, mesmo do que *foi bom* que existisse.

p.293

- (891) (E ficar não, p.292) E ficar não o que *é belo* que fique, porque *é mais alto e mais vasto do que isso*. O incorruptível, não do teu corpo, mas *do teu ser*. (...) A tua essência, poderei dizê-lo? a tua divindade antes de haver deuses, uma coisa assim. E eu ir ter contigo e *sermos em iluminação*.
- (892) (...) Estar contigo no absoluto de nós – onde *é que poderemos ser todos* no indizível e incomparável? Não tenho mais nada e *sou contente*. (...) Não digas amor, que *é um pouco arrepiante*, mesmo com tudo o que lhe acrescentes. (...) *O fulgor de sermos* e os astros estarem de acordo. E os deuses que ainda não nasceram e *são puros* de um início que não tiveram. Uma coisa assim – e que pena *não saber o que é*. (...) Muito mais do que te quis e *era já sem limite como é próprio de um grande amor*. No dedo do pé direito – mas não te emociones muito, sacode a comoção no teu jeito da cabeça com que sacudias tudo *o que era importuno*. No pé direito, o recomeço da corrupção – *não seria absurdo* que eu não estivesse contigo?
- (893) (...) Estou calmo *como seria bom* que entendesses, fui deixando atrás o que só existe com a perturbação que *é sua*.

p.294

- (894) (Mesmo, p.293) Mesmo o que *foi em alegria e posse do mundo*. (...) *É a minha altura*, estou bem. (...) *Não é esse* o fim decente de um homem? A purificação. No que em lixo vai ficando *do que fomos como gente*.
- (895) (...) *No incompreensível de seres*.
- (896) (...) Tudo *é agora o sono da noite*. Olho-a. Escuto-a. *É imensa e aflitiva como a ternura*.
- (897) (...) *São gentes* do erro e do medo. Levam a vigília para a noite, dormem assustados à guarda do sol. *É tarde já*. A minha fadiga. O meu sono.
- (898) *E vão sendo horas* enfim de descermos o rio.

p.295

(899) (...) Estaremos nus desde o início, sem vergonha anterior. Nudez primitiva, não a saberemos. Porque *será a nudez* para antes de os deuses nascerem.

Anexo 2:

Figuras, imagens e tabelas

I.0.	48
I.1.	54
I.2.	35
I.3.	1
I.4.	0
I.5.	8
I.6.	3
I.7.	101
I.8.	1
I.9.	13
I.10.	5
I.11.	0
I.12.	6
I.13.	4
I.14.	0
II.1.	579
II.2.	76
II.3.	1140
II.4.	64
III.1.	2
III.2.	10
III.3.	1
III.4.	8
III.5.	4
III.6.	235

**Tabela de ocorrências:
Contagem segundo o Quadro 1**



Fig. 1 Melo, Gouveia



Fig. 2 Vila Josephine



Fig. 3 Pormenor exterior da Vila Josephine



Fig. 4 Marcas de outras artes em Vergílio Ferreira



Fig. 5 Retalhos da vida do autor e da família



Fig. 6 A galinha que inspirou o conto com o mesmo nome;.O “escritório” em Melo.



Fig 7 Vergílio Ferreira, ao centro. Foto da peregrinação a Lourdes.

Fig. 10 E o autor descansa em paz, *Para Sempre...*





Universidade da Madeira

Sintaxe e Semântica do verbo *Ser* no romance *em nome da terra* de Vergílio Ferreira

Errata

Página	Linha/Nota	Onde se lê:	Deve ler-se:
1	3	Shakespear, In “ <i>Hamlet</i> ”	Shakespeare, in <i>Hamlet</i> .
7	nota 3	Português	<i>Português</i>
8	nota 4	Op. Cit.	<i>Op. Cit.</i>
9	24	bio bibliográficos	bio-bibliográficos
9	28	e Badajoz a Lisboa, de Coimbra	e Badajoz, Lisboa e Coimbra
11	7	In <i>Escrever</i> ,	<i>In Escrever</i> ,
16	26	(<i>Matin Perdu</i>)	(<i>Matin Perdu</i>)
20	17	Conta-Corrente	<i>Conta-Corrente</i>
20	21	a caracterizar	as caracterizar
106	21	<i>in Discurso ao receber o Prémio Europália</i>	<i>In Discurso ao receber o Prémio Europália</i>

Nota 1: Sempre e quando nos referimos ao verbo *Ser* que está em estudo, o mesmo deve aparecer em itálico: *Ser*.

Nota 2: A palavra *nominalizado*, deverá ler-se *nominalizado*.